

Universidade Federal do Rio Janeiro

BARRA DA TIJUCA
UMA ARQUITETURA ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA



Maria Clara Amado Martins

2007



BARRA DA TIJUCA
UMA ARQUITETURA ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA

Maria Clara Amado Martins

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Arquitetura.

Orientador: Olinio Gomes Paschoal Coelho
Co-orientadora: Ângela Ancora da Luz

Rio de Janeiro
Novembro-2007

BARRA DA TIJUCA
UMA ARQUITETURA ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA

Maria Clara Amado Martins

Orientador: Olinio Gomes Paschoal Coelho
Co-orientadora: Ângela Ancora da Luz

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Arquitetura.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Livre Docente Doutor Olinio Gomes Paschoal Coelho
FAU/PROARQ/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Doutora Ângela Ancora da Luz
EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Doutora Maria José Gomes Feitosa
FAU/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Doutor Gerônimo Leitão
FAU/Universidade Federal Fluminense

Prof. Emérito Doutor Walmor José Prudêncio
FAU/PROARQ/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
Novembro-2007

M386 Martins, Maria Clara Amado,
Barra da Tijuca: uma arquitetura entre a ética e a estética./ Maria Clara Amado Martins. - Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2007.
ix, 145 f.: il.; 30 cm.
Orientador: Olinio Gomes Paschoal Coelho.
Co-orientadora: Ângela Ancora da Luz.
Tese(doutorado) - UFRJ/PROARQ/ Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2007.
Referências bibliográficas: f. 156 -162.
1. Estética (Arquitetura). 2. Barra da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ). 3. Ética
I. Coelho, Olinio Gomes Paschoal.II. Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. III. Título.

CDD 720.1

RESUMO

BARRA DA TIJUCA UMA ARQUITETURA ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA

Maria Clara Amado Martins

Orientador: Olinio Gomes Paschoal Coelho
Co-orientadora: Ângela Ancora da Luz

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Arquitetura.

O bairro da Barra da Tijuca, desde a implantação do Plano-Piloto de Lúcio Costa, 1969, até os dias de hoje, transfigurou-se numa das mais comentadas regiões da cidade do Rio de Janeiro. A proposta do arquiteto tem afinidades com os conceitos formulados no IV CIAM, em 1933, e referenda os postulados do urbanismo racionalista. Os contrastes e paradoxos provocados pelo distanciamento do momento modernista com a aplicabilidade do plano logo apareceram, provocando muitas alterações. Discutiu-se o seu caráter elitista, as grandes glebas, os condomínios fechados e a velocidade como protagonista. Diversas alterações foram sendo realizadas, em busca da diminuição dos percursos e da adaptação do bairro às culturas que lá chegaram, o que resultou em uma identidade formada pela diversidade. O estudo aborda estas questões, usando a Teoria dos Valores como paradigma, através da interpenetração entre a Ética e a Estética, que investiga a Barra da Tijuca como sujeito e objeto, utilizando as postulações de Immanuel Kant, que desloca a idéia de valor para o domínio pessoal da consciência. O Criticismo estabelecido pelo filósofo servirá como alicerce para a verificação do modelo urbano e suas alterações, assim como a relação entre ele e a morfologia do bairro, que o transformaram no ícone mais recente da cidade, direcionando o seu crescimento e a constatação de que a Barra da Tijuca é uma arquitetura entre a Ética e a Estética.

Palavras-chave: Barra da Tijuca, Arquitetura, Ética, Estética.

Rio de Janeiro
Novembro - 2007

ABSTRACT

BARRA DA TIJUCA AN ARCHITECTURE BETWEEN ETHICS AND AESTHETICS

Maria Clara Amado Martins

Orientador: Olinio Gomes Paschoal Coelho
Co-orientadora: Ângela Ancora da Luz

Doctorate Thesis Abstract submitted to the Post-Graduation Program in Architecture of the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo of the Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Federal University of Rio de Janeiro), as part of the necessary pre-requisites to achieve the title of Doctor in Architecture.

The neighborhood of Barra da Tijuca, since the implementation of Lucio Costa's Pilot Plan, in 1969, until today, has become one of the most talked-about areas in the city of Rio de Janeiro. The architect's proposal is related to the concepts formulated in the IV CIAM, of 1933, and it reinforces the postulates of the rationalist urbanism. The contrasts and paradoxes provoked by the distance to the modernist moment with the applicability of the plan appeared soon, causing many alterations. Its elitist character has been discussed, as well as its big dimensions, its closed condominiums and its speed as protagonist. Many alterations have been done aiming at the shortening of its paths, and the neighborhood's adaptation to the many cultures that set foot there, what resulted in an identity formed by diversity. The study weighs these questions, using the Values Theory as paradigm, through the interpenetration between ethics and aesthetics, investigating Barra da Tijuca as subject and as object, using the postulations of Immanuel Kant, relocating the idea of value into the personal domain of consciousness. The Criticism established by the philosopher will serve as the basis to the verification of the urban model and its alterations, as well as the relationship between it and the neighborhood's morphology, which turned it into the city's most recent icon, directing its growth, and the realization that Barra da Tijuca has an architecture between Ethics and Aesthetics.

Key-words: Barra da Tijuca, Architecture, Ethics, Aesthetics.

Rio de Janeiro
Novembro – 2007

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Stny e Everardo, por terem me ensinado a Teoria dos Valores: a Ética, a Estética, a Fé e, sobretudo, o Amor.

AGRADECIMENTOS

Ao Orientador, Professor Olinio Gomes Paschoal Coelho e à Co-orientadora Professora Ângela Ancora da Luz: muito obrigada ! Ambos, importantes na minha formação acadêmica, em etapas distintas, Olinio na FAU e Ângela na EBA. Possuidores de um brilhantismo e capacidade profissional que sempre me seduziram, além de acadêmicos empreendedores, o que me faz acreditar na vida acadêmica saudável, onde o juízo de valor é dado pelo “saber”. A cada um, a especificidade da minha delicadeza.

Professor Olinio Gomes Paschoal Coelho:

Obrigada, antes de tudo, por ter aceitado a missão de me orientar. Parecia fácil..., mas não foi. Desde o início fizemos “enfrentamentos”, tão necessários ao viver, mas, a dignidade venceu. Obrigada por ter me apresentado Johannes Hessen e sua Filosofia dos Valores, o começo de tudo. Obrigada por ter me feito perceber que tinha um amigo, firme e terno, que nunca hesitou em pedir que eu refizesse capítulos e recuperasse o “norte” do trabalho. Que bom que você fez isso ! E a sua lição, que eu guardarei para toda a vida : “da meta jamais volver os olhos”. Prometo segui-la.

Professora Ângela Ancora da Luz:

Obrigada, antes de tudo, por ter aceitado a missão de me co-orientar. Parecia fácil..., mas não foi. Os enfrentamentos filosóficos não foram simples e suscitaram muito de sua paciência, e como ela foi importante ! Obrigada por ter me apresentado os juízos de Immanuel Kant. Obrigada por ter me feito perceber que tinha uma amiga, também firme e terna, que também me norteou nos caminhos mais íngremes. Que bom que você fez isso ! E a sua lição, que eu guardarei para toda a vida: “fé”. Prometo segui-la.

Como não caberia aqui minha gratidão, coloquei sutis referências de feitos, fatos e discursos de cada um no trabalho. Mimos que a minha memória guarda. Esta foi a maneira que encontrei de homenageá-los.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BARRA DA TIJUCA	19
3 QUADRO TEÓRICO	58
4 ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA	87
5 CONCLUSÃO	144
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155

1 INTRODUÇÃO

A Barra da Tijuca é um bairro singular dentro da cidade do Rio de Janeiro. Inserido na zona oeste, é constituído por 12 quilômetros de praias e com um terço de sua superfície composta por água. Possui um rico ecossistema: mar, rios, lagoas, canais, mangues, vegetação de restinga, dunas, montanhas, pedras e, ao fundo, como moldura, a mata atlântica. Um cenário natural e exuberante que desperta a atenção de todos.

Inicialmente ocupada pelos portugueses no século XVI, a região possuía, além do mar, boas terras para o plantio da cana de açúcar. Posteriormente, posiciona-se como um balneário para a prática do veraneio, o que vai caracterizar sua ocupação no início do século XX. Era natural que, gradualmente, os acessos fossem melhorados, sua topografia vencida e aquela região sofresse uma ocupação mais efetiva.

Em 1969, a cidade do Rio de Janeiro, por sua posição geográfica situada entre o mar e a montanha, não cabia mais em seus limites ocupados, e o caminho natural de expansão era a zona oeste. O Governo do Estado já sentia a necessidade de promover o desenvolvimento da Barra da Tijuca, através de uma intervenção urbana, para planejar esta ocupação.

Lúcio Costa foi o arquiteto convidado para realizar o **Plano Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá**, com a finalidade de ordenar aquele

crescimento. A expectativa era de que o Plano fosse “capaz de organizar a ocupação e o crescimento da Barra da Tijuca, preservando e melhorando as condições de habitabilidade do local, mantendo-as no mais alto nível” .¹

Esta era também a preocupação do arquiteto Lúcio Costa.

A principal preocupação do Plano Lúcio Costa foi a preservação da natureza, ou mais do que isso, conciliar o interesse de desenvolvimento urbano com os aspectos naturais da região. E esta preocupação se justifica exatamente porque seria desprovido de sentido um plano de urbanização que não se preocupasse em preservar a qualidade da vida e o potencial turístico do local, reconhecidamente um dos mais belos do mundo e um dos mais ricos em termos de fauna e flora.²

Hoje, é o bairro com maior crescimento imobiliário da cidade e agrega a opção de moradia, lazer, serviços e sede de grandes empresas da cidade, com uma vasta produção de arquitetura, onde se desenha uma nova forma, bem distante daquele balneário dos anos 70, quase desabitado, freqüentado apenas nos fins-de-semana.

A Barra significa um novo modo de viver urbano representado, principalmente, por seus condomínios residenciais fechados, até então uma tipologia urbana desconhecida no Rio, por *shopping centers* que substituíram o tradicional comércio de rua e pistas de alta velocidade que determinam o traçado viário, constituindo-se num dos espaços mais discutidos e polêmicos do Rio de Janeiro pelas questões que aqui serão apresentadas.

Ao estudar o bairro, deparamos com uma dinâmica suscitada pela alteração de sua paisagem quase que diariamente, o que possibilita a

¹ O Rio corre para a Barra. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, mar. 1975, p. 27.

² *Ibid.*, p. 25

avaliação de um juízo de valor. E, sendo, curiosamente, um bairro composto quase mais de água do que de terra, rodeado por montanhas, vista para o mar e tantos outros atributos naturais que poderiam configurar uma obra inédita, deixa-se envolver por critérios discutíveis e que suscitam uma avaliação crítica.

Considerando a complexidade do assunto, vale lembrar Bruno Zevi a exigir da crítica de arquitetura novos vetores, e não a simples limitação a um fenômeno plástico. O autor aponta a dificuldade de abordagem crítica da arquitetura quando se tenta reduzi-la a outras formas de artes visuais, conforme citação abaixo.

...a dificuldade de se tratar criticamente arquitetura, limitando-a a um simples fenômeno plástico e desta forma esquecendo o que é específico da arquitetura e, portanto, diferente da escultura e da pintura, isto é, no fundo o que vale na arquitetura como tal.³

Com isso, Zevi estava abrindo a discussão para uma lacuna real e prejudicial: a exigência de uma nova atitude crítica diante da arquitetura para, então, estabelecer a construção de um novo olhar. Esta reflexão encontra suporte na teoria da arquitetura, que tem pontos em comum, tanto com a história da arquitetura, como com a crítica, distinguindo-se, porém, dessas duas atividades pela associação com outros campos do saber.

Através da teoria da arquitetura é que se retiram ferramentas para a construção de novos paradigmas visando à renovação do ensino de graduação. Entre tantas leituras de arquitetura, este estudo definiu como

³ ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. Tradução Maria Isabel Gaspar; Gaetan Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 9.

paradigma para sua investigação o método filosófico e suas reflexões dentro da teoria dos valores.

Como estudo de caso para este pensar crítico, o bairro em questão seduz porque, pontualmente, traz a questão da crítica associada à relação filosófica que discute a Ética e a Estética na arquitetura.

A Estética e a Ética, enquanto disciplinas filosóficas, com toda a subjetividade que encerram, têm sido revisitadas pela arquitetura, com volúpia, desde os primeiros anos do século XX. Basta considerar , já nos primeiros anos, movimentos e conceitos arquitetônicos muito diferenciados entre si na formulação estética que, imediatamente, e em razão proporcional, faz surgir juízos valorativos os mais diversos.

E este é exatamente o limite que a crítica da arquitetura encerra, porque o juízo de valor estabelece parâmetros que, por sua vez, não podem ser ignorados, principalmente levantando a discussão da ética. Como então estabelecer os limites para discussão da ética e da estética na arquitetura ?

O juízo recoloca as questões dos critérios e parâmetros que o tornam possível. A renúncia ao juízo pode significar uma volta à barbárie, por mais estetizada que seja. A estética remete-nos, então, à ética ⁴.

Diante da afirmação da linha teórica utilizada, o estudo define o tempo presente, a “atualidade”, como vetor. Para tal, escolheu como estratégia primeira, a apresentação do bairro, partindo do passado e de uma hipótese de ocupação francesa imaginada por Lúcio Costa para discorrer sobre o bairro,

⁴ ROSENFELD, Denis (Org.). *Ética e Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 8.

sua ocupação, seus acessos, sua natureza e o conjunto de propostas urbanas formuladas pelo arquiteto, para então chegar aos dias atuais.

Define-se também o campo de atuação do estudo, utilizando três marcos para delimitar a área de avaliação, um triângulo formado pela Pedra da Panela, Reserva de Marapendi e o Morro da Joatinga.

A partir daí são apresentadas as características que resultaram no dinamismo que o bairro apresenta no tempo presente.

A velocidade como marcação do plano, onde o uso do automóvel é priorizado, a tipologia de *shopping centers*, substituindo o tradicional comércio de ruas, optando pela descrição dos mais importantes, o modelo residencial dos condomínios fechados, com torres altas, e toda a infra-estrutura que oferecem.

Discute-se ainda a migração comercial que vem ocorrendo, assim como seu potencial de lazer, incluindo-se aí os equipamentos culturais , e o movimento diuturno que o bairro apresenta. Por fim, a constatação de seu crescimento populacional e o adensamento das edificações, como prevêem as pesquisas.

Os problemas decorrentes de seu crescimento desordenado, em muito desagradaram Lúcio Costa, que os denominou de “desmantelos” , como a degradação da paisagem natural e saneamento básico ineficaz.

Por outro lado, é necessário reconhecer a nova morfologia como responsável pela introdução de mudanças comportamentais, que seduzem esta população que não pára de crescer e que faz alusão à natureza, ainda sedutora, da região.

No cruzamento de todos estes dados, a Filosofia dos Valores aparece como paradigma escolhido para o embasamento deste trabalho. Inicialmente, a sua justificativa como ciência e o entendimento de alguns filósofos da necessidade da aproximação com outros campos de saber, assim como o seu crescimento enquanto base teórica ao incorporar uma nova consciência que amplia a visão do mundo.

A seguir, a definição da Teoria dos Valores ou Filosofia dos Valores, disciplinas que se ocupam da Ética, da Estética e da Filosofia da Religião para finalmente chegar à conceituação dos valores definidos para ancorar este estudo: a Ética e a Estética.

A escolha pelo pensamento de Immanuel Kant e suas questões ético-estéticas são definidas tendo como base o deslocamento que faz, introduzindo uma filosofia onde não existem apriorismos, e por isso, não é o sujeito que gira ao redor do objeto, mas ao contrário: o que o sujeito conhece é produto de sua consciência. O sujeito autônomo proposto por Kant provoca uma revolução no estudo da Filosofia.

Como resultante, é necessária a interpenetração entre os valores éticos e estéticos e o entendimento do bairro da Barra da Tijuca, enquanto sujeito e objeto, através da definição de dois vetores: o modelo urbano racionalista escolhido para o bairro e sua busca por uma identidade.

Com relação ao modelo urbano, a percepção da grandiosidade do projeto de expansão e a missão de Lúcio Costa como planejador daquele crescimento e sua escolha pelo modelo urbanístico racionalista, são tratados ao mesmo tempo em que se aponta o paradoxo da presença de outras teorias urbanas nos anos 60.

Por causa disto, as primeiras discussões aparecem com o questionamento das grandes glebas, cidades-torres e a possível elitização do Plano, que em seu início não atendia a todas as camadas da população. Ao mesmo tempo, valoriza-se a preocupação do arquiteto com a preservação da natureza, a marcação dos cinturões verdes e a escolha da Pedra da Panela como referência de altura para o seu plano.

A interpenetração entre os valores éticos e estéticos é apresentada na pretensão à universalidade e no conceito de boa vontade, quando é citada a crença do arquiteto na solução encontrada como uma ordem geral.

A citação de outras teorias urbanas e o distanciamento das concepções modernistas, que vêem o espaço como algo autônomo e a importância do contraste, da história e da cidade como criação humana e parte de um processo coletivo e tornam-se importantes para entender as mudanças apontadas e a busca pela diminuição dos percursos. Realiza-se na Barra a busca pela “boa cidade”, fornecida dentro de distâncias a pé compatíveis e agradáveis e a discussão kantiana de espaço e tempo.

Estas mudanças são exemplificadas através da busca pela calçada e da inserção de elementos urbanos como quiosques, bancas de jornais, a criação de *shoppings* de menor porte, a especialização crescente das padarias, entre outros equipamentos apresentados, diminuindo os percursos e facilitando o caminhar, mais atrelado ao modelo tradicional de bairros do que a uma paisagem modernista.

A busca por uma identidade, a percepção de que esta questão está ainda no Plano-Piloto, quando o arquiteto mostra sua preocupação com a

intervenção da área, mas ao mesmo tempo pretende que o seu modelo retome a unidade da cidade.

Explicitamente, o plano aponta Copacabana e Tijuca como modelos que devem ser evitados, assim como tem a intenção de corrigir os erros cometidos no Leblon e Ipanema, fazendo emergir os não-modelos.

A partir daí, percebe-se uma sucessão de intervenções na Barra da Tijuca e que vão referendar sempre algo que não está nela: os primeiros condomínios com o nome de Nova Ipanema e Novo Leblon e a associação com as férias, o lazer.

Mas, paradoxalmente, no avanço dos anos 70, outras conjunções aparecem e Copacabana e sua Avenida Atlântica passam a ser consideradas o modelo ideal para orla da Barra da Tijuca. Encaminha-se uma discussão sobre as vantagens desta sobre Ipanema e Leblon, menos turísticas.

Provoca-se a mudança de gabarito na orla, liberando o pavimento inferior, para incentivar a presença de bares e restaurantes, o que hoje é uma realidade.

São transgressões ao plano que muito incomodam o arquiteto e que transformam rapidamente o perfil do bairro, mas também é visível a acomodação da sociedade que se identifica com aquelas referências e todas as outras que vão surgir.

Os exemplos citados são muitos, como *shopping* New York City Center, aqui reduzindo a importância da Estátua da Liberdade, e sim enfatizando os lugares e os não-lugares que a Barra projeta, o Downtown, o Barra World e até a busca por um passado que não tinha, como a praça de alimentação no BarraShopping que rememorava o Rio Antigo.

E assim, a Barra da Tijuca organiza-se enquanto sujeito e objeto, e sob o prisma kantiano, discute e rediscute suas próprias questões, impondo seus desejos, como protagonista de sua construção, realizando com isso a plenitude de sua avaliação, um bairro entre a Ética e a Estética.

2 BARRA DA TIJUCA

O caminho mais óbvio, para começar a falar sobre o bairro da Barra da Tijuca, deveria ser a narrativa do que ele é hoje, a dinâmica do tempo presente que é o tempo da vivência, e que o coloca como um dos bairros mais discutidos e polêmicos da cidade. Mas, não será essa a estratégia para descrevê-lo. Ao invés de começar pelo presente, vamos falar do passado.

Mais precisamente, vamos começar de uma hipótese lúdica levantada por Lúcio Costa, e não tão inverossímil assim, quando do desembarque dos corsários franceses no Rio de Janeiro, liderados por Jean François Du Clerc, em 1710, em mais uma tentativa de invasão à cidade.

A história conta que o desembarque aconteceu em Guaratiba, mas, para Lúcio Costa esta versão não é a melhor estratégia para se alcançar a cidade, e sendo assim, construiu uma outra possibilidade.

O imaginário do arquiteto, já imbuído da invenção da Barra da Tijuca, encerra o seu Plano Piloto com dois parágrafos que reinventam a história, onde afirma que as tropas francesas lideradas por Du Clerc teriam desembarcado, não em Guaratiba, mas sim na praia de Sernambetiba, para posteriormente avançarem por outros caminhos da cidade do Rio de Janeiro.

De volta, assim, ao chão do futuro *Centro* da cidade, encerra-se esta “randonnée” urbanística imaginária. Tal como no primeiro século, quando nasceu, com Villegaignon, na Guanabara, também agora, ao renascer na Barra, a presença da França se faz sentir, pois foi provavelmente na praia de Sernambetiba, protegida pelo Pontal, que Du Clerc desembarcou a sua tropa, e não em Guaratiba, onde ancorou, porque, dispondo de uma praia acessível e resguardada, não teria o menor cabimento, já que o propósito era alcançar a cidade, desembarcar do outro lado da serra.

Seja como for, é comovente a lembrança, nesta oportunidade, quando se cogita de urbanizar a região, daquelas centenas de soldados de Luís XIV, de botas e tricórnio, a embrenhar-se terra adentro em busca dos vales, ou a bordejar as faldas da montanha, para evitar as lagoas e os canais, seguindo então a trilha que seria depois a estrada de Guaratiba, atual Bandeirantes, e passando ao largo deste descampado onde um dia afinal surgirá, definitiva, a Metrópole.⁵

Ficção ou realidade, não importa, a não ser perceber nas entrelinhas a expectativa que o arquiteto dava à Barra da Tijuca, área de sua intervenção. Até porque, talvez para ele, nascido na França, a possibilidade do desembarque francês na Sernambetiba retoma um modelo afetivo que remonta à sua infância. E, naquele momento, estavam em suas mãos, através do Plano Piloto, a construção da infância do bairro e a responsabilidade pelo seu crescimento.

E, se assim Lúcio Costa encerra o Plano, assim também nos valem para começar a falar sobre a Barra da Tijuca.

Lúcio Costa, em seu imaginário lúdico, teve a ousadia de sonhar o “sonho de inventar” um novo bairro através de seu Plano-Piloto e, desta maneira, acreditava estar reinventando a própria cidade.

⁵ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 15.

Os caminhos que levaram à imagem do bairro hoje, talvez não tenham sido os prescritos por ele. Seu descontentamento pelos rumos que o bairro tomou é notório. Talvez o arquiteto não tenha percebido que, de fato, inventara um bairro e que os fatores que levaram a isso tiveram como ponto de partida vetores do seu planejamento. É o que vamos apresentar agora: a Barra da Tijuca, do passado até os dias de hoje.

Os franceses podem até ter estado por lá, mas decerto não foram eles os primeiros estrangeiros a pisarem naquele solo. Da chegada dos portugueses ao Rio de Janeiro, em 1565, até o começo da efetiva ocupação da Barra da Tijuca, há uma longa trajetória a percorrer.

No século XVI, o bairro, mesmo imune ao crescimento da cidade por uma geografia que dificultava o seu acesso, bloqueado por montanhas e com muitos terrenos alagados, já era utilizado como zona de cultivo, de criação de gado, de atividades de caça e pesca ou lazer.

Relatos dão conta do acerto dos portugueses para escolher sítios para bem morar, de natureza pródiga, entre outros atributos que qualificam a Baixada de Jacarepaguá e Barra da Tijuca como um lugar já especial, relacionado ao repouso e à contemplação, desde o seu início.

Em Jacarepaguá nós facilmente nos convenceremos de que os portugueses não eram apenas mestres inexcedíveis na arte das fortificações (...) Eles eram mestres também na escolha dos sítios melhores que existiam para bem morar em repouso das cidades, desfrutando da natureza o que de melhor ela possuía (...)⁶.

⁶ PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; CANEDO, Eliane . *Barra da Tijuca : a construção do lugar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 54.

Entende-se assim porque no século XVI, quando Salvador Correia de Sá, um dos primeiros governadores do Rio de Janeiro, presenteou seus dois filhos, Gonçalo e Martim, com toda a imensa sesmaria de Jacarepaguá e Barra. Diz-se que, a partir desta divisão, “começou a complicada questão fundiária da Barra da Tijuca”.⁷

A história ainda conta que, em 1667, a grande área inicialmente repartida por seus filhos, sofreria uma nova cisão que ajuda a entender a sua preservação. Parte da gleba chegaria por doação aos monges do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, que promoveram uma ocupação lenta e gradual, entre os séculos XVIII e XIX, deixando como marco a igreja de N. S^a de Montserrat, construída entre os anos de 1766 e 1760, na Estrada dos Bandeirantes.



Igreja N. S. de Montserrat⁸

⁷ GONÇALVES, Antonio Luiz. *Barra da Tijuca, de rua em rua*. Rio de Janeiro: Rio, 2005, p. 23.

⁸ As imagens onde não estão identificadas a fonte, pertencem à autora.

A outra parte foi enquadrada pela família na Lei do Morgado, “que estabelecia que as propriedades fundiárias não poderiam ser alienadas ou divididas e, por morte do seu titular, o “morgado”, deveriam ser repassadas nas mesmas condições para o seu filho mais velho”.⁹ Como essa lei esteve em vigor até 1820, impedindo a alienação dos patrimônios, as terras permaneceram íntegras.

A partir daí, em 1891, foram repassadas para a Companhia Engenho Central de Açúcar e Cana de Jacarepaguá e depois para o Banco de Crédito Móvel, dando início às demandas judiciais pela posse da terra da Barra da Tijuca, entre títulos de propriedade, liquidantes, possíveis e legítimos herdeiros.

A Barra da Tijuca tem, atualmente, quatro grandes proprietários: “Pasquale Mauro, Tjong Hion Oei (ESTA), Múcio Athayde (Grupo Desenvolvimento e Engenharia S. A.), e Carlos Fernandes de Carvalho (Carvalho Hosken S. A.)”.¹⁰

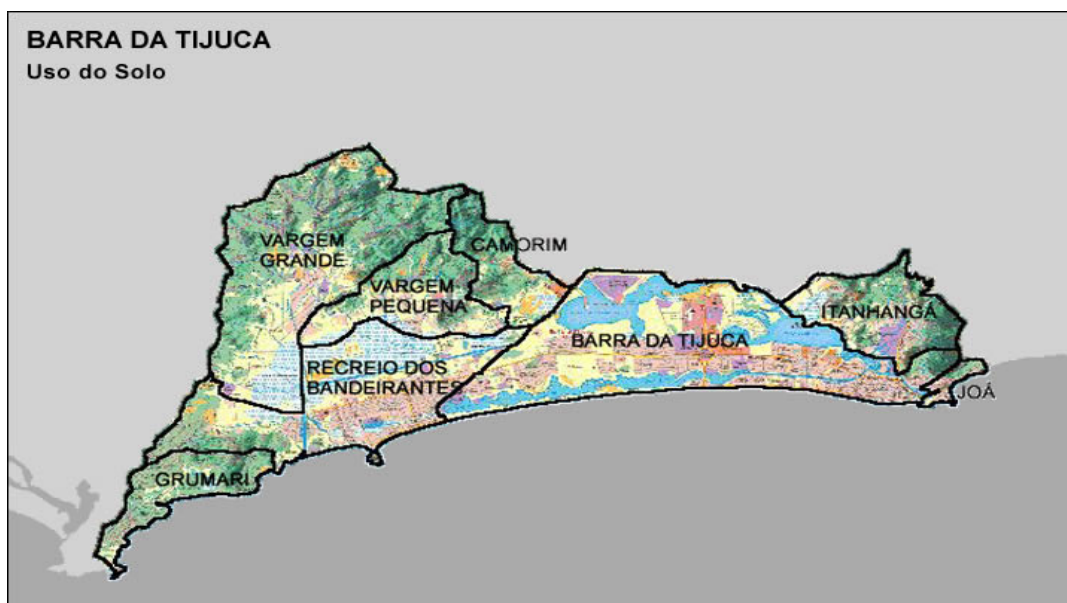
Inserida na XXIV Região Administrativa da Barra e Jacarepaguá e, desde 1975, pelo Plano Urbanístico Básico do Rio, constitui a Área de Planejamento 4 (AP4), considerada a região administrativa mais extensa do Rio de Janeiro, com área total de 17.600 hectares, o que representa 14 % do total da cidade, ou seja, “o equivalente a 30 bairros de Copacabana e Leme somados”¹¹.

⁹ GONÇALVES, Antonio Luiz. *Barra da Tijuca, de rua em rua*. Rio de Janeiro: Rio, 2005, p. 29.

¹⁰ *Ibid.*, p. 34.

¹¹ PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; CANEDO, Eliane. *Barra da Tijuca : a construção do lugar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 21.

Seu território, na realidade, integra os bairros de Grumari, Vargem Grande, Vargem Pequena, Camorim, Recreio dos Bandeirantes, Joá, Itanhangá e a Barra da Tijuca propriamente dita, e objeto deste estudo.



Mapa da XXIV Região Administrativa

Fonte: GONÇALVES, Antonio Luiz. *Barra da Tijuca, de rua em rua*

A região da Barra da Tijuca é o local onde o patrimônio ambiental natural tem o maior número de unidades de preservação da cidade: lagoas, praias exuberantes, algumas ainda preservadas de ocupação, restingas, sítios quase rurais, morros, pedras, mata atlântica, manguezais e parques.

Em alguns sítios, entre 1965 e 1969, foram encontrados sambaquis que revelam a presença de habitantes anteriores aos indígenas da época do Descobrimento, com destaque para o Sítio do Canal (próximo à Praça do Ô), e

o Sítio da Lagoa de Marapendi, aterrado em 1974, sob o condomínio Novo Leblon.

Como resultante deste cenário, é também a região com maior número de APAs (Áreas de Preservação Ambiental) da cidade. São quatro ao todo – Marapendi, Prainha, Orla Marítma e Grumari.



Grumari e Prainha– Áreas de Preservação Ambiental da XXIV Região Administrativa
Fonte: www.barradatijuca.com.br

Inserido nesta região, o bairro da Barra da Tijuca possui 3.600 hectares ou 36 km², o que equivale a um quinto da área total da XXIV RA, da qual faz

parte. Também é o mais populoso dos bairros desta vasta região administrativa, com cerca de 220.000 habitantes¹².

A Barra é constituída pela Barrinha, Tjucamar, Jardim Oceânico e o restante da área até a avenida Salvador Allende. Conta ainda com um grande complexo lagunar, formado pelas lagoas de Jacarepaguá, Camorim, Tijuca, Marapendi e Lagoinha.

Para um embasamento científico deste trabalho, considerando a dimensão do bairro, foi estabelecido um recorte espacial e temporal, que acreditamos sintetizar de forma precisa, as questões que serão tratadas.

Com relação ao espaço, o bairro será tratado dentro de três limites geográficos. Tendo o mar e a avenida Sernambetiba como referências, será analisada toda a sua extensão incluindo-se a área da Reserva Marapendi, que faz divisa com o Recreio dos Bandeirantes, e em direção aos maciços, até a Pedra da Panela, marco utilizado por Lúcio Costa como referência para seu Plano-Piloto e, por fim, o Morro da Joatinga, divisa com a Joatinga.

A escolha por estes marcos para demarcar o espaço é justificada pelo fato de representarem três importantes elementos da paisagem natural do bairro, e sendo assim, constituem-se referências para o olhar de qualquer pessoa que percorra aquele espaço .

Na página a seguir, a imagem demarcada no triângulo, onde são apontadas as três referências:

¹² ALMEIDA, Livia de; CERQUEIRA, Sofia. Um jeito diferente de ser carioca. *Veja*, Rio de Janeiro, ano 39, 15 nov. de 2006. Veja Rio ano 16, n. 45 , p. 20.

Pedra da Panela



Reserva Marapendi



Pedra da Joatinga

Mesmo o olhar mais distante há de perceber que a Barra da Tijuca representa um microcosmo dessa grande região, especialmente no que diz respeito à sua natureza exuberante, o que foi prontamente percebido por Lúcio Costa, ao se deparar com a então Reserva Biológica de Marapendi, dentro dos limites do bairro.

A Reserva Biológica aspirava à preservação de toda essa área como parque nacional. E de fato, o que atraía irresistivelmente ali, e ainda agora, até certo ponto, atrai, é o ar lavado e agreste; o tamanho, - as praias e dunas parecem não ter fim; e aquela sensação inusitada de se estar num mundo, intocado, primevo.¹³ (*grifo nosso*)



Marapendi - Área de Preservação Ambiental da Barra da Tijuca
Fonte: www.barradatijuca.com.br

Trata-se de um rico ecossistema que compreende restingas, praias, mangues, lagoas e dunas, e cujo histórico de proteção ambiental remonta à década de 30, através de propostas de criação de reserva biológica, o que

¹³ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*, Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 8.

acabou ocorrendo em 1959, com a instituição da Reserva Biológica e posterior tombamento pelo Estado da Guanabara em 1969.

Recentemente, a Lei Orgânica do Município (artigo 463) declarou a Lagoa de Marapendi como área de Preservação Permanente e, pelo Decreto no. 10.368, de 15.08.1991, cria-se a APA do Parque Zoobotânico de Marapendi que restou ampliada e transformada no Parque Municipal Ecológico de Marapendi pelo Decreto 14.203, de 18.09.1995.

Mas, apesar desta natureza instigante, a ocupação da região era lenta, pelas dificuldades geográficas de acesso e pelo processo de ocupação da cidade, que priorizou as terras do subúrbio e das Zonas Norte e Sul desde o início da colonização do Rio de Janeiro, e, “durante anos, a Barra foi considerada um destino pouco atraente para quem não estivesse imbuído do espírito de aventura”¹⁴. Era preciso vencer as distâncias....

De maneira gradual, vão sendo abertas estradas que começam a permitir o acesso à região, como a estrada de Furnas, Joá, Canoas, Gávea, Grota Funda, Itanhangá, Alvorada e que, aos poucos, vão introduzindo o automóvel no bairro, e conseqüentemente, a velocidade na vida urbana.

Uma importante via foi a estrada Velha da Tijuca, ligando a Usina ao Alto da Boa Vista e que se ligava à estrada de Furnas para chegar à Barra. De Furnas podia-se pegar a estrada das Canoas e chegar à antiga praia da Gávea (hoje São Conrado).

Estes acessos, que uniam a Tijuca e a Zona Norte à Barra da Tijuca, foram inicialmente modernizados pelos Prefeitos Henrique Dodsworth e

¹⁴ GONÇALVES, Antonio Luiz. *Barra da Tijuca, de rua em rua*. Rio de Janeiro: Rio, 2005, p. 11.

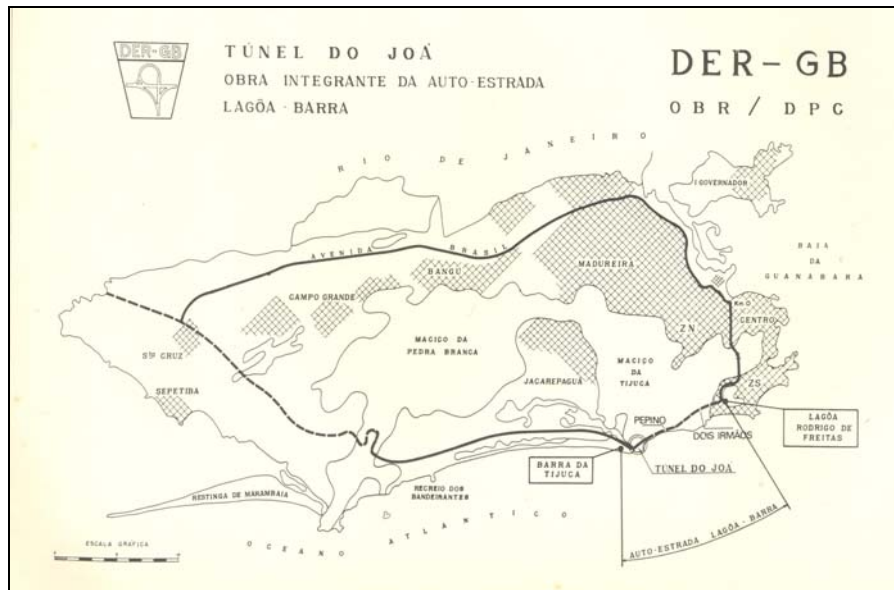
Mendes de Moraes, entre 1937 e 1951, constituindo-se na via turística de maior procura naquela região. Da Zona Sul, financiada por recursos particulares, vem a avenida Niemeyer (1918 a 1922), da família Conrado Niemeyer, proprietária de grandes parcelas de terras nas regiões da Gávea, São Conrado e Barra.

A construção, em 1939, da primeira ponte sobre a lagoa da Tijuca, também é um marco, fazendo surgir os primeiros movimentos efetivos de ocupação, através dos loteamentos Jardim Oceânico e Tijucamar.

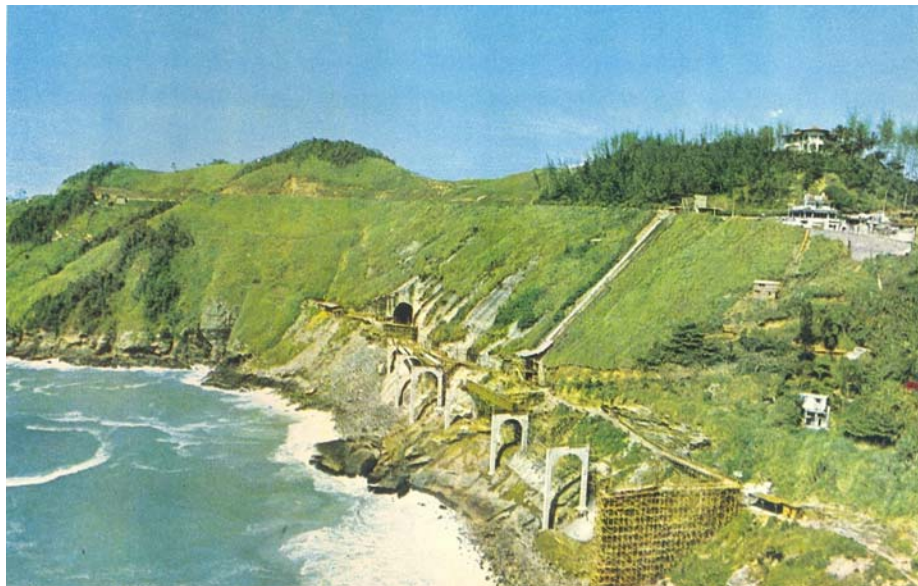


Vista aérea com a marcação da ponte construída em 1939

As obras dos túneis do Joá e Dois Irmãos e o Elevado do Joá, todas entre 1966 e 1971, prepararam a construção da Auto-Estrada Lagoa Barra, que uniu definitivamente a Zona Sul à Zona Oeste em 1984.



Esquema demonstrativo da construção da Auto-Estrada Lagoa-Barra, 1970
 Fonte: A Auto-Estrada Lagoa/Barra-Acesso ao Rio do Futuro.



Construção do Elevado da Encosta do Joá, 1970
 Fonte: A Auto-Estrada Lagoa/Barra-Acesso ao Rio do Futuro.

Cada um destes novos acessos ao bairro vai provocar, lentamente, o desbravamento da região e a sua difícil topografia vai sendo vencida, preparando-se o cenário para a urbanização definitiva da Barra da Tijuca.

E foi a partir da criação do Estado da Guanabara, em 1960, após a transferência da capital federal para Brasília, mais precisamente, na gestão do Governador Francisco Negrão de Lima, influenciado pelos ventos modernos de Brasília, que no Rio de Janeiro, a urbanização finalmente tomou o rumo da Barra da Tijuca. Na visão do engenheiro Paula Soares, a intervenção na região é colocada de forma incisiva.

O aproveitamento dessa vasta área triangular que se estendia das montanhas ao mar numa frente de 20 quilômetros de dunas e praias, muitas vezes maior do que Copacabana, Ipanema e Leblon reunidos, passou a ser um desafio (...). Era preciso enfrentar o problema da conquista da Barra da Tijuca e da planície de Jacarepaguá em duas frentes: a realização de obras que criassem novas opções de acesso pela Zona Sul da cidade, restrito à avenida Niemeyer e à estrada do Joá, conjugadas à elaboração de um plano global de urbanização e ordenamento da ocupação daqueles amplos espaços, fatalidade histórica que o crescimento do Rio ao longo da orla praiana renunciara e que um alastramento pioneiro e desordenado de moradias, favelas e comércio pela Barra da Tijuca, transformava em realidade preocupante.¹⁵

Seu marco inaugural foi o conjunto de propostas formuladas em 1969 pelo Plano-Piloto da Baixada de Jacarepaguá, de autoria do urbanista mais famoso do Brasil, Lúcio Costa. Apesar de constatar aquela natureza exuberante, o arquiteto via na ocupação da área uma atitude irreversível e o meio de se controlar o seu crescimento.

Assim o primeiro impulso, instintivo, há de ser sempre o de impedir que se faça lá seja o que for. Mas, por outro lado, parece evidente que um espaço de tais proporções e tão acessível não poderia continuar indefinidamente imune, teria mesmo de ser, mais cedo ou mais tarde, urbanizado. A sua intensa ocupação é, já agora, irreversível.¹⁶

¹⁵ *Engenheiro Paula Soares – Antevisão Urbana, Uma visão Humana*. Nair de Paula Soares e Rafael Rodrigues, ed. PVDIDesi, 1997, p. 14 e 15.

¹⁶ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 8.

Nascida nos anos 60, a Barra da Tijuca tem sido, desde o início do processo de urbanização, um dos locais mais comentados do Rio. O plano regulador de uso e de edificação do solo, do qual se originou, foi um dos poucos, se não o único, totalmente estruturado, que antecedeu à efetiva ocupação urbana na cidade, mais acostumada ao avanço progressivo e pouco ou nada planejado sobre novos territórios. Mas não é apenas isto.

O que é a Barra da Tijuca ?

Um bairro que encontrou uma simbiose rara entre um planejamento modernista ordenado e ares de uma cidade de interior, contrastando matas fechadas e ruas lúdicas, com edifícios modernos e luxuosos.

Um bairro que há três décadas saúda quem sai do Viaduto do Joá e chega à Barra da Tijuca com a frase “Sorria, você está na Barra!”; um bairro que criou referências urbanas e modo de viver únicos que envolveram a cidade como um todo, trazendo originalidade e inventando modas.

A primeira delas, a decisão pela velocidade, foi vital para marcar o dinamismo e a morfologia do bairro, onde as avenidas das Américas e a Alvorada são responsáveis pela circulação dos veículos. Se em detrimento do pedestre, a velocidade foi determinante para a circulação pelo bairro, a paisagem teve que se adequar a ela.

A sucessão de letreiros, placas, estacionamentos extensos, totens e a profusão de cores, apesar de sua aparência caótica, estabelecem de imediato a linguagem através da qual deverão se guiar todos aqueles que por ali transitarem.¹⁷

¹⁷ PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; CANEDO, Eliane . *Barra da Tijuca : a construção do lugar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 126.



Avenida das Américas – 1968, 2001 e 2007, no sentido anti-horário

Fonte: www.barracineontemetc.br (imagens de 1968 e 2001)



A cultura da velocidade provocando a sucessão de letreiros, placas, estacionamentos extensos, totens e a profusão de cores

A seguir, os *shopping centers*, que substituíram o tradicional comércio de rua, constituíram-se também numa referência urbana do bairro, tal a sua aceitação e multiplicação.

Ancorados pela idéia de proteção, segurança e auto-suficiência, e com profusão de vagas para estacionamento, foram um modelo ideal e de fácil aceitação como um lugar de encontro, além dos condomínios fechados e das praias. Supriam as carências dos bairros tradicionais.

O BarraShopping, o ícone maior, da primeira geração dos *shoppings*, o maior da América Latina e entre os dez maiores do mundo com 120.000 metros quadrados, possui 4 quilômetros de vitrines, o equivalente a av. Presidente Vargas.



Fachadas do BarraShopping – Dia e Noite

Inaugurado em 1981, extrapolou as fronteiras da Barra, sendo freqüentado por pessoas de todos os bairros e atraindo turistas que não obrigatoriamente se hospedam na Barra.



O BarraShopping em 1981, quando foi inaugurado: templo de consumo no meio de areais e brejos
Fonte: Jornal O Globo



O BarraShopping em 2006, 25 anos depois, já com a expansão: padrão de lojas similar ao dos Estados Unidos.
Fonte: Jornal O Globo

Havia pouca gente lá quando o BarraShopping surgiu. Ele ajudou a atrair uma grande população. É ícone de uma urbanização marcada pelo relativo isolamento entre as pessoas e um encontro apenas nesses espaços. O shopping é uma cidade forjada, que substitui a formal.¹⁸

Sem muitas teorizações ainda, há um entendimento concreto de que “a Barra da Tijuca e o BarraShopping cresceram juntos”¹⁹, ajudando a construir o paradigma do bairro. Conhecido como “templo de consumo”, com uma visitação anual de “21 milhões de consumidores”²⁰, não se pode realmente entender o desenvolvimento da Barra sem ele.

Houve uma grande aceitação e identificação do morador da Barra da Tijuca pelo modelo do *shopping center* e hoje o bairro concentra o maior número da cidade: são 16 ao todo, e também a região da cidade com mais salas de cinema - 52, mais do que toda a Zona Sul.

E, na esteira do BarraShopping, outros *shopping centers* surgiram, numa escala menor, como o Via Parque, Casa Shopping, Città América, Barra Point, Barra Square, Barra Garden, Rio Design Barra, Novo Leblon Shops, entre tantos outros, guardando cada um as suas peculiaridades.

No início, a profusão de shoppings causou uma acomodação e até divisão entre os públicos, mas hoje é interessante perceber que, apesar das diferenças entre si, aos poucos, cada um deles construiu a sua própria identidade, e conseguem manter o mesmo dinamismo em todas as horas do dia.

¹⁸ SOLER, Alessandro. Um shopping que cresceu junto com a Barra e virou modelo de consumo. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 35, 22 out. 2006.

¹⁹ *Ibid.*, p. 35.

²⁰ *Ibid.*, p. 35.



Shopping Barra Garden – Av. das Américas



Shopping Barra Point - Av. Ministro Ivan Lins

Em especial, dois *shopping centers* devem ser citados, além do BarraShopping, por suas características morfológicas inovadoras para a cidade e não apenas para a Barra, e que contribuíram para consolidar o perfil de lazer do bairro: o New York City Center e o Downtown.

Primeiramente, deve ser citado, dentro da apresentação do bairro como marco e ícone, o New York City Center, inaugurado em 1999. Fisicamente ligado ao BarraShopping, tornou-se assunto na mídia pela colocação de uma réplica da Estátua da Liberdade em sua fachada, causando uma certa “comoção” na população por conta da influência americana no bairro.

Apesar da proporção equivocada, a imagem impressiona e estabelece, na paisagem acelerada do bairro, a comunicação rápida com New York . Integra-se naquele cenário e, decerto, a sua iconografia mobiliza. Poderia ser a questão principal do edifício, mas outras questões suscitaram reflexões.

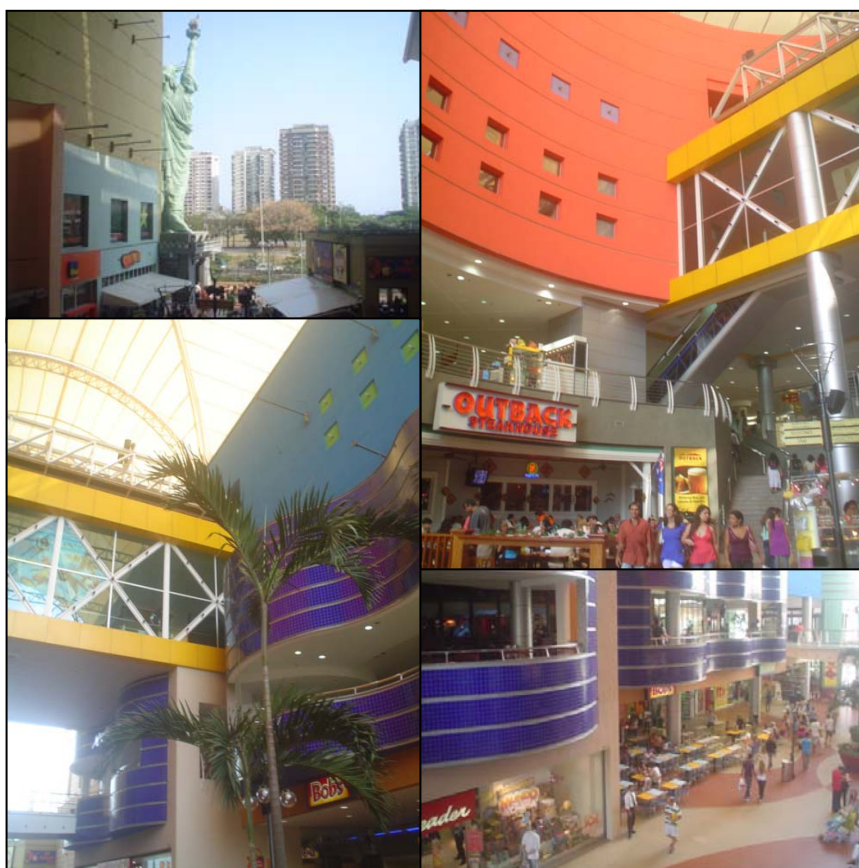


Fachada – Shopping New York City Center, onde se vê a grande praça coberta com lona tensionada e a Estátua da Liberdade

E, mais importante que isso neste momento, é o diferencial do empreendimento, que desde o início se caracterizou com a vocação de lazer, com um parque de diversões eletrônicas, livrarias, restaurantes, 18 cinemas multiplex, cervejarias e boates, o que configura a Barra, no quesito diversão, como “o primeiro bairro a abrigar um *shopping* de entretenimento do país”²¹.

A referência lúdica do New York City Center aparece na sua forma arquitetônica, que se abre para o interior, remetendo a uma grande praça coberta, e em torno dela a alusão a uma grande avenida, uma avenida da cidade de New York, e cujas calçadas são ladeadas por fachadas de prédios com cores sedutoras e letreiros.

²¹ O PARAISO dos centros comerciais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 mar. 2007. Barra, p. 18.



Shopping New York City Center – detalhe das fachadas e praça coberta

As lonas brancas enfiadas sobre o NYCC anunciam de longe a sua presença, de maneira muito mais significativa do que a própria reprodução da Estátua da Liberdade, tão comentada, mas somente percebida de muito próximo. Não seria porém muito necessário, pois se algum lugar da Barra realizou a síntese da grande praça moderna e protegida das incertezas e perigos da cidade, como advoga o modelo, é este. Espaço de encontro, de brincadeira, de alimentação e contemplação...²²

O Shopping Downtown, cuja inauguração é anterior, 1998, teve sua entrada na mídia marcada pela devastação de uma área de restinga, no início da Av. das Américas. Apesar de liminares por todos os lados, o

²² PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; CANEDO, Eliane . *Barra da Tijuca : a construção do lugar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 144.

empreendimento foi enfim construído oferecendo as salas de cinema multiplex, praça de alimentação e salas comerciais.

Uma arquitetura também colorida, com blocos com gabarito de 3 andares, e que, através de sua morfologia, onde as lojas dão frente para as ruas, faz lembrar um shopping aberto. Ou talvez uma cidade, pela repetição de ruas, galerias, praças, esquinas e passagens inusitadas por entre os edifícios. Uma cidade dentro da cidade e, de qualquer forma, um modelo inédito de arquitetura comercial na cidade.



Shopping Downtown – Detalhe das fachadas coloridas e ruas



Shopping Downtown – Detalhe de uma das ruas

Mas curiosamente, nos primeiros anos as salas comerciais não foram utilizadas, e havia um ar desértico e melancólico de abandono. Somente com a entrada de um *campus* da Universidade Gama Filho, o shopping descobriu sua real vocação: estudo, consumo e lazer. Um paradoxo? Não, apenas a constatação da diversidade funcional no processo urbano inovador do bairro e que foi precursora na cidade.

Precursor também na cidade, foi o modelo dos condomínios residenciais, viabilizados pelas grandes glebas da implantação urbana modernista de Lúcio Costa. Os primeiros a serem implantados ali foram o Nova Ipanema e o Novo Leblon, seguidos pelo Barramares, Atlântico Sul e Riviera dei Fiori.

Novidade até então, esses condomínios consistiam em um misto de áreas residenciais combinadas com as comodidades características de clubes esportivos, contando com grandes áreas de lazer.

O morador da Barra da Tijuca foi receptivo a esta nova tipologia residencial, fazendo com que mais e mais condomínios fossem construídos, atraído também pela possível segurança que eles suscitavam. O fato é que nunca mais deixaram de ser construídos e “o sucesso com esse novo estilo de viver e morar resultou em um *boom* imobiliário, que permanece até hoje.”²³

²³ GONÇALVES, Antonio Luiz. *Barra da Tijuca, de rua em rua*. Rio de Janeiro: Rio, 2005, p. 40.



Condomínio Nova Ipanema – Av. das Américas -O 1º. Condomínio da Barra da Tijuca



Condomínio Barramares – Av. Sernambetiba

Com estes primeiros condomínios, é introduzida uma nova maneira de viver no Rio de Janeiro, com torres residenciais altas e casas de dois pavimentos, entremeadas de jardins, áreas de lazer coletivo, um comércio básico, infra-estrutura de clubes, com sauna, piscina e academia, terrenos murados ou cercados, acessos controlados por guaritas de segurança para moradores e visitantes, transportes coletivos exclusivos para os condôminos e uma grande homogeneidade de classes sociais.

Como brinde, nos condomínios que margeiam os canais, ofertava-se, e ainda se oferta, um lúdico transporte por balsas particulares até a praia, cruzando a lagoa e o canal de Marapendi.



As balsas que cruzam o Canal de Marapendi transportando os moradores dos condomínios.

Com esta nova tipologia de morar, até então desconhecida na cidade, a Barra da Tijuca implantou um novo modo de viver urbano, que trazia um atrativo desconhecido pela população, através de melhor qualidade de vida, distinta da estressante rotina dos bairros existentes.

A oferta de condomínios e serviços ganhou, com o tempo, bastante sofisticação. Surgiram os condomínios verdes, com acentuada preocupação com o meio ambiente e sustentabilidade. O que mais se destaca é o conjunto denominado Península Green. É considerado o primeiro bairro ecológico da cidade, pela preocupação com o meio ambiente e a recuperação da flora local.



Foto aérea da localização da Península
Fonte: www.peninsulagreen.com.br

Entre os serviços que oferece, destaca-se uma biblioteca, referendada numa crônica de Zuenir Ventura.

Pois esta semana descobri enfim um prédio inteligente, digamos, letrado. Um prédio com biblioteca. Acho que é o primeiro. No anúncio, a novidade não se destacava como principal atração, evidentemente, mas era uma delas numa lista *très chic*. “Spa, by Les Bains de L’Occitane”, “Fitness, by Reebok”, “Adega, by Danio Braga”, “Espaço Gourmet, by Flávia Quaresma”, “Fumoir, by Esch Café”, “Home cinema, by Armazém Digital”, “Ateliê, by Angela Cantarino”. No final, a inovadora surpresa: “Biblioteca, by Argumento”. Só não digo o nome do lançamento para não parecer que, em troca desse comercial gratuito, vou tentar arranjar um lugarzinho na biblioteca para colocar um livro by ZV.²⁴

²⁴ VENTURA, Zuenir. Enfim, um prédio que lê. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 4, 25 nov. 2007.

Naquele momento, quando já se assistia a escalada da violência na cidade, a implantação do modelo do condomínio fechado atendia à ânsia de moradores em busca de qualidade de vida, e onde o item segurança era soberano.

Se isto era um dado positivo deste modelo arquitetônico, havia o lado negativo que era a segregação, onde há um afastamento da cidade e onde o homem acaba se tornando refém dos limites de seu auto-suficiente condomínio. Trata-se de um modelo urbano incompatível com o sistema de trocas e contatos essenciais à vida urbana.

Apesar desta ambigüidade, onde a segurança se torna uma prisão, a Barra, alheia às críticas, continua atraindo mais e mais moradores em busca de seus espaços, incluindo a generosa relação de habitante por metro quadrado e a visão da paisagem natural.

Nenhum outro bairro na cidade, além dos que constituem a Barra da Tijuca, usufrui o espaço médio de cerca de 300 metros quadrados por habitante. Também não há outro bairro com tanto espaçamento entre seus prédios – alguns bem altos, sem perder a ventilação e a vista do mar, das lagoas e ou das montanhas.²⁵

Pessoas migram em busca de diversão e a Barra da Tijuca também se consolida como um bairro de farto lazer, confirmando o fardo dos portugueses lá nos anos 1600...

Todo o dinamismo e pulsação apresentados durante o dia, estendem-se para uma vida noturna ativa. Além da crescente ocupação noturna da praia

²⁵ GONÇALVES, Antonio Luiz. *Barra da Tijuca, de rua em rua*. Rio de Janeiro: Rio, 2005, p. 55.

em pontos específicos, o bairro possui, hoje, opções de bares, restaurantes, boates e todo tipo de lazer. Gastronomicamente, também nada deixa a desejar e vem destacando-se há alguns anos, conforme citação abaixo:

O refinamento da gastronomia na Barra é visível. Um time de casas consagradas na cidade, caso do Amir, Fiammetta, Kotobuki, Gula Gula, Academia da Cachaça, entre outras, abriu filial no bairro – além do Loft, Borsalino, Montagu, que nasceram e ficaram no Bairro – e estão entre os grandes endereços gastronômicos do Rio. Eu sempre sorrio quando chego na Barra, pois sei que vou comer bem.²⁶



Loft – Centro Gastronômico da Barra – Av. Ministro Ivan Lins



Condado de Cascais – Centro Gastronômico da Barra – Av. Ivan Lins

²⁶ FRÓES, Luciana. *Chame o Chefe*. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 35.

Culturalmente, o bairro nos últimos cinco anos vem se posicionando e ocupando seu lugar na cidade, equiparando-se a outros bairros. Foram construídos espaços que mostram que o investimento em cultura sinaliza uma nova vocação da Barra da Tijuca, como a Casa de Cultura Estácio de Sá, Centro Cultural Suassuna, galerias de arte, Teatro dos Grandes Atores, Teatro Antonio Fagundes, e também grandes salas de espetáculo como o City Hall e a Ribalta.

Em 2008, a prefeitura inaugura em parceria com a Fundação Roberto Marinho, a Cidade da Música, a maior sala de concertos e ópera da América Latina, com lotação de 1.800 lugares, uma segunda sala de Música de Câmara com 500 lugares, 13 salas de aula, 13 salas de ensaio, 4 salas de cinema, além de espaço de convivência com lojas, restaurante e cafeteria , e “considerada, desde já, a maior referência cultural da Zona Oeste”.



Vista da obras da Cidade da Música Roberto Marinho da Av. das Américas e maquete eletrônica do projeto - 2007

Projetada pelo arquiteto francês Christian de Portzamparc, será sede da Orquestra Sinfônica Brasileira, e ocupará uma área de 87 mil metros quadrados de construção ²⁷ no Trevo das Palmeiras.

Trata-se de um projeto inovador para a região, com um sistema de reaproveitamento de água da chuva, uma inovação nas construções públicas, que vai permitir a economia de água potável.

Todos estes fatores vêm colaborando para justificar o *boom* imobiliário da região. Segundo o Instituto Pereira Passos, é o bairro com maior crescimento imobiliário nos últimos anos, o único lugar do Brasil que vem recebendo investimentos constantes há 15 anos, mesmo nos períodos de crise econômica ²⁸ e que, além disso, em levantamento recente do referido Instituto, Passos, “triplicará sua população nos próximos 16 anos” ²⁹.

Em 2020, enquanto a população cairá em 113 bairros do Rio, a Barra terá o maior índice de crescimento. Observa-se, na pesquisa, que há um crescimento apontado para a Zona Oeste mas, em nenhum deles de tal monta quanto aparece na Barra da Tijuca.

Os que migram buscam conforto, segurança, uma infra-estrutura de serviços que dá auto-suficiência aos que moram lá e a possibilidade de comprar imóveis novos, com preços mais acessíveis do que na Zona Sul.

“Comprar um imóvel residencial novo também pode ser mais compensador na Barra, onde o metro quadrado oscila entre R\$ 2,3 mil (Vila

²⁷ CIDADE da Música: concertos e óperas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2006. Suplemento Especial, p. 4.

²⁸ RODRIGUES, Luciana. Era uma vez um balneário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1999. Caderno Morar Bem, p. 1.

²⁹ SCHMIDT, Selma. População cai em 113 bairros do Rio até 2020. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 33, 23 mai. 2004.

Pan-Americana) e R\$ 7,3 mil (Avenida Sernambetiba)³⁰, segundo Carlos Carvalho da Construtora Carvalho Rosken.

O “metro quadrado mais compensador”, como atrativo da Barra da Tijuca, refere-se sempre à comparação com outros bairros litorâneos da cidade, especialmente Leblon, Ipanema e Copacabana. As planilhas demonstrativas de preço apontam, por exemplo, o metro quadrado médio variando entre R\$ 4,2 mil (Centro de Copacabana) e R\$ 13 mil (Vieira Souto).³¹

O crescimento acelerado do bairro trouxe aqueles problemas já velhos conhecidos da cidade, como o trânsito caótico em vários pontos, a deficiência de transportes, a especulação imobiliária que provocou alterações no seu Plano Piloto, e a ausência de um sistema de saneamento eficaz, o que polui as lagoas e até alguns trechos da praia.

As críticas existem e não são poucas, mas o morador da Barra parece esquecer todas elas com uma passionalidade que chama atenção como, por exemplo, nas declarações de Afonso Kuenerz, vice-presidente da Ademi:

Por mais críticas que a Barra desperte, é o único bairro do Rio de Janeiro que, em qualquer ponto, se vê o céu completamente. Ninguém precisa quebrar o pescoço na janela, para saber como está o tempo.³²

De fato, a paisagem aberta motivada pela baixa taxa de ocupação e horizonte alongado confirmam esta realidade, e os números nas pesquisas imobiliárias endossam a procura pelo bairro.

³⁰ SORRIA, você está na Barra! *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2006. Suplemento Especial, p. 2.

³¹ PRECO dos imóveis no Rio de Janeiro (R\$). *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 out. 2007. Morar Bem, p. 2.

³² SORRIA, você está na Barra! *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2006. Suplemento Especial, p. 2.

Não há dúvidas, a Barra da Tijuca representa, hoje, o ícone mais recente do Rio de Janeiro, redirecionando o crescimento da cidade, apontando mudanças comportamentais nos hábitos da população, e novas formas de apropriação e espacialização urbanas.

Um bairro que está no imaginário do Rio de Janeiro por motivos diversos.

O dinamismo dos *shopping centers*, o veículo como protagonista, movimento diuturno, muitas vocações, o fortalecimento, cada vez maior, do perfil comercial, um crescimento que surpreende e que produziu uma nova maneira de viver para a cidade, ao introduzir questões que não estavam presentes nos bairros tradicionais.



O dinamismo dos shoppings – BarraShopping



O veículo como protagonista



Movimento durante o dia



Movimento durante a noite – Restaurante Bar “Balada Mix”



Muitas vocações, como a cultura do esporte (Festival Petrobras de Surf-2006)



Muitas vocações, como a cultura de exposições urbanas (Cow Parade -2007)

E pensar que isso tudo aconteceu há, apenas 40 anos. A Barra da Tijuca nos anos 70 era um balneário, quase desabitado, freqüentado exclusivamente nos fins-de-semana. Hoje, um dos bairros mais discutidos e polêmicos do Rio.

Era uma vez um areal, com casinhas espalhadas por ruas de terra batida, tão distante de tudo, que era preciso uma viagem pra comprar um simples botão. O dia a dia, para a maior parte dos moradores, corria longe de casa. Trinta e um anos depois da entrega dos apartamentos do primeiro condomínio, Nova Ipanema, a Barra da Tijuca conquistou a maioria e transformou-se em lugar de trabalho, moradia e diversão.³³

Mas, por que será que Lúcio Costa, em todas as entrevistas que deu, mostrava um visível desapontamento sobre os rumos que deram ao seu Plano Piloto da Barra ? Em suas memórias escritas, afirma que, da Barra da Tijuca,

³³ ALMEIDA, Livia de; CERQUEIRA, Sofia. Um jeito diferente de ser carioca. *Veja*, Rio de Janeiro, ano 39, 15 nov. de 2006. *Veja Rio* ano 16, n. 45, p. 18.

só quer lembrar de uma caixa d'água que projetou, quando critica as alterações que foram feitas, as quais denomina de “desmantelo”.

Mas o desmantelo tomou conta da área – a coisa já foi muito explicada, é melhor ficar por aqui. Fora o mar e a paisagem, o que me dá prazer de olhar é a minha caixa d' água da SUDEBAR...? ³⁴

Nem tudo ocorreu como desejado e projetado pelo urbanista. O perfil formal do bairro está sendo desenhado, segundo valores impostos por uma Ética especulativa e que muito sacrificou o meio ambiente.

A paisagem natural da Barra vem sofrendo danos irreversíveis, especialmente quando se pensa nas lagoas assoreadas e na contaminação de suas águas provocada pelo despejo do esgoto, e conseqüente proliferação da cianobactéria , que causa problemas hepáticos e respiratórios.

Esta contaminação provoca uma cor verde abacate na água e, especialmente no verão, quando seus índices são alarmantes, já levou à interdição de trechos do mar .

Ao sobrevoar as lagoas de Jacarepaguá e Barra no sábado, o biólogo Mário Moscatelli constatou a presença em abundância de *Microcystis aeruginosa* – a mesma cianobactéria, altamente tóxica, que fez com que o banho de mar fosse proibido em 200 metros da praia no início do ano. ³⁵

³⁴ COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. 2. ed. São Paulo: Empresa das Artes, 1995, p. 19.

³⁵ CABAN, Isabela. Toxina ameaça o banho na Praia da Barra. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 10, 7 out. 2007.



Canal de Marapendi (cor verde abacate) e Lagoa da Tijuca contaminadas por cianobactéria
Fonte: Isabela Caban – O Globo

O adensamento das edificações em alguns locais contrariou, em muito, as concepções originais do Plano de Lúcio Costa e a Estética contraria seus preceitos modernistas, eliminando o purismo daquela arquitetura que o inspirava, assim como o caos urbano causado pelas deficiências do trânsito, posteamentos aéreos e alteração de gabaritos, que decerto incomodaram o arquiteto.



Caos urbano no acesso ao bairro, posteamento aéreo e adensamento do Bosque Marapendi

Contrariando ou não os desejos de Lúcio Costa, agradando ou não pelos diversos gostos apresentados, assim é a Barra da Tijuca. Do cruzamento dos dados apresentados e da constatação de que sua morfologia arquitetônica opera um novo modo de viver, que se por um lado exerce atração, por outro produz questões que serão definidas e avaliadas sob o prisma da Filosofia, através da interpenetração dos termos Ética e Estética.

Mas, para que a plenitude destas questões se realize, e antes que se discuta a interpenetração destes termos, faz-se necessária, no capítulo a seguir, a apresentação do quadro teórico, para que fique claro o entendimento do método filosófico como paradigma para as leituras de arquitetura na Barra da Tijuca – uma arquitetura entre a Ética e a Estética.

3 QUADRO TEÓRICO

A arquitetura, ao longo de toda a sua historiografia, sempre interagiu com outras formas de arte, da pré-história até os dias de hoje. Intencionalmente ou não, lá estava ela como suporte para a arte ou como a própria arte, como manifestação de poder ou como o próprio poder, como cenário ou como a própria peça. Um olhar analítico, mesmo o mais despretensioso, há de perceber quantas questões e quantos diálogos a presença tridimensional da arquitetura fez e faz emergir.

A teoria da arquitetura e sua natureza analítica têm se ocupado, com maestria, do estudo destas interações e suas conseqüentes questões e leituras. Porém, percebe-se, desde meados dos anos sessenta, com o início do que se chama de período “pós-moderno”³⁶, que a teoria da arquitetura vem se caracterizando pela busca de novos enquadramentos ideológicos.

Nos últimos trinta anos, a necessidade de interfaces é cada vez mais necessária para o entendimento da contemporaneidade e todas as atuações que a arquitetura provoca. A sua interdisciplinaridade tem estabelecido diálogos muito interessantes e o cuidado em não se estabelecer um discurso tectônico e único, está cada vez mais presente na identificação e análise de textos recentes.

³⁶ NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 15.

As leituras de arquitetura têm importado, desde então, cada vez com mais frequência, paradigmas de outros ramos de conhecimento para suas investigações³⁷ e, entre eles, o método filosófico e suas reflexões vêm cumprindo papel importante referente à produção e à recepção de uma obra arquitetônica ou o efeito que ela produz no observador.

O título deste estudo, “Barra da Tijuca - uma arquitetura entre a Ética e a Estética”, é resultante deste pensar crítico, e se vale do paradigma da filosofia remetendo, de imediato, à necessidade primeira de conceituação destes dois termos - Ética e Estética para, então, justificar a escolha dos interlocutores e a sua aplicabilidade no objeto definido.

Os termos “Ética” e “Estética” são tratados em um campo da Filosofia conhecido como “Filosofia dos Valores” ou “Teoria dos Valores”, o que ratifica a necessidade do entendimento da disciplina Filosofia como campo do saber e a sua importância como paradigma teórico para estruturar este debate.

A filosofia é um instrumento valioso e firme para o estudo proposto. A medida desta importância é dada através do testemunho de vários autores, contemporâneos ou não, mas que dialogam com o nosso tempo.

Por que a Filosofia?

Na definição etmológica do termo, Ferrater Mora esclarece em seu dicionário de filosofia que a significação da filosofia é um exercício de grande complexidade.

A significação etmológica de ‘filosofia’ é ‘amor a sabedoria’. Às vezes se traduz ‘filosofia’ por ‘amor ao saber’. Os gregos – inventores do vocábulo “filosofia” – distinguiam com frequência o saber, como conhecimento teórico, da sabedoria, conhecimento teórico e prático.³⁸

³⁷ NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*.

Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 31.

³⁸ MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial., 1981, p. 1176.

São tantos e tão variados significados em função da diversidade dos sistemas filosóficos que existem, que formular a pergunta “que é a filosofia ?” é o mesmo que formular uma pergunta filosófica.

Considerando que cada sistema terá uma resposta válida a esta pergunta, selecionamos o entendimento de alguns filósofos sobre a significação da filosofia, levando em conta afinidades com esta pesquisa.

O filósofo alemão Johannes Hessen postula e defende a Filosofia como o “auto-exame do espírito”. “O espírito humano cultiva a ciência, a arte, atos de moralidade e de religião. Mas só na filosofia ele medita sobre o sentido e o alcance dessas suas atividades”³⁹. Este olhar permite o entendimento da filosofia como uma disciplina construtiva, pois, seguindo-se ao auto-exame e à auto-contemplação, vem naturalmente a etapa da concepção do mundo, fomentada pelo amadurecimento das questões iniciais .

Gerd Bornheim⁴⁰ compreende a Filosofia em um sentido próprio, isto é, como o resultado de uma atividade da razão humana que se defronta com a totalidade do real, justificando-a como resposta a uma exigência da própria natureza humana: a necessidade de encontrar uma razão de ser para o mundo que a cerca e para os enigmas de sua existência.

Ubaldo Nicola, em sua Antologia, publicada em 2005, credita o interesse e a força da filosofia ao fascínio que suas questões exercem:

Nos últimos anos foram publicados inúmeros textos de divulgação do pensamento filosófico. O sucesso que obtiveram demonstra que existe, nas pessoas, uma grande vontade de entender e de se aproximar dessa disciplina, geralmente considerada tão difícil quanto fascinante.⁴¹

³⁹ HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução L. Cabral de Moncada. 4. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1974, p. 19.

⁴⁰ BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 7.

⁴¹ NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. Tradução Maria Margherita De Luca. São Paulo: Globo, 2005, p. 5.

O brasileiro consagrado e tão próximo de nós escritor Ariano Suassuna também defende o estudo da filosofia como instrumento diante da necessidade do homem em desvendar a si e ao mundo.

A Filosofia não se opõe a uma abertura, tanto mais largas são suas vistas, quanto mais firmes suas bases. Centra-se no ser, o que significa que não deixa o homem de lado. Pelo contrário. Precisamente por isso, o homem tem reconhecido, na Filosofia, sua dignidade e sua primazia. O que ela tenta, é nada mais, nada menos, do que resolver o problema do mundo para os homens, para cada homem em particular .⁴²

Não se furta o homem do contato com a realidade ao ver o mundo através do olhar de filósofos. Pelo contrário, mais dele ainda se aproxima, pois incorpora uma nova consciência que amplia a visão do mundo e o diálogo com ele. O realismo é uma vocação da filosofia:

A Filosofia continua a ser o que sempre foi, um realismo, uma vocação de realismo – assim como existe uma forma de conhecimento na Arte e na Poesia, mesmo em suas obras consideradas mais “gratuitas”, “mágicas” ou “idealistas”. A Verdade é, como a Beleza, fruto da captação intuitiva do mundo, reformulada, no caso da Verdade, pelo pensamento, o qual só tem uma fonte de aferição e retificação – o comércio fecundo e contínuo com a luz do real.⁴³

Após a defesa da construção do pensamento a partir da Filosofia, torna-se necessário estabelecer o conhecimento da significação e da história da Teoria dos Valores, como importantes para o entendimento e construção de um quadro teórico, e que servirá de embasamento para este trabalho.

⁴² SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 17

⁴³ *Ibid.*, p. 16.

A Teoria dos Valores

A Filosofia subdivide-se em três disciplinas fundamentais: a Teoria da Ciência, Teoria dos Valores e a Teoria da Realidade. A reflexão do espírito sobre a discussão da moral, da arte e da religião traduz a indagação da essência dos valores éticos, estéticos e religiosos. E é exatamente a Teoria dos Valores ou Filosofia dos Valores ou Axiologia, a disciplina que se ocupa destes problemas – a Ética, a Estética e a Filosofia da Religião, e a qual recorreremos para este estudo. Ainda segundo Hessen,

Só conhecemos os homens quando conhecemos os critérios de valoração a que eles obedecem; é destes que dependem, em última análise o seu caráter e o seu comportamento em face das situações da vida.⁴⁴

O termo Teoria dos Valores ou Filosofia dos Valores é relativamente recente⁴⁵, se considerarmos que sua afirmação se dá na segunda metade do século XIX, através dos estudos de Kant e Lotze, embora o objeto de que trata remonte à antiguidade clássica. Este intervalo explica correntes doutrinárias e pontos de vista opostos que demonstram um quadro nada unitário ou harmônico.

Sócrates está entre os primeiros pensadores importantes nesta disciplina. Combate o relativismo e subjetivismo dos sofistas, luta pela objetividade e absolutismo dos valores éticos.

⁴⁴ HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução L. Cabral de Moncada. 4. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1974, p. 19.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 24.

Platão optou pela metafísica, pela Teoria das Idéias que também pode ser considerada uma Teoria dos Valores, uma vez que trata da idéia do bem, do valor ético e estético.

Aristóteles despiu-se da transcendência platônica e assumiu uma imanência cósmica. As formas essenciais são, ao mesmo tempo, o princípio de perfeição das coisas, que reside na realização do seu próprio fim imanente. O valioso adquire assim um forte caráter cósmico.

As idéias, e portanto a idéia de Bem, passam a estar como que ancoradas nas coisas e na própria realidade empírica.

Na filosofia moderna, está em Kant a maior contribuição para a Filosofia dos Valores. Sua posição é oposta a de Aristóteles. A idéia de valor é deslocada do Cosmos para o domínio pessoal da Consciência. “A realidade se move em última análise em torno dos valores da nossa consciência moral e o ser e o bem coincidem.”⁴⁶

Com tantas doutrinas, torna-se mister propor a clarificação ou demonstração do conteúdo do que seja “valor”.

Que é Valor ?

Valor é algo que é objeto de uma experiência, de uma vivência. Experimenta-se o valor de uma personalidade excepcional, a beleza de uma paisagem, o caráter sagrado de um lugar. Fala-se de valores éticos, estéticos ou religiosos, como um ato de experimentação.

Além do entendimento da vivência do valor, há também a qualidade dos valores, o que leva à busca fenomenológica e à orientação pelo próprio

⁴⁶ HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução L. Cabral de Moncada. 4. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1974, p. 25.

fenômeno, eximindo os conceitos prévios já formados, para extrair apenas o conceito de valor. A fenomenologia acaba com o “apriorismo”.

Todo o valor é dado precisamente na “consciência dos valores”. Segundo Hessen, “valor é sempre valor para alguém, a qualidade de uma coisa, que só pode pertencer-lhe em função de um sujeito dotado com uma certa consciência capaz de a registrar”⁴⁷. Não se deve pensar que o domínio dos valores está apenas no sujeito ou indivíduo valorante e que cabe a ele a decisão do que é ou não valioso. “O sujeito não é a medida dos valores”⁴⁸.

Os valores e os juízos de valor não valem apenas para este ou aquele sujeito que tem a sua percepção, pois seriam atos apenas subjetivos. E, neste sentido, o ato do juízo de valor está imbuído de objetividade. O julgador analisa uma situação ou fato, reconhecendo para o seu juízo uma validade geral. O valor não pertence a um único julgador e sim a todos os julgadores.

Para outros filósofos recentes, há diferentes vetores sobre a idéia de valor. Por exemplo, para Mikel Dufrenne “o valor é, portanto, aquilo pelo qual o objeto é objeto de valor; o valor não é nada de exterior ao objeto, é o objeto mesmo, enquanto responde ao seu conceito e satisfaz à sua vocação”⁴⁹. Se este atrela o valor ao objeto, Nietzsche, por sua vez já generaliza em “Assim falava Zarathustra”, quando afirma que “é em volta dos descobridores de valores novos que o mundo se move no seu giro eterno”⁵⁰.

⁴⁷ HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução L. Cabral de Moncada. 4. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1974, p. 47.

⁴⁸ Ibid., p. 48.

⁴⁹ DUFRENNE, Mikel. *Estética e Filosofia*. Tradução Roberto Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 51.

⁵⁰ HESSEN, op. cit., p. 27.

Diferentes leituras, diferentes leitores, mas a constatação certa da riqueza historiográfica e da ansiosa busca em definir, mensurar ou apenas contemplar a idéia de valor ou de atribuição de valor.

Do mesmo modo que o caminho para a conceituação historiográfica de uma teoria dos valores é longo, a compreensão dos valores Ética e Estética também o é. Que valores são estes que construirão o estudo tese aqui apresentado, que poderão levar à formulação de determinados juízos e que têm no sujeito apenas o ponto de partida ?

Conceituando Ética

A palavra Ética deriva do grego *ethos*, que significa costume e por isso se tem definido com freqüência a Ética, como a “doutrina dos costumes”.⁵¹ Pode ser definida como a disciplina crítico-normativa que estuda o comportamento humano, mediante o qual tende o homem a realizar, na prática, o valor do “bom”.

Muitos autores consideram Sócrates como o fundador de uma reflexão ética autônoma. Com efeito, ao considerar o problema ético individual como o problema central filosófico, Sócrates pareceu centrar toda reflexão filosófica na Ética. Em um sentido parecido trabalhou Platão, nos primeiros tempos, antes de examinar a idéia do Bem à luz da teoria das idéias e, por conseguinte, antes de subordinar, por assim dizer, a ética à metafísica.

Apesar das reflexões de Sócrates, é em Aristóteles que se reconhece a fundação da Ética como disciplina filosófica, onde plantou a maior parte dos

⁵¹ MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial., 1981, p. 1057 .

problemas que logo ocuparam a atenção dos filósofos morais: relação entre as normas e os bens; relação entre a ética individual e a social; classificação (precedida pela platônica) das virtudes; exame da relação entre a vida teórica e a vida prática.

A distinção aristotélica entre as virtudes éticas, indica que o termo “ético” é tomado primitivamente somente em sentido adjetivo: trata de saber se uma ação, uma qualidade, uma virtude ou um modo de ser é ou não ético. As virtudes éticas são para Aristóteles aquelas que se desenvolvem na prática e que vão encaminhadas à consecução de um fim. As virtudes éticas pertencem às virtudes que servem para a realização da ordem da vida do Estado – a justiça, a amizade, o valor. Têm sua origem direta nos costumes e nos hábitos, pelo qual podem chamar-se virtudes de hábito ou tendência .

Cabe advertir que, na evolução posterior do sentido do vocábulo, o ético se identifica cada vez mais com a moral, mas não é esta identificação que será abordada. Há que se entender o ético como o certo e o errado, e a moral como o bem e o mal. Até porque a história da Ética como disciplina é mais limitada no tempo e no material tratado, que a história das idéias morais da humanidade (esta última história compreende o estudo de todas as normas que têm regulado a conduta humana desde os tempos da pré-história até hoje).

A história das idéias morais é assunto de que se ocupam disciplinas como a Sociologia e a Antropologia. Um exemplo que clarifica bem esta questão é saber que podem ser estudadas as atitudes e idéias morais de diversos povos primitivos ou orientais ou hebreus, etc., sem necessariamente

enquadrá-las na história da ética. A idéia defendida é de que somente há história da ética dentro do marco da história da filosofia.⁵²

Os historiadores da ética têm limitado seu estudo às idéias de caráter moral que têm uma base filosófica, quer dizer, são examinadas em seus fundamentos e filosoficamente justificadas. E a sistemática de estudo é baseada nas mesmas divisões propostas pelos historiadores da Filosofia.

Considera-se ainda que a Ética, como disciplina filosófica, surgiu somente em sua maturidade, dentro do Ocidente, de modo que uma história da ética filosófica coincide com a história da ética ocidental. Este estudo começou de modo formal com Aristóteles, cujas idéias sobre a Ética e as virtudes éticas iniciam este estudo.

Este entendimento de pontuação da Ética no tempo não impede que se reconheça, antes de Sócrates (filosofia pré-socrática), precedentes destas reflexões que, ao invés de aceitarem ou protestarem contra certas normas, deixam claro o interesse em descobrir as razões pelas quais os homens devem se comportar. Entre eles, destaca-se Demócrito de Abdera⁵³ (460 a C.- 370 a C.), que traz em seus fragmentos reflexões sobre a Ética, Política e Educação. Na Ética, associa seu pensar aos valores do bem e às virtudes, como “Tritogenéia: prudência. A inteligência nos traz três vantagens: bem pensar, bem falar e fazer o dever ”⁵⁴. Ou ainda:

Quando as pessoas de posse se decidem a ajudar e a fazer o bem, já nisto exercem a piedade, não deixam os outros sós e praticam a fraternidade, a ajuda mútua, a concórdia entre os cidadãos e outras coisas boas, tantas que nem poderiam ser enumeradas.⁵⁵

⁵² MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial., 1981, p. 1058.

⁵³ BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 106.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 106.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 120.

Retomando à história da Ética, depois de Aristóteles – muitas escolas filosóficas – os cínicos, cirenaicos, estóicos se ocuparam de estudar os fundamentos da vida moral sob o ponto de vista filosófico. Escolas conhecidas como naturalistas manifestaram a ética como ética do bem, moralidade dos atos.

Com a aparição do Cristianismo, mesmo com o surgimento de valores novos, houve uma certa adequação a pontos de vista éticos, especificamente gregos, e nem tão compatíveis com uma vida cristã. Isto explica, entre outras coisas, a crescente introdução das teorias éticas aristotélicas e platônicas, que são submetidas a um processo de cristianização na filosofia escolástica, que culminou no séc. XIII.

Ademais, na última época da escolástica clássica, o Cristianismo legou a formulação de uma teoria ética que logrou fundir a maior parte dos princípios fundamentais éticos gregos com as normas cristãs:

A purificação da alma, em Platão, e a sua ascensão libertadora até elevar-se à contemplação das idéias, transforma-se em Santo Agostinho na elevação ascética até Deus, que culmina no êxtase místico ou felicidade, que não pode ser alcançada neste mundo. Contudo, Santo Agostinho se afasta do pensamento grego antigo ao sublinhar o valor da experiência pessoal, da interioridade, da vontade e do amor. A ética agostiniana se contrapõe, assim, ao racionalismo ético dos gregos.⁵⁶

O Renascimento também trouxe algumas mudanças na história da Ética, que conduziram a reformulações radicais das teorias éticas. O antropocentrismo se justifica pela construção de uma sociedade moderna em

⁵⁶ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1970, p. 246.

que novas forças econômicas e produtivas vão culminar com a ciência moderna.

Surge um sistema capitalista de produção que vai fortalecer uma nova classe social – a burguesia – que se preocupa em estender o seu poder econômico e luta para impor a sua hegemonia política. No plano estatal desaparece a fragmentação feudal e seus Estados medievais, emergindo os Estados modernos – o país.

A religião deixa de ser a forma ideológica dominante e a igreja católica seu guia. A própria igreja se fragmenta com o advento da Reforma.

Na nova sociedade, consolida-se um processo de separação daquilo que a Idade Média uniu: a razão separa-se da fé (e a filosofia , da teologia); a natureza, de Deus (as ciências naturais, dos pressupostos teológicos); o Estado, da Igreja; e o homem de Deus.⁵⁷

Surgiram, então, sistemas diversos que, apoiando-se em noções tradicionais, aspiravam a trocar as bases da reflexão ético-filosófica. Como exemplo, mencionamos as teorias éticas fundamentadas no egoísmo (Hobbes), no realismo político (Maquiavel), no sentimento moral (Hutcheson) e de outros autores que formaram diversas correntes éticas.

O homem adquire um valor pessoal, não só como ser espiritual, mas também corpóreo, sensível, e não só como ser dotado de razão, mas também de vontade. Sua natureza não somente se revela na contemplação, mas também na ação. O homem afirma seu valor em todos os campos: na ciência (colocando-a a serviço de suas necessidades humanas); na natureza

⁵⁷ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1970, p. 247.

(considerando-a como objeto de transformação ou produção humana); na arte (representando tudo com olhos humanos).

O homem está no centro de tudo: da política, da ciência, da arte e também da moral. Torna-se absoluto, criador, legislador em todos os domínios.

No século XVII, em Descartes, já se esboça claramente a tendência a basear a filosofia no homem. Nos iluministas do século XVIII, a filosofia está a serviço da tarefa de destruir os pilares ideológicos de um mundo absolutista e de formar um novo homem em harmonia com a sua natureza racional e tendo a filosofia como base.

Ou seja, no mundo moderno tudo contribui para que a Ética, libertada de seus pressupostos teológicos, seja antropocêntrica, isto é, tenha o seu centro e fundamento no homem, embora este ainda se conceba de uma maneira abstrata, dotado de uma natureza universal e imutável.⁵⁸

Fundamental para a maior parte dos pensadores modernos, foi a questão da origem das idéias morais. Algumas foram encontradas em certas faculdades inatas do homem, seja de caráter intelectual ou de caráter emotivo; outros buscaram as bases da ética em uma intuição especial ou no sentido comum ou na sua simpatia ou na utilidade (individual ou social); outros chamaram a atenção sobre o papel que desempenha a sociedade na formação dos conceitos éticos; outros finalmente, insistiram em que o fundamento último da ética segue sendo a crença religiosa ou a dogmática religiosa.

A Ética constrói uma tendência antropocêntrica que prevalecerá sobre a Ética teocêntrica e teológica da Idade Média, e atinge o seu ponto culminante

⁵⁸ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1970, p. 248.

em Kant, que está inserido no período que compreende a Ética Moderna, do século XVI ao século XIX.

As obras fundamentais de Kant sobre ética apareceram antes da revolução Francesa em 1789 e são *Fundamentação da Metafísica* (1785) e *Crítica da razão prática* (1788).

Kant tem consciência que revolucionou a filosofia e afirmava que realizou uma revolução copernicana ao inverter a ordem que se admitia tradicionalmente nas relações sujeito-objeto. Kant sustenta que não é o sujeito que gira ao redor do objeto, mas ao contrário. O que o sujeito conhece é o produto de sua consciência. E na moral a mesma coisa: o sujeito – a consciência moral – dá a si mesmo a sua própria lei. O homem como sujeito cognoscente é ativo, criador e está no centro tanto do conhecimento quanto da moral. A Ética está dentro do sujeito, e o que ele define é o produto de sua consciência.

Kant toma como ponto de partida da sua ética o *factum* (fato) da moralidade. O homem se sente responsável pelos seus atos e tem consciência do seu dever, o que lhe dá liberdade. Um mundo livre ao qual pertence o homem como ser moral. Este sujeito ético já aparece no entendimento de Kant sobre o conceito de bom. Kant subverte o conceito de bom: “o único bom em si mesmo, sem restrição, é uma boa vontade”⁵⁹.

A bondade de uma ação não se deve procurar em si mesma, mas na vontade com que se fez. Ou seja, este conceito situa o sujeito e a sua consciência ética se interrogando e criando uma lei própria. A boa vontade é

⁵⁹ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1970, p. 249.

boa quando age por puro respeito ao dever, sem razões outras a não ser o cumprimento do dever ou a sujeição à lei moral.

O dever é incondicionado e absoluto; o que a boa vontade ordena é universal por sua forma e não tem um conteúdo concreto; refere-se a todos os homens em todo o tempo e em todas as circunstâncias e condições. Kant chama de imperativo categórico a esse mandamento, formulando-o assim: “age de maneira que possas querer que o motivo que te levou a agir se torne uma lei universal”.⁶⁰

Se o homem age por puro respeito ao dever e não obedece a outra lei a não ser a que lhe dita a sua consciência moral, é, como ser racional puro ou pessoa moral, legislador de si mesmo. Por isto, tomar o homem como meio, parece a Kant profundamente imoral, porque todos os homens são fins em si mesmos e, como tais, isto é, como pessoas morais, formam parte do mundo da liberdade ou do reino dos fins.

Kant, fiel ao seu antropocentrismo ético, empresta à moral o seu princípio mais alto, e o faz exatamente num mundo humano concreto, no qual o homem, longe de ser um fim em si, é meio, instrumento ou objeto e no qual, por outra parte, ainda não se verificam as condições reais, efetivas, para transformá-lo em fim.

Esta consciência em Kant de que o homem não deve ser tratado como meio, e sim como fim, tem um profundo conteúdo humanista, moral e inspira hoje todos aqueles que desejam a realização desse princípio kantiano, não já no mundo ideal, mas em nosso mundo real.

⁶⁰ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1970, p. 249.

A Ética kantiana é uma ética formal e autônoma. Por ser puramente formal, tem de postular um dever para todos os homens, independentemente da sua situação social e seja qual for o seu conteúdo concreto. Por ser autônoma (e opor-se assim às morais heterônomas nas quais a lei que rege a consciência vem de fora), aparece como a culminação da tendência antropocêntrica, iniciada no Renascimento, em oposição à Ética medieval.

A teoria de Kant a respeito influenciou grandemente outras que lhe são posteriores, pois é certo que no curso do século XIX dominaram outras correntes além da kantiana e da desenvolvida pelo idealismo alemão.

Finalmente, por conceber o comportamento moral como pertencente a um sujeito autônomo e livre, ativo e criador, Kant é o ponto de partida de uma filosofia e de uma Ética na qual o homem se define, antes de tudo, como um ser ativo, produtor ou criador.

A Ética de Kant é a mais perfeita expressão da Ética moderna, pela mudança que representa dentro da evolução do pensamento ético que culminará na nossa época.

O predomínio do elemento formal, na filosofia prática de Kant, e do elemento material, em quase todos os demais tipos de ética, têm levado a contrapor o kantismo ao resto das doutrinas morais, apresentado-a como um dos primeiros intentos, relativamente logrado, para estabelecer o “a priori” na moral.

Para Kant, com efeito, os princípios éticos superiores, os imperativos são absolutamente válidos *a priori* e têm, com respeito à experiência moral, a mesma função que as categorias, quanto à experiência científica. O resultado de semelhante inversão das teses morais conduz ao transtorno de todas as

teorias existentes com respeito à origem dos princípios éticos: Deus, liberdade e imortalidade já não são, com efeito, os fundamentos da razão prática, senão seus postulados. Daí que o formalismo moral kantiano exija, no próprio tempo, a autonomia ética, e que a lei moral não seja alheia à mesma personalidade que a executa .

Agora sim, a fundamentação da Ética em uma explícita teoria dos valores – posição defendida por várias teorias éticas contemporâneas, faz com que, do século XIX em diante, entre em uma fase muito ativa de seu desenvolvimento.

Conceituando Estética

O conceito de Estética como disciplina da filosofia que se ocupa do belo, traz em si, assim como o conceito de Ética, uma rica historicidade. Originária da palavra grega *aisthetikos* , com o passar do tempo, várias correntes doutrinárias foram apresentadas como reflexos de diferentes pensamentos filosóficos.

Já nos fragmentos pré-socráticos percebe-se a preocupação com o tema. Empédocles de Agrigento, por exemplo, afirmaria que “Belo é dizer mesmo duas vezes o que é necessário”⁶¹. Demócrito de Abdera ⁶², autor da teoria dos átomos, defendia a idéia de que “Belo é conter o homem injusto; ou ao menos não participar de sua injustiça”, ou “conhecer o belo e aspirar a ele supõe um dom inato por natureza”, ou ainda “Bela é, em todas as coisas, a boa medida; o excesso e a deficiência me desagradam”.

⁶¹ BORNHEIM, Gerd A. (Org.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 71.

⁶² Ibid., p. 108-117.

A identificação do belo com o bom ou com o bem é evidente na leitura acima. Também na Antiguidade esta orientação se repete. Aqui, estas questões estéticas foram elucidadas especialmente por Platão, Aristóteles e Plotino.

A teoria platônica da beleza sintetiza esta visão. Platão via o universo como dividido em dois mundos, o mundo em ruína e o mundo em forma, ou o mundo das idéias puras. Para ele, a beleza de um ser material qualquer depende da maior ou menor aproximação que tal ser possua com a Beleza Absoluta, que subsiste, pura, imutável e eterna, no mundo supra-sensível das Idéias. No mundo ideal, a Verdade, a Beleza e o Bem são essências superiores, ligadas diretamente ao Ser.

Há um texto de “O Banquete” que realiza a identificação entre Verdade, Beleza e Bem, ou Virtude:

Não te parece que, vendo assim adequadamente a Beleza, esse homem seria o único apto a poder criar, não sombras de virtude, mas a verdadeira Virtude, uma vez que se encontra em contacto com a Verdade?⁶³

Na Idade Média encontram-se referências à Estética enquanto disciplina. A filosofia medieval é também conhecida como Escolástica por ter sido ensinada nas escolas e universidades surgidas em volta das catedrais. Nesse período surge, propriamente, a filosofia cristã, e nas entrelinhas, são identificados os escritos estéticos.

São Tomás de Aquino, por exemplo, considera que são necessárias três condições à beleza: “primeiro integridade ou perfeição, pois o que é incompleto é feio por isso mesmo; depois, a devida proporção ou harmonia, e,

⁶³ SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 47.

por último, a claridade, pois aquilo que chamamos belo tem cor brilhante”⁶⁴. Outro sábio medieval, São Denis, o Cartuxo, diz que “a sabedoria, a ciência e a arte são essências luminosas, iluminando o espírito com seu brilho”⁶⁵. Na Idade Média, portanto, o prazer estético sempre foi expresso pelo “brilho luminoso”. Brilho que é a manifestação da luz, que é Deus.

A arquitetura gótica é o reflexo deste pensar estético no uso dos vitrais que, ao permitirem a entrada de luz, sintetizam a presença e a transcendência de Deus.



Saint Chapelle – Paris (1242-1248)
Fonte: www.vitruvius.com.br

Em todos os momentos citados (pré-socráticos, antiguidade e idade média) há que se perceber que houve uma subordinação na definição da essência do belo e deixaram, no entanto, de investigar os problemas estéticos e o valor da beleza.

⁶⁴ MORAIS, Frederico. O brilho, a gula e a luxúria na exposição de Lygia Pape. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1976, p. 3.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 3.

Por esta razão, mesmo considerando que os fundamentos da estética se encontram em grande número na Antiguidade ou na Idade Média, estes, segundo Ferrater Mora, só encontraram o seu desenvolvimento enquanto “disciplina independente”⁶⁶ com a crítica Kantiana do juízo, que é uma delimitação das esferas axiológicas, a partir da construção de uma Estética independente, dissociada de considerações do tipo predominantemente metafísico, lógico, psicológico, religioso ou com outra derivação.

Kant realiza uma revolução ao deslocar o centro da existência da Beleza do objeto para o sujeito, e aponta como centro de investigação o sujeito e não o objeto. O filósofo não estuda as características do objeto belo: ele estuda o ato de consciência que julga a Beleza.

O julgamento de gosto é puramente contemplativo, é um julgamento que, indiferente à existência de um objeto, une somente sua natureza ao sentimento de prazer e desprazer. Mas esta contemplação mesma não é rígida de acordo com conceitos – diz Kant, acrescentando que o agradável, a beleza e o bem são satisfações, mas que pode se dizer que, destas três espécies de satisfação, somente aquela dada pelo gosto da Beleza é uma satisfação desinteressada e livre.⁶⁷

Como já foi dito na *Ética* de Kant, o ato cognitivo não é uma adequação da mente ao objeto conhecido, ao contrário, são os esquemas já presentes na mente que determinam o que podemos conhecer do objeto. Ou seja, não há uma adaptação do sujeito ao objeto, e sim, a mente diz o que podemos conhecer dele.

Na arquitetura, a mudança de pensamento provocada pela Revolução Industrial e seus novos materiais reflete a adequação do objeto ao sujeito, tal qual a estética kantiana, produzindo uma nova teorização arquitetônica para a

⁶⁶ MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial., 1981, p. 1032.

⁶⁷ SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 73.

compreensão da arquitetura do ferro e do vidro, que tiveram adicionadas às suas obras, como o Palácio de Cristal e a Torre Eiffel, a noção também de beleza além da utilidade.



Torre Eiffel – Paris (1887-1889)

Esta mudança de método, tanto para a Ética quanto para a Estética, consiste em determinar o objeto conforme as exigências da razão, ao invés de colocá-lo como uma realidade dada, perante a qual a razão não tem outra alternativa senão a de inclinar-se. Para Kant, “a razão não percebe senão aquilo que ela mesma produz segundo seu próprio projeto”.⁶⁸

A pretensão à universalidade do juízo do valor estético é o ponto de partida para a reflexão de Kant, filósofo que representa “um corte para a marcação do pensamento estético moderno, e realiza uma síntese filosófica, realista e objetivista sobre o problema”⁶⁹.

⁶⁸ PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Trad. Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 35.

⁶⁹ SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 69.

Para melhor definir a questão da “universalidade”, Kant estabelece alguns pares de conceitos.

No primeiro, faz uma distinção entre juízo estético e juízo de conhecimento, quando relaciona o primeiro ao juízo de gosto, enquanto o juízo de conhecimento está baseado em conceitos ligados às propriedades do objeto. Os juízos estéticos não emitem conceitos, porque decorrem de uma simples reação pessoal do contemplador diante do objeto e não da propriedade do objeto.

Em um outro par, Kant relaciona o juízo estético ao juízo agradável. O juízo estético é voltado para o prazer estético – ou juízo reflexionante, enquanto o juízo agradável é voltado para o nível sensorial. A semelhança entre eles se dá pela sensação de prazer do sujeito diante do objeto, que os dois juízos estabelecem. Já a distinção acontece, pelo fato do juízo agradável desejar exclusividade naquilo que se considera belo. O juízo estético, ao contrário, quer que algo seja belo para todo mundo e tenha validade universal.

A Beleza, ou melhor, a satisfação determinada pelo juízo de gosto é, antes de mais nada, aquilo que agrada universalmente sem conceito, conforme a citação de Kant.

Conseqüentemente, se tem que atribuir ao juízo de gosto, com a consciência da separação nele de todo interesse, uma reivindicação de validade para qualquer um, sem universalidade fundada sobre objetos, isto é, uma reivindicação de universalidade subjetiva tem que estar ligada a esse juízo.⁷⁰

Por que a validade geral do belo ou um consenso universal sobre ele?
Segundo Kant “é que a beleza, a satisfação determinada pelo juízo de gosto é

⁷⁰ KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução Valério Rohden, Antonio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 56.

resultante de faculdades necessariamente comuns a todo o homem, a sensibilidade ou imaginação, aliada talvez ao entendimento” ⁷¹.

Kant amplia seus pensamentos ao abordar também as questões do Espaço e Tempo como esquemas mentais que estruturam a nossa percepção do mundo externo, a partir de noções relativas, e não dimensões objetivas. Kant fala em tempo e espaço como intuição.

O espaço e o tempo não são determinações objetivas da realidade às quais a nossa mente se adapta, mas, ao contrário, são esquemas mentais (formas *a priori*) que precedem, condicionam e estruturam a nossa percepção do mundo externo. ⁷²

Não se pode falar de Espaço, nem de seus extensos, a não ser do ponto de vista do homem, mas em compensação, para o homem, não há objetos percebidos senão no espaço.

Quanto ao Tempo, os fenômenos podem desaparecer, não porém o próprio tempo. Tudo se passa no tempo, mas o tempo não passa. O tempo é, pois, dado *a priori*. O tempo só existe pelo sujeito e para o sujeito, mas não deixa de ser o quadro em que percebemos todas as coisas.

A arquitetura pós-moderna e a desconstrutivista, no século XX, incorporaram valores filosóficos, ainda que distintos, que trabalham com a fenomenologia e a discussão de tempo e espaço, e onde, como dirá Jacques Derrida, o “caminho não é um método”. ⁷³

⁷¹ SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 72.

⁷² NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. Tradução Maria Margherita De Luca. São Paulo: Globo, 2005, p. 328.

⁷³ NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 167.

A discussão da universalidade do juízo estético da Piazza d'Itália de Charles Moore ⁷⁴, em New Orleans, que remete aos valores de uma colônia italiana local, ou o Museu Judaico de Daniel Libeskind⁷⁵ em Berlim, que perpetua as sensações do holocausto, são exemplos da permanência do tempo e do espaço como sujeitos.



Charles Moore-Piazza d'Itália–New Orleans(1975-78) Daniel Liebskind - Museu Judaico –Berlim (1999)
Fonte: www.vitruvius.com.br

Diante da apresentação de diferentes momentos, onde a Ética e a Estética são apresentadas como disciplinas e a consideração da indissolubilidade de seus problemas, porque todos os caminhos conduzem a possibilidades de leitura, urge definir um sistema ou vários para este estudo. O escolhido como interlocutor é Kant.

Por que Kant ?

A Filosofia já está definida e justificada como alicerce do quadro teórico na construção da Tese. Mas, diante de tantas possibilidades de apreensão, é mister definir e também justificar, dentro de sua vastidão, por qual pensamento

⁷⁴ Charles Moore (1925 -1993), arquiteto americano estudado no contexto da arquitetura pós-modernista .

⁷⁵ Daniel Libeskind (1946), arquiteto polonês, naturalizado americano e estudado no contexto da arquitetura desconstrutivista.

ela está sustentada, e o porquê da definição de um filósofo e não vários, na busca da ampliação do entendimento da Estética e da Ética.

Diante de tantos sistemas, de autores com pensamentos não só diferentes, como às vezes opostos, tornou-se expressa a vontade da escolha de um único pensador, cuja obra aludisse a estes dois conceitos. Não seria prudente trabalhar com complementares ou antagonismos, pois poderia me dispersar e perder o foco. A sedução da diferença poderia encobrir o aprofundamento que se faz necessário. Era urgente a tomada de posição.

Coincidentemente, encontrei conforto e base em Georges Gusdorf quando afirma em sua obra que “a adição de duas teorias incompletas não é suficiente para oferecer uma teoria verdadeira”⁷⁶. Optei, então, por escolher Immanuel Kant como referência teórica para o embasamento da Tese, considerando que todo o discurso da Tese e a aproximação do entendimento de Filosofia, Teoria dos Valores, Ética e Estética me conduziram a ele naturalmente.

Na Filosofia moderna, foi Kant quem deu maior contribuição para a Filosofia dos Valores, ao deslocar a idéia de valor para o domínio pessoal da consciência, e assim estabelecer o Criticismo.

O termo ‘criticismo’ designa a atitude filosófica inaugurada por Kant que consiste em submeter à crítica os resultados da própria atividade mental e de toda experiência humana, a fim de estabelecer os seus limites, a sua validade e a sua possibilidade.⁷⁷

A idéia crítica é o tema fundamental do kantismo. O que conduziu Kant à idéia crítica foi a incerteza das conclusões metafísicas e a fraqueza dos

⁷⁶ SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 14.

⁷⁷ NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. Tradução Maria Margherita De Luca. São Paulo: Globo, 2005, p. 323.

argumentos. Interessante é que Kant não alimenta a menor simpatia pelos céuticos, “essa espécie de nômade que tem horror a toda fixação sólida no chão”.⁷⁸ Segundo ele, os dogmáticos constroem seus edifícios metafísicos em terreno movediço. É a defesa da razão contra o ceticismo.

No estudo da Ética, faz uma mudança radical com sua filosofia, ao rejeitar a ética dos bens e buscar uma ética autônoma. Na Estética, os estudos anteriores só encontram o seu desenvolvimento, enquanto “disciplina independente”, com a crítica kantiana do juízo, quando desloca o centro de existência da Beleza do objeto para o sujeito. Ou seja, as reflexões de Kant estabelecem uma síntese racional sobre os problemas aqui tratados: Ética e Estética.

Kant leva para a razão o consentimento de si mesma, interrogando-se sobre suas possibilidades. Realiza um exame que tem por fim discernir ou distinguir o que a razão pode fazer e o que é incapaz de fazer.

A mente deve criticar a si mesma e possuir os elementos de análise do objeto. Ao invés de se adaptar ao objeto, a mente determina o que podemos conhecer dele, criando esquemas mentais que funcionam como um filtro, que seleciona as modalidades da realidade que podem ser acolhidas ou não pela mente.

Kant, ao propor uma teoria do juízo ético ou estético, tem como critério o objeto apenas, isto é, ele é o modelo que orienta o juízo, a partir de sua sensibilidade. Seu programa/processo de reflexão, onde a base do conhecimento é a mente e o centro de investigação é o objeto, é inovador na

⁷⁸ PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Trad. Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 30.

Filosofia, uma vez que para Kant fracassaram todas as tentativas de explicar o conhecimento como a adequação da mente ao objeto conhecido.

Este pensar filosófico, investigativo e moderno de Kant, que tem por tarefa a fundamentação de experiências estéticas ou éticas, está presente na fundamentação teórica de todos os formalistas, de Fiedler a Argan.

Argan, por exemplo, observa na arquitetura o diálogo constante da cidade, enquanto objeto de crítica, com o sujeito, enquanto agente de suas transformações, através da interpenetração de valores, como demonstrado na leitura urbana abaixo, quando associa valores estéticos, políticos e históricos.

O urbanismo é uma atividade estética que se coloca numa área de interesse político. Na condição presente da cultura, o valor estético se produz num nível de atualidade histórica que se identifica com a política em vigor: No urbanismo moderno a convergência entre interesse estético e interesse político está tanto no método quanto na prática.⁷⁹

Do mesmo modo, o pensamento de Kant também servirá para a fundamentação deste trabalho e a chave para o estudo sobre a Barra da Tijuca, tornando provocativo este exercício, porque vai ao encontro do que se pretende: a renovação do olhar sobre o bairro.

Retoma-se aqui uma preocupação kantiana quando afirma que “a preocupação crítica consiste essencialmente em não se dizer mais do que se sabe”⁸⁰. A razão não percebe senão aquilo que ela mesma produz segundo seu próprio objeto e, na autonomia defendida por Kant, entre Razão e Objeto, a primeira não tem que inclinar-se à segunda.

⁷⁹ ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Ática, 2000, p. 103.

⁸⁰ PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Tradução Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 32.

Para sedimentar o estudo, retoma-se a importância que o filósofo dá à experiência como sistema de seu idealismo. “Todo conhecimento das coisas provenientes só do entendimento puro ou da razão pura não passa de ilusão; só na experiência há verdade”⁸¹. A experiência provém do conhecimento e da vivência do objeto, o que é a defesa do trabalho.

Somando-se ao conhecimento, há ainda o entendimento de juízo estético e reflexionante, onde os objetos são o nosso espelho, nos refletem ou apenas refletem nossos critérios. “Percebemos a beleza nas coisas em que encontramos, como num espelho, os reflexos dos critérios de harmonia e equilíbrio que estruturam a nossa mente”.

Se não fosse isso, o juízo da beleza seria somente uma possibilidade, a do agradável. O juízo estético é o confronto operado pela imaginação entre o objeto e a mente humana.

Apropriando-se de Kant, a idéia de espelho está associada ao seu entendimento de espaço, quando Ética e Estética tangenciam suas questões. Na citação abaixo está bastante claro em seu juízo crítico, o juízo reflexionante, a vivência do espaço e a submissão do objeto aos esquemas mentais do sujeito.

As propriedades do espaço e do tempo serão pois reencontradas em tudo aquilo que pudemos perceber. Assim de uma coisa qualquer, antes mesmo de vê-la, eu sei que ela terá três dimensões; de um estado de alma qualquer, antes de experimentá-lo, eu sei que ele terá certa duração e que nunca mais voltará.⁸²

Esta é uma identificação com a Barra da Tijuca, quando se pensa nela enquanto espelho, refletindo nossos critérios: o espaço do bairro enquanto

⁸¹ PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Tradução Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 45.

⁸² *Ibid.*, p. 41.

sujeito e objeto, e que será apresentado no próximo capítulo, “Entre a Ética e a Estética”, quando se dará a interpenetração destes dois conceitos.

Nele, a proposição de Kant em sua “razão pura”, analisando a si mesma, levará à verificação dos limites da própria legalidade e, nesta verificação, a possibilidade de ultrapassar estes limites e produzir um novo conhecimento sobre o bairro.

Uma aventura kantiana, porque estabelecerá novos limites de ação. Uma investigação que propõe a aventura de abandonar qualquer pretensão de certeza que se tenha sobre a Barra da Tijuca, uma arquitetura entre a Ética e a Estética.

4 ENTRE A ÉTICA E A ESTÉTICA

Este capítulo detalhará a interpenetração entre os valores Éticos e Estéticos, considerando a base teórica kantiana, apresentada no capítulo anterior. Algumas relações serão estabelecidas, como sustentação para este pensar teórico. Verifica-se que todo o processo que norteou a expansão da Barra, desde a sua implantação até os dias de hoje, demonstra a oscilação entre a Ética e a Estética.

A expansão da cidade na direção a Barra da Tijuca começa a ser desenhada pelo poder público após o *boom* imobiliário de Copacabana, nos anos 20, 40 e 50 e de Ipanema e Leblon, nos anos 60 e 70, quando se dá a construção de um complexo sistema-viário (estradas, viadutos, túneis e elevados) que levaria primeiro a São Conrado e, num segundo momento, à Barra da Tijuca.

Havia, para o Rio de Janeiro, um projeto urbanístico realizado pelo arquiteto e urbanista grego Constantino Doxiadis, em 1963, por encomenda do governador Carlos Lacerda. Nele foram traçadas as linhas gerais de um plano que pretendia a descentralização urbana da cidade com novas vias no eixo Norte-Sul e Leste-Oeste e ficou conhecido como Plano Policromático⁸³, pelo traçado das Linhas Vermelha, Amarela, Verde, Marrom e Azul, construídas

⁸³ BOGOSSIAN, Fancis. O Rio merece um projeto urbanístico. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 jun 2007, p. A 11.

apenas as duas primeiras na década de 90. O plano Doxiadis também atuava em direção à Barra, mas não foi considerado satisfatório, por não contemplar o que se pretendia para o bairro.

Diante da urgência de expansão da cidade do Rio de Janeiro para a zona oeste, retoma-se, então, por iniciativa do Estado, através de parcerias entre grupos financeiros, imobiliários e industriais, os estudos onde seriam traçadas estratégias para iniciar o planejamento ordenado da área.

O cenário encontrado remontava à natureza exuberante do lugar. Um paraíso perdido e que, de repente, começa a ser descoberto em função da expansão urbana e abertura de novas vias, como os acessos de São Conrado à Barra e a BR – 101 (hoje Av. das Américas).

A vastidão da área, quase 120 km² (“uma área cinco vezes e meia mais extensa do que a superfície urbanizada da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, da Glória à Gávea”⁸⁴), deu o tom da importância da intervenção que seria feita naquela região.

O arquiteto Almir Machado externa esta percepção ao afirmar que “na realidade, a Barra constitui a maior experiência nacional em planejamento aplicado a terras que não pertencem ao Estado”⁸⁵.

Tratava-se realmente de um projeto grandioso, uma tarefa profissional em que todos os participantes do processo estavam imbuídos da expectativa de fazer parte da história da cidade e do desenho de seu crescimento. Nas palavras do Secretário de Obras Raimundo de Paula Soares:

⁸⁴ LEITÃO, Gerônimo. *A Construção do Eldorado Urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 62.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 66.

Começa a erguer-se na Baixada de Jacarepaguá a mais bela cidade oceânica do mundo. O Rio do futuro nasce com filosofia própria, planejado, medido, calculado, imposição e consequência do Anel Rodoviário e das obras do DER na região ⁸⁶.

Lúcio Costa é então escolhido para realizar o Plano de ordenação daquela que seria a nova fronteira de ocupação da cidade e direção do crescimento urbano, geograficamente situado logo após os limites de São Conrado e Joatinga. O nome do arquiteto era uma escolha de consenso, por sua já reconhecida trajetória profissional.

Lúcio Costa também entendia a grandeza de sua missão. Suas palavras no Plano evidenciam a percepção da importância do fato urbano ser maior que o próprio modelo urbano a ser implantado.

O problema, portanto, ultrapassa os limites iniciais em que foi posto, pois o que importa aqui não é tão-somente dar solução urbanística adequada a um programa de caráter recreativo, residencial e turístico, como talvez se imagine. O que está concomitante e verdadeiramente em jogo é a própria estruturação urbana definitiva da Cidade-Estado. E constata-se então, paradoxalmente, que a contribuição básica deste plano-piloto é precisamente esta, que aflora antes mesmo de ser abordado o conteúdo específico e limitado do problema proposto.⁸⁷

Ainda que se reconheça o processo de expansão da cidade como o próprio caminho, o Plano está sendo abordado nessa tese como questão, pois a sua formulação resultou no bairro objeto desse estudo.

Duas questões serão abordadas neste capítulo, que trata da interpenetração entre Ética e Estética: o **modelo urbano** para a realização do Plano Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da

⁸⁶ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 1.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 7.

Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá e a busca pela construção de uma **identidade** para a região. Estas duas questões e os princípios que as nortearam contribuíram para o que hoje representa a Barra da Tijuca.

A busca por um modelo urbano ...

Na interpenetração entre Ética e Estética, justifica-se a escolha do modelo urbanístico racionalista escolhido pelo arquiteto, percebido através de seu Plano-Piloto, pelo fato do mesmo apresentar paradoxos, desde o início em que foi formulado, pois, à medida em que era implantado, começavam a surgir os problemas que estavam embutidos naquele modelo de ocupação.

São claras as afinidades entre o Plano de Lúcio Costa com os conceitos do urbanismo formulados em 1933⁸⁸, no IV CIAM, e que ficou conhecido como a Carta de Atenas, onde a influência dos arquitetos modernistas Marcel Breuer e Le Corbusier são visíveis. Nas palavras de Geronimo Leitão, a questão é abordada:

O Plano Piloto para a Baixada de Jacarepaguá e Barra da Tijuca é um exemplo significativo da aplicação dos princípios e conceitos do urbanismo racionalista, cujos postulados básicos foram forjados nos congressos internacionais de Arquitetura Moderna, realizados nas décadas de 20 e 30 deste século.⁸⁹

A distância cronológica de quase 40 anos, entre a formulação da Carta de Atenas e a postulação do Plano de Lúcio Costa, ajuda a explicar o

⁸⁸ O CIAM IV, cujo tema foi “A Cidade Funcional”, realizou-se em julho e agosto de 1933, em um cruzeiro, a bordo do navio *S. S. Paris*, em Atenas e Marselha.

⁸⁹ LEITÃO, Gerônimo. *A Construção do Eldorado Urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 5.

surgimento das primeiras críticas. É falsa a impressão que o mundo parou e as teorias urbanas ficaram congeladas. Não foi isso o que aconteceu. Nos CIAM'S que se seguiram ao de 1933 até a ruptura definitiva em 1956 (CIAM X)⁹⁰, amadureceram questões contrárias aos postulados racionalistas de Atenas.

Já nos anos 60, a crítica considera genérico o tom deste IV CIAM, quando comparado aos anteriores, e esta generalização é considerada paradoxal, como mostra a citação abaixo:

...A generalização teve suas virtudes, pois trouxe consigo uma maior largueza de visão e insistiu em que as cidades só podem ser consideradas em relação às regiões que as circundam. Contudo, essa generalização persuasiva que confere à Carta de Atenas seu ar de aplicabilidade universal esconde uma concepção muito limitada tanto da arquitetura quanto do planejamento urbano, e, de modo equivocado, comprometeu os CIAM.⁹¹

Se as manifestações contrárias ao modelo racionalista proposto pelo CIAM, enquanto modelo internacional para aplicação urbana, são visíveis e praticamente contemporâneas à sua elaboração, não surpreende que as contradições decorrentes de sua aplicabilidade na Barra da Tijuca também logo aparecessem.

A primeira delas é o caráter “elitista” do Plano apontado pelos construtores de menor porte que afirmavam que “o produtor da habitação urbana ou o pequeno construtor ficaram marginalizados”⁹². Esta afirmação está justificada pelo fato do modelo adotado dividir a área em grandes glebas

⁹⁰ O CIAM X, realizado em Dubrovnik, em 1956, foi o último encontro dos CIAM.

⁹¹ FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 328.

⁹² LEITÃO, Gerônimo. *A Construção do Eldorado Urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 24.

de terra o que, naturalmente, favoreceria construtoras de maior poder econômico, restringindo assim a ação das menores.

Começava elitista antes mesmo da ocupação e, antes mesmo de definir se o perfil de ocupação seria elitista, já induzia o bairro a tal ocupação.

Como decorrência, entendia-se que estavam sendo privilegiadas classes de renda alta. Um Seminário sobre a Barra, realizado em 1986, apontou novamente este caráter no relatório "é necessário que a política de desenvolvimento da Barra dê condições de acesso a todas as camadas da população, para evitar que a Barra se torne um bairro estigmatizado como de elite".⁹³

Com tantas discussões, a questão Ética torna-se clara neste momento: por que este modelo racionalista é usado em 1969, quando o Rio de Janeiro vive um *boom* da especulação imobiliária batendo à sua porta? Ou seja, fazer um plano com áreas tão grandes não era uma ingenuidade. Era fácil perceber que fatalmente estas áreas seriam devoradas pelos grandes incorporadores e só eles poderiam fazê-lo.

Neste momento, apresenta-se já uma questão onde se dá a interpenetração entre a Ética e a Estética. Ao mesmo tempo em que discutimos o modelo racional do Plano Piloto para a Barra, dentro de uma inserção Ética, a partir da discriminação do acesso, este mesmo modelo é reduzido a uma questão Estética, através da sua expressão formal.

A crítica de Reyner Banham, em 1963, aos postulados da Carta de Atenas reduzindo-a apenas a uma questão Estética, deixa muito clara esta percepção. "Hoje, trinta anos depois, não reconhecemos nisso nada além da

⁹³LEITÃO, Gerônimo. *A Construção do Eldorado Urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 25.

expressão de uma preferência estética, mas à época teve a força de um mandamento mosaico e realmente paralisou as pesquisas sobre outras formas de moradia.”⁹⁴

Com o documento formulado no IV CIAM , entendia-se que a cidade deveria ter um zoneamento funcional dividido em cinco categorias principais: Moradia, Lazer, Trabalho, Transporte e Edifícios Históricos.

São cento e onze propostas, que na sua maioria versam sobre um zoneamento funcional rígido da planificação urbana, com cinturões verdes entre as áreas reservadas às diferentes funções, e um único tipo de moradia urbana, expresso, nos termos da Carta, como “blocos de apartamentos altos e com bom espaço entre si, sempre que existir a necessidade de alojar uma alta densidade de população”.

Os objetivos descritos no Plano-Piloto de Lúcio Costa são muito próximos aos da Carta de Atenas. Assim como previsto pela Carta, o urbanista define um zoneamento funcional da planificação urbana, estabelecendo várias funções para o bairro.

Entre elas, a definição dos locais para o Centro Metropolitano da Guanabara, Centro Cívico, hotéis, núcleos de torres residenciais, núcleos de casas , hotéis, ancoradouros, núcleos urbanos com escolas e comércio, áreas a urbanizar, áreas a arborizar, e até áreas a estudar, entre tantas outras setorizações, definindo assim uma ocupação racional, conforme detalhado no desenho do Plano.

No discurso teórico, as setorizações também são confirmadas em vários parágrafos.

⁹⁴ FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 329.

“Impõe-se, pois, como primeiro passo, revogar em parte esse Plano de Diretrizes de Vias Arteriais em favor da adoção do partido urbanístico de se criarem, além daquele futuro grande centro metropolitano NS-LO, dois outros centros urbanos principais, um na Barra, além do Jardim Oceânico, outro em Sernambetiba, contíguo ao Recreio e numerosos núcleos urbanizados ao longo da BR-101, afastados cerca de um quilometro entre si.”⁹⁵

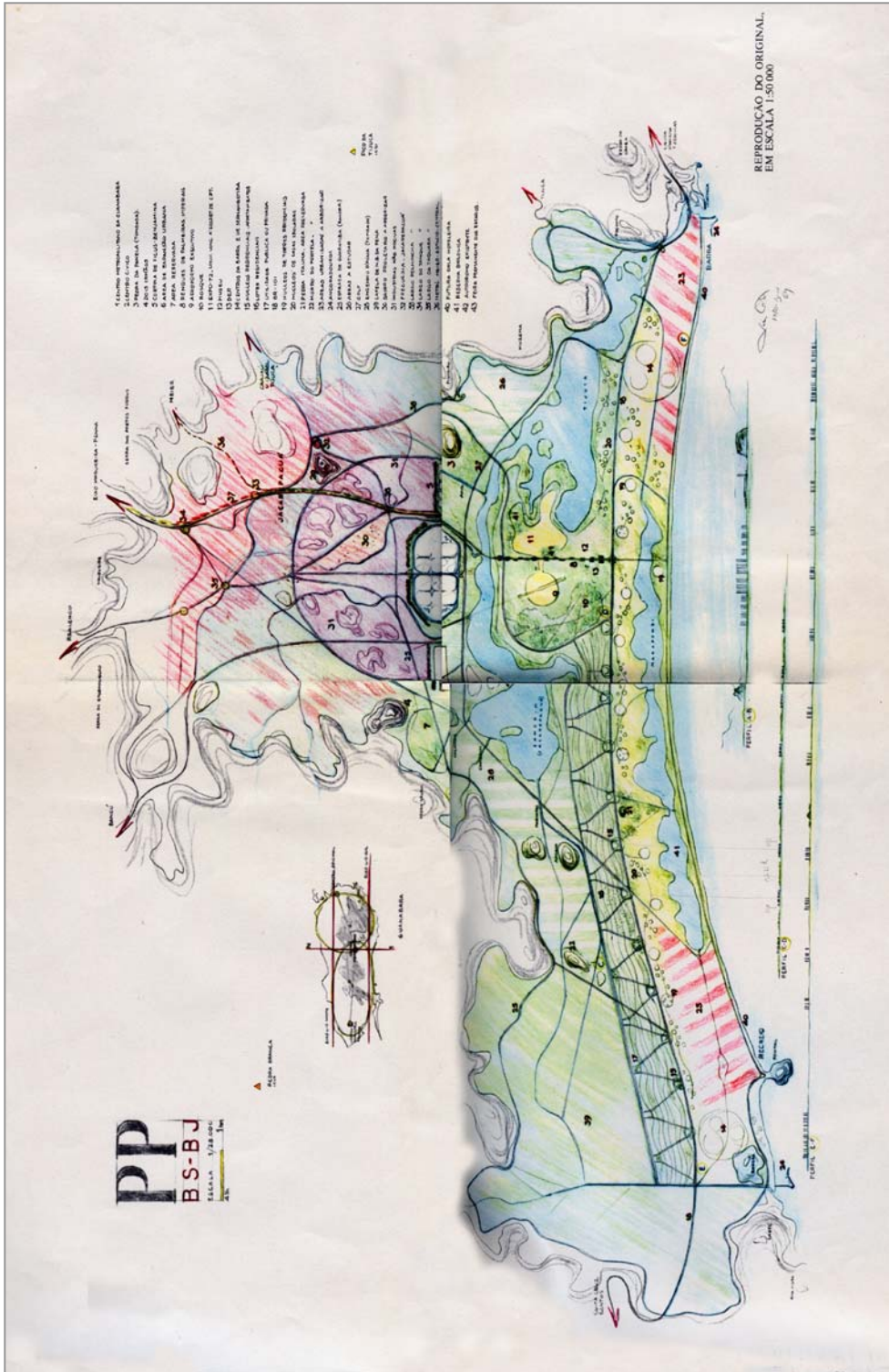
Para unir e permitir o acesso a todas as setorizações, o arquiteto priorizou, de forma clara, através de suas avenidas Américas e Alvorada (hoje Ayrton Senna) um partido urbano, onde os protagonistas eram os veículos. Estas duas avenidas constituíram os principais eixos de circulação do bairro, seja por automóveis, seja por ônibus.

O Plano – Piloto não favoreceu em seu traçado o caminhar. A Barra da Tijuca de Lúcio Costa não era um lugar para se andar a pé, uma vez que o pedestre está fora das ruas e dentro dos condomínios fechados.

Mas, se tivesse sido um lugar para o pedestre, seria palco de uma contemplação agradável, pois as áreas verdes, longe de serem uma disposição da Carta de Atenas, foram uma preocupação constante do arquiteto.

Não bastasse o cenário natural envolvente do bairro, que convida à contemplação, os postulados de seu plano já apontavam o envolvimento do homem com aquela natureza. Ainda assim, o veículo foi o protagonista.

⁹⁵ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 8.



Fonte: Plano-Piloto – Barra da Tijuca

Embevecido pela natureza pródiga da cidade e do local, a Ética da preservação da natureza está presente no plano em vários momentos, como neste em que Lúcio Costa afirma: “... as praias e dunas parecem não ter fim; é aquela sensação de estar num mundo intocado, primevo”.⁹⁶ (*grifo nosso*)

A preocupação aparece, ora nos cinturões verdes que propõe, ora na preocupação com a poda das árvores e, sempre que possível, na preservação da vegetação local em seu “estado agreste natural” .

“Com o tempo, todos se beneficiarão porque, enriquecidas com o plantio, por iniciativa própria dos moradores, de cajueiros e coqueiros, essas grandes áreas densamente sombreadas e verdes se converterão em oásis acolhedores e contribuirão para a composição paisagística do conjunto”.⁹⁷

A união entre Natureza e Patrimônio também corrobora nesta afirmação. O arquiteto cita, como marcação para o seu Plano, o acerto do recente tombamento da Pedra da Panela pelo Patrimônio Estadual⁹⁸, conforme Decreto “E” no. 2715/69-GB, de 4/3/1969, como uma conjunção favorável na definição de suas diretrizes:

O prolongamento do eixo maior na direção Oeste definiria um setor considerado próprio à expansão urbana, e para Leste alcançaria a área destinada ao futuro Centro Cívico que o Estado ainda reclama. Trata-se da planície marcada pela presença insólita desse monumento natural que o Patrimônio Estadual, numa antecipação simbólica, recentemente tombou, - a “ Pedra da Panela”.⁹⁹ (*grifo nosso*)

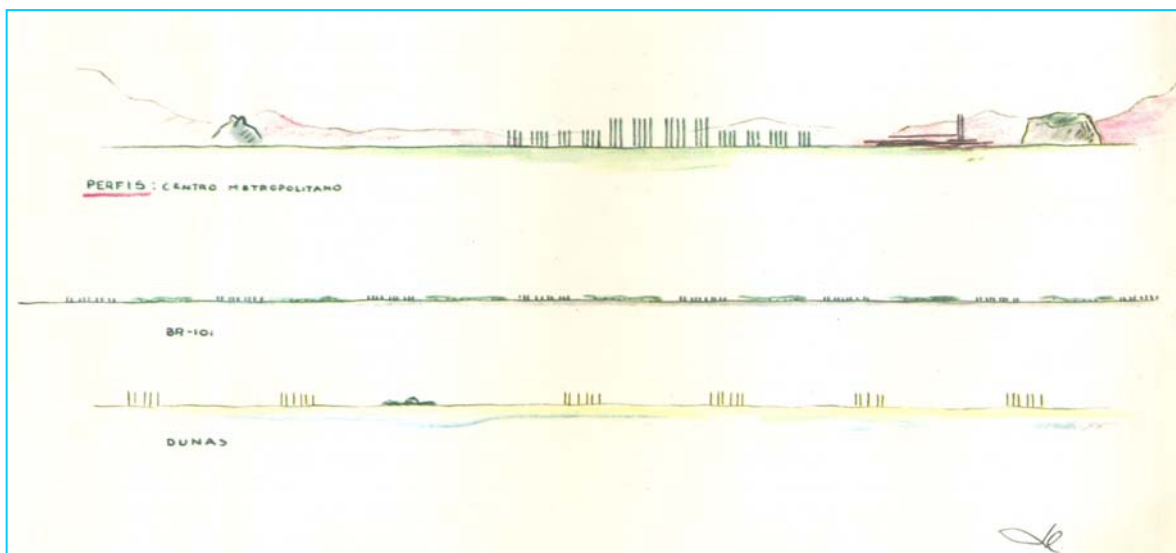
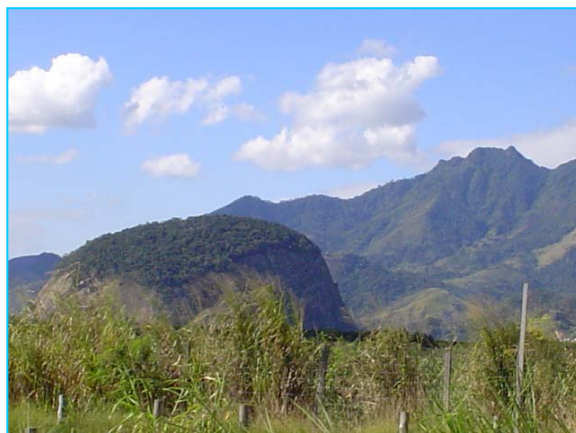
⁹⁶ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 8.

⁹⁷ Ibid, p.11.

⁹⁸ GUIA do Patrimônio Cultural: bens tombados. 2 ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1992, p. 127.

⁹⁹ COSTA, op. cit., p. 14.

O arquiteto ainda usaria o tombamento da Pedra da Panela para definir o gabarito do Centro Metropolitano e de toda a Barra, segundo a sua cota: “os quarteirões centrais teriam gabarito mais alto, cerca de 200 metros, correspondendo assim a 70 andares à cota da Pedra da panela (196 m); os demais, de 40 a 50 pisos”.¹⁰⁰



Fonte: Plano-Piloto - Barra da Tijuca

¹⁰⁰ LEITÃO, Gerônimo. *A Construção do Eldorado Urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 66.

Mas, se por um lado a pretensa intenção de grandes áreas com baixa taxa de ocupação e zonas verdes apontavam para uma atitude de preservação, estas mesmas condições privilegiavam as construtoras e imobiliárias de grande porte em função das setorizações, definições de gabarito, e parcelamento e uso do solo. Ou seja, uma dubiedade de valores colocava a Ética em xeque.

Nas atitudes de Lúcio Costa está claro o sentido de consciência do dever do qual está imbuído naquele momento. Há um sujeito ético que entende que está fazendo o que é bom. Kant subverte o conceito de bom ao afirmar que “o único bom em si mesmo, sem restrição, é uma boa vontade”¹⁰¹, quando a boa vontade está relacionada ao cumprimento do dever.

A “boa vontade” associada ao “bom” e ao “cumprimento do dever” estão claras em Lúcio Costa, mas funcionam como armadilhas.

Cabe a indagação, neste momento, do porque de atribuir este conceito de ética a Lúcio Costa, se o sujeito proposto para este estudo não é o arquiteto, e sim, a Barra da Tijuca.

A resposta é negativa, e encontra justificativa no próprio Kant, quando fala na pretensão à universalidade. No momento da formulação do Plano Piloto, Lúcio Costa e a Barra da Tijuca são um só, pois deixa claro a retomada da cidade unificada, em seu modelo urbano internacional.

Kant só considera como boa vontade a ação por puro respeito ao dever, sem razões outras, ou a sujeição à lei moral. Ressalta, porém, que o dever é incondicionado e absoluto, ou seja, o que a boa vontade ordena é universal por sua forma.

¹⁰¹ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1970, p. 249.

O filósofo chama de imperativo categórico a esse mandamento, formulando-o assim: “age de maneira que possas querer que o motivo que te levou a agir se torne uma lei universal”.¹⁰²

De novo, apresenta-se aqui a interpenetração entre a Ética e a Estética.

A pretensão à universalidade é uma questão muito presente também na estética kantiana.

Como já foi dito, o juízo estético considera que a Beleza é, antes de tudo, aquilo que agrada universalmente. Segundo as palavras de Kant: “o belo é o que é representado sem conceitos, como objeto de uma complacência universal”.¹⁰³

No juízo sobre o objeto, sentimos uma harmonia natural, não fundada em conceitos, entre a nossa imaginação e o nosso entendimento, entre nossas faculdades sensíveis e nossas faculdades intelectuais, harmonia que deve ser válida também para cada qual e, por conseguinte, ser comunicável universalmente.¹⁰⁴

A armadilha está exatamente na questão da universalidade, ou da sensibilidade comum a todo homem. Lúcio Costa acreditou que seu entendimento pessoal, onde a solução urbana de grandes glebas, torres residenciais e vazios para intervenções futuras seriam também de entendimento universal, mas esbarrou no tempo e nas circunstâncias em que o Plano se dava.

Le Corbusier enfatizou que a liberdade e a libertação na metrópole contemporânea dependiam de maneira vital da imposição da ordem racional.

¹⁰² VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1970, p. 249.

¹⁰³ KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do juízo*. Tradução Valério Rohden, Antonio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 56.

¹⁰⁴ PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Tradução Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 162.

Ele e seus pares acreditavam que esta nova idéia de planejamento urbano promoveria o bem estar. Lúcio Costa também.

Se a história do urbanismo mostrava, outras tendências de assentamento e outras propostas urbanas em colisão com as preconizadas pela Carta de Atenas, por que Lucio Costa ainda aposta neste modelo? Talvez causa e conseqüência das mazelas principais que o bairro enfrenta hoje.

O planejamento anteriormente produzido por Doxiadis para aquela região previa arruamentos paralelos em toda a sua extensão, excluindo-se apenas as faixas de lagoas, parques, dunas e as áreas preservadas.

O arquiteto Lúcio Costa entendia que esta ocupação “usual”, traria danos e destruição à cidade: “ a ocupação da área nos moldes usuais, com bairros que constituíssem no seu conjunto praticamente uma nova cidade, implicaria na destruição sem remédio de tudo aquilo que a caracteriza.”¹⁰⁵

O arquiteto não percebe as mudanças que o mundo apresentava no período pós-guerra? Mudanças estas que vão gerar novos paradigmas no urbanismo. E que mudanças são estas tão presentes nas academias mundiais e não alheias ao seu tempo ?

Há uma mudança sócio-comportamental em escala mundial, em processo entre os anos 60 e 70, que apesar dos reflexos claros no Brasil, fizemos parecer que ela não nos atingia...

Mudança esta que começa a aparecer no Pós-guerra com a reunião de todos os artistas na América, criando uma arte global. A palavra nacionalismo é

¹⁰⁵ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 8.

trocada por internacionalismo e rapidamente para universalismo. “Chegou a hora de aceitarmos valores culturais num plano verdadeiramente global”¹⁰⁶.

Isso aconteceu com a “Pop-Art”, a “Coca-Cola”, “Holywood”, as classes de subúrbio cheia de bens de consumo duráveis e não tão duráveis, e outras tantas transformações que viraram ideologia, eternizadas em encartes publicitários.



A inserção de novos valores culturais anunciados em propagandas
 Fonte: Revista Casa e Jardim, maio - 1959

Charles Chaplin, em “Tempos Modernos”, já discute o mito moderno como verdade eterna. “... Quem disse que a idéia de que a máquina, a fábrica

¹⁰⁶ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1993, p.43.

e a cidade racionalizada oferecem uma concepção rica o bastante para definir as qualidades eternas da vida eterna ?”¹⁰⁷, afirmaria ele .

Esta rebelião artística foi, aos poucos, se transformando em ideologia liberal. A arte e a cultura modernista tornaram-se tão exclusivas de uma elite dominante, que a experimentação ficou cada vez mais difícil e parecendo apenas monumentalizar o poder corporativo ou estatal . Estabelecia-se com isso um vazio de sensibilidade.

E foi exatamente neste contexto que os movimentos contra-culturais e antimodernistas dos anos 60 apareceram. As contra-culturas exploram os domínios da auto-realização individualizada através da incorporação de gestos anti-autoritários, de hábitos iconoclastas (na música, vestuário, estilos de vida, etc.) em um processo que se dá tanto nas universidades como nas ruas. Trata-se da virada para o que será chamado de “pós-modernismo”, a partir do vigor do movimento antimoderno dos anos 60.

Vale a ressalva que, ainda que estas mudanças façam parte de um momento nomeado pela historiografia como “pós-modernismo”, não cabe aqui discutir a nomenclatura que se deve dar. Importante é entender que as mudanças acontecem e perceber que elas são um afastamento do ‘modernismo’.

Esta afirmação de não teorizar sobre o pós-moderno, encontra respaldo no discurso de Eduardo Subirats, quando o mesmo, diante das muitas pluralidades daquele momento, alerta para a possibilidade de se cair na imprecisão do conceito.

¹⁰⁷ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1993, p. 39.

Chamar estilo às criações artísticas e arquitetônicas que a crítica mais recente agrupou sob o aleatório conceito de Pós-moderno seria muito pouco preciso, a menos que se desse a esta palavra o significado mais banal de um código lingüístico sistematizado ou de um jargão gramaticalmente consistente.¹⁰⁸

Diante desta constatação, o autor também reforça a idéia daquele momento, e das mudanças que provoca, evidenciando que “por baixo da explosão do Pós-moderno encontra-se a constatação e a consciência do fim da modernidade, ou antes, de seu desgaste e claudicação”.¹⁰⁹

O reflexo dessas mudanças fica também evidenciado no pensamento urbanístico sobre como devem ser as cidades que seriam o *habitat* natural dessa nova maneira de ver e pensar o mundo.

Verifica-se, sobretudo, que há um distanciamento de modo radical das concepções modernistas sobre como considerar o espaço, como algo a ser moldado para propósitos sociais e, portanto, sempre subservientes à construção de um projeto social, o que está claro na Carta de Atenas.

As novas teorias, ao contrário, vêem o espaço como algo independente e autônomo a ser moldado segundo objetivos e princípios estéticos que não têm, necessariamente, nenhuma relação com algum objetivo social abrangente, salvo, talvez, a consecução da intemporalidade e da beleza “desinteressada” como fins em si mesmas.

Vale, nesse momento, fazer um paralelo com a escolha de Kant como base teórica para este estudo. Assim como as novas teorias urbanas vão dissociar-se de qualquer interesse, a não ser o sujeito, a filosofia de Kant revoluciona porque propõe uma Ética e Estética como disciplinas

¹⁰⁸ SUBIRATS, Eduardo. *Da vanguarda ao pós-moderno*. Tradução Luiz Carlos Daher e Adélia Bezerra de Menezes. São Paulo: Nobel, 1984, p. 100.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 107.

independentes e autônomas, dissociadas de qualquer consideração, onde o sujeito é o centro das reflexões.

Entre as novas e importantes postulações urbanas, destacamos Jane Jacobs, autora de influentes tratados antimodernistas, e que desqualifica, em 1961, o planejamento com inspiração modernista, criticando alguns de seus pressupostos como, por exemplo, “passeios públicos que vão do nada a lugar nenhum e nos quais não há gente passeando e vias expressas que visceram as grandes cidades”¹¹⁰, ou ainda nas críticas às propostas de habitação apresentadas pelos modernistas para todas as classes sociais.

A autora salienta, com isso, a necessidade de interação na dinâmica urbana, para a produção de ambientes “saudáveis”, e defende a vitalidade e a diversidade como elementos naturais que suscitem o prazer das combinações urbanas nas cidades.

...Elas (as combinações) também podem dar-nos o prazer do contraste, do movimento e do senso de direção, sem superficialismos forçados: as oficinas que acabam misturadas a residências; os prédios de fábricas; a galeria de arte ao lado do mercado que me encanta toda vez que vou comprar peixe; a pomposa mercearia de gastronomia em outro ponto da cidade, contrastando e coexistindo pacificamente com um bar alegre...¹¹¹

Sobre os automóveis como vetores nos planejamentos urbanos, a autora apresenta a dicotomia do modernismo de se acreditar que resolvendo as necessidades dos carros, solucionam-se as carências das cidades. E não é assim.

¹¹⁰ JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 2.

¹¹¹ JACOBS, op. cit., p. 252.

As necessidades dos automóveis são mais facilmente compreendidas e satisfeitas do que as complexas necessidades das cidades, e um número crescente de urbanistas e projetistas acabou acreditando que, se conseguirem solucionar os problemas de trânsito, terão solucionado o maior problema das cidades. As cidades apresentam preocupações econômicas e sociais muito mais complicadas do que o trânsito de automóveis. Como saber que solução dar ao trânsito antes de saber como funciona a própria cidade e de que mais ela necessita nas ruas? É impossível.¹¹²

Apesar da diversidade ser um processo natural às grandes cidades, a história do planejamento moderno mostrava uma aversão dos planejadores a ela, temendo o caos e a complexidade por considerá-los desorganizados, feios e irremediavelmente irracionais. Jacobs afirmava ser curioso que os planejadores das cidades pareçam não reconhecer essa força de autodiversificação, nem serem atraídos pelos problemas estéticos de exprimi-la.

Os processos de interação citados por Jacobs são interpretados por outros autores como, por exemplo, Aldo Rossi, que defende a cidade como criação humana e parte de um processo coletivo: “entendo a arquitetura em um sentido positivo, como uma criação inseparável da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é por natureza coletiva.”¹¹³

Rossi, ainda em seu discurso, aponta para a preservação do sentido da memória coletiva. Diz também que os monumentos, signos da vontade coletiva e expressados pelos princípios da arquitetura, constituem pontos fixos da dinâmica urbana.

David Harvey, outro autor também focado nas questões urbanísticas e sociais que surgiram após os anos 60, considera que há uma ruptura com a

¹¹² JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 6.

¹¹³ ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. Tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 1.

idéia modernista de que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, tecnologicamente racionais e eficientes, e sustentados por uma arquitetura absolutamente despojada (uma clara alusão às superfícies “funcionalistas” e austeras do modernismo de “estilo internacional”).

O projeto urbano deseja ser sensível às tradições vernáculas, às histórias locais, aos desejos, necessidades e fantasias particulares, gerando formas arquitetônicas especializadas, e até altamente sob medida, que podem variar dos espaços íntimos e personalizados ao esplendor do espetáculo, passando pela monumentalidade tradicional.

Estas colocações desmontam, ou pelo menos contra-argumentam, a permanência do modelo urbanístico traçado por Lúcio Costa.

Contradição interessante deve ser pensada nesse momento em que se insistem na tábula de Le Corbusier e suas cidades – torres . Quando o arquiteto franco - suíço sugere que uma nova idéia de planejamento urbano promova o bem estar e sugere este modelo, suas propostas contradizem o que prega, pois afasta o pedestre da cidade e o enclausura nas cidades - torres.

A crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais, na padronização do conhecimento e da produção é substituída por um modelo onde se privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural.

Essas mudanças têm seu reflexo também no Brasil, assim como no mundo, a partir dos anos 60, através de movimentos culturais (música, teatro, cinema, artes plásticas e poesia) e, que, certamente, estão exigindo uma nova

sociedade. Assim, a revisão do espaço e das qualidades da vida urbana vai ser uma exigência dessa nova sociedade.

Cultiva-se, então, um conceito de tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, formas passadas superpostas umas às outras e uma 'colagem' de usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros. Tudo isso pode florescer pelo recurso a um notável ecletismo de estilos arquitetônicos.

É útil considerar o sentido dessa mudança por uma variedade de razões. Para começar, o ambiente construído constitui um elemento de complexidade urbana que é vital para se forjar novas sensibilidades culturais. A aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material, a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais. Se experimentarmos a arquitetura como comunicação, como insiste Barthes (1975-92) quando afirma que “a cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem”¹¹⁴, então temos de dar estreita atenção ao que está sendo dito pelo sujeito, em particular porque é típico absorvermos essas mensagens em meio a todas as outras múltiplas distrações da vida urbana.

Para o arquiteto inglês Leon Krier, o planejamento urbano modernista trabalha quase sempre com o zoneamento monofuncional. Como resultado, a circulação de pessoas entre zonas e por meio de artérias artificiais, é a principal preocupação do planejador, gerando assim, um padrão urbano que segundo ele é “antiecológico”, por ser uma perda de tempo, de energia e de espaço:

¹¹⁴ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1993, p. 69.

A pobreza simbólica da arquitetura e da paisagem urbana atuais é resultado e expressão diretos da monotonia funcionalista legislada pelas práticas de zoneamento funcional. Os principais tipos de construção e modelos de planejamento modernos, como o arranha-céu, o arranha-solo (groundscraper), o setor Central de Negócios, a Faixa Comercial, o Setor de Escritórios, o Subúrbio Residencial etc., são invariavelmente super concentrações horizontais ou verticais de um mesmo uso numa zona urbana, num programa de construção ou sob o mesmo teto.¹¹⁵

Krier contrasta essa situação com a “boa cidade” (por sua natureza ecológica), em que “a totalidade das funções urbanas” é fornecida dentro de “distâncias a pé compatíveis e agradáveis”.

Reconhecendo que tal forma urbana “não pode crescer por extensão em largura e altura”, mas somente “por multiplicação”, Krier procura uma forma de cidade configurada por “comunidades urbanas completas e finitas”, cada uma delas constituindo um quarteirão urbano independente dentro de uma grande família de quarteirões urbanos que formam, por sua vez, “cidades no interior de uma cidade”.

Somente nessas condições seria possível recuperar a “riqueza simbólica” de formas urbanas baseadas na proximidade, no diálogo e na expressividade advinda da articulação entre os espaços públicos e privados do tecido urbano.

Com isso, emerge uma nova estética, calcada na diversidade, alavancada pelas comunicações contemporâneas, que derrubam as fronteiras usuais do espaço e do tempo, produzindo um novo internacionalismo e eliminando as fronteiras internas em cidades e sociedades, baseadas no lugar,

¹¹⁵ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1993, p. 70.

na função e no interesse social, desde que o sujeito seja o ponto de partida destas exigências.

O arquiteto e o urbanista podem, em conseqüência, aceitar com mais facilidade o desafio de se comunicar com grupos distintos de clientes de maneira personalizada, ao mesmo tempo em que talham produtos para diferentes situações, funções e culturas.

Há uma preocupação com a história, o comércio, o conforto, os domínios ético e estético, sinais que indiquem familiaridade e dispostos a aceitar todos os gostos, e que os modernistas tendiam a considerar comuns e banais. Em princípio, portanto, essa nova maneira de planejar é antivanguardista ao não desejar impor soluções, ao contrário da tendência passada – e presente - dos altos modernistas, dos planejadores burocráticos e dos empreendedores autoritários.

Com esta idéia de modelo de urbanização proposto para a Barra da Tijuca, retoma-se aqui a problemática Ética e Estética criada.

Depois de todas essas considerações fica perceptível entender o que aconteceu ou acontece com a Barra da Tijuca. A leitura vai ficando mais e mais clara.

O Plano de Lúcio Costa encontrou núcleos já formados, e com uma certa unidade, como os sub-bairros Jardim Oceânico e Tijucamar, além de comunidades espaçadas que ali já estavam se fixando. Mas em nenhum momento, no planejamento da Barra da Tijuca, alguém se interessou em saber o que estes pequenos núcleos queriam. Como conseqüência, e com o tempo, o bairro faz por si só a correção do seu rumo.

A Barra da Tijuca apresenta uma atitude espontânea que corrigiu ou está corrigindo o seu plano piloto modernista, através de inserções urbanísticas e da valorização de diversas culturas.

Se o Plano Piloto, no seu tempo, não esteve atento às outras possibilidades urbanas com outras conotações, o bairro retoma os seus diversos valores, ou pelo menos a busca por eles.

Observa-se, cada vez mais na Barra, a retomada da idéia da “boa cidade” de Krier em que “a totalidade das funções urbanas é fornecida dentro de distâncias a pé compatíveis e agradáveis” e, conseqüentemente, o encurtamento dos percursos. Há uma dicotomia produzida por esse homem entre o grande percurso produzido pelo Plano e os percursos menores que melhor o atendam.

Não é raro encontrar, nos trajetos, quiosques nas calçadas vendendo flores. Em alguns casos, a distância entre eles é de cerca de 100 metros, às vezes, até menor. Por exemplo, um quiosque em frente ao Hotel Sheraton-Barra, outro na interseção da Sernambetiba com a ponte Lúcio Costa, um terceiro na calçada do Bosque Marapendi e um quarto em frente a este, separados por uma rua. Formou-se o “quadrilátero dos quiosques”.

Formou-se até uma informalidade, pois, além de quiosques, há barracas vendendo caldo-de-cana, uma banca de jornal, e ainda um estacionamento informal para carros em dias de muito movimento.

Se assim não fizessem, teria que ser percorrida uma distância razoável e, muito provavelmente de carro, até o centro comercial mais próximo, e originalmente delimitado pelo plano.



Marcação do “quadrilátero dos quiosques”

Não é raro também encontrar bancas que vendem jornais e revistas brotando no meio dos percursos, provocando paradas providenciais e a pausa para a leitura das manchetes, hábito este, bastante freqüente em toda a cidade .



Banca de Jornal na Avenida Canal de Marapendi, em frente ao no. 1640.

É possível constatar, também a especialização, cada vez maior, do comércio de padarias, que se transformaram em “mercearias de luxo”, com disponibilidade de produtos que substituem e até dispensam a ida ao supermercado, como por exemplo, a padaria dentro do Condomínio Barramares, onde se vendem havaianas, enlatados, e até... pães.



Padaria “Via Palatto” no Condomínio Barramares, com oferta de produtos de grande variedade, como por exemplo, sandálias Havaianas.



Laticínios e ao fundo o balcão de bolos e massas

Os postos de gasolina são também um exemplo desta diversidade de serviços, pois têm lojas de conveniência que não se restringem ao seu espaço físico interno, como em outros bairros do Rio. Pelo contrário, estendem seus domínios na área dos postos, colocando cadeiras externas e criando lanchonetes e sorveterias, como por exemplo o posto ao lado do Condomínio Golden Green ou o restaurante *self-service* do posto do Alemão, na Av. das Américas.



Posto Golden Green na Av. Sernambetiba onde a loja Golden Sucos avança na área de serviços



Posto do Alemão, na Avenida das Américas, onde funciona o Restaurante Beco do Alemão

Outro recurso recorrente, e que chama atenção, é perceber que, apesar da importância e dinâmica dos *shopping centers* como modelo urbano, surgiram *shoppings* numa escala menor.

Estão estrategicamente localizados nos intervalos dos percursos entre os *shoppings* maiores, e próximos a condomínios, como o Barra Garden, Barra Square, Barra Point e, também, no interior de condomínios, como o Novo Leblon Shops, com um número significativo de lojas que o coloca como um centro comercial fortalecido dentro do próprio bairro.

Este último, o Novo Leblon Shops, por ter sua fachada principal voltada para a rua, tem a peculiaridade de atender a um público não exclusivo do Condomínio Novo Leblon, o que faz dele um *shopping* bastante requisitado no bairro.



Novo Leblon Shops no Condomínio Novo Leblon

E as “feiras livres”? Não se poderia imaginar que a Barra da Tijuca teria uma população tão diferenciada daquela que reside em outros bairros e prescindiria deste hábito carioca e arraigado de freqüentar feiras. Principalmente, quando se sabe que sua população migrou destes bairros ditos “tradicionais”, cujos modelos urbanísticos foram “negados” por Lúcio Costa, e onde o hábito da feira é uma referência cultural, e surge não de um modelo planejado, mas de um movimento espontâneo e cultural.

O arquiteto esqueceu de marcá-las em seu zoneamento...

A Barra reagiu e postou uma feira em frente ao Condomínio Barramares, na calçada, toda sexta-feira, atrapalhando o estacionamento para a praia, mas, institucionalizada pela população há 10 anos. Além de sua mercadoria tradicional, tornou-se um fator de atração para os praticantes de esportes nas manhãs de sexta-feira, uma vez que a mesma oferece café, pãezinhos, biscoitos e frutas frescas.



Feira na calçada em frente ao Condomínio Barramares

Do mesmo modo, aos domingos, também há uma feira na Praça do Ó. Considerada a mais famosa, a mais antiga e concorrida do bairro, agrega a coincidência do dia de folga e de praia como um programa de todos. Antes da praia, ou depois da praia, o dia é de comer peixe.



Feira na Praça do Ó, aos domingos, e onde ao fundo se vê o mar da Sernambetiba

E assim, o bairro vai construindo seus costumes e inventando sua própria cultura. Alia-se a isso o fato daquela praça ter parques, exposição de quadros, uma famosa carrocinha de churros e outros atrativos, constituindo-se em um lugar de encontro.

Estas apropriações feitas pelo homem na Barra da Tijuca demonstram que ele retomou a calçada. Não aquela já citada e criticada por Jacobs “que vai do nada a lugar nenhum” (numa alusão ao urbanismo modernista), mas aquela da feira, ou aquela da padaria, do pequeno centro comercial, da floricultura, da exposição de quadros ao ar livre.

O homem retomou a calçada onde são promovidos os encontros, às vezes casuais, quando se estabelecem os contatos, instrumentos responsáveis e tão necessários à dinâmica da cidade, e, segundo a mesma autora, por serem “aparentemente despreziosos, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante da cidade”.¹¹⁶

Ao propor um modelo urbano racionalista, evitando incorrer em modelos urbanos considerados “tradicionais” ou “usuais”, e que, segundo Lúcio Costa, poderia trazer danos, o arquiteto produziu uma armadilha.

A utopia da prancheta foi vencida pelos vazios e pelas indefinições que o mesmo deixou na proposta, como por exemplo no destino dado à várzea que margeava a Via 11, quando aposta numa ocupação *a posteriori*, não se ocupando de marcações.

¹¹⁶ JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 78.

É evidente que a ocupação dela não será para tão cedo. Na vida das cidades as dezenas são frações, a unidade é a centena, ou a sua metade. Durante muito tempo ainda, deixe-se a várzea como está, com o gado solto, pastando. E só quando a urbanização da parte restante, da Barra a Sernambetiba, se adensar; quando a infraestrutura, organizada nas bases civilizadas e generosas que se impõem, existir, e a força-viva da expansão o impuser, - aí então sim, terá chegado o momento de implantar o novo centro que, parceladamente embora, já deverá nascer na sua escala definitiva.¹¹⁷

A função do urbanista implica em ver com antecipação, mas o arquiteto não imaginou que a região iria adensar-se muito rapidamente, antes até da implantação da infra-estrutura e foi traído por sua própria poética urbana ou ingenuidade onírica. Mas, às vezes, cabe a indagação sobre este estado de ser ingênuo.

Em alguns momentos é possível ter uma leitura dúbia das suas proposições. Como por exemplo, quando um destes flancos permitiu que no início dos anos 80, edifícios de até 15 andares transformassem a paisagem da Sernambetiba, cujo gabarito previa a construção de até 8 andares.

Ainda que tenha havido uma pressão dos especuladores imobiliários, um parágrafo de seu Plano aponta um futuro onde esse gabarito poderia ser modificado.

Para o Centro da Barra já existe um projeto de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, concepção que contribuiu decisivamente para a adoção aqui, na faixa de dunas, do partido que transformará a praia da Barra na futura praia das Torres.¹¹⁸

¹¹⁷ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*, Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 13.

¹¹⁸ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*, Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 11.



Vista ao entardecer da orla da Av. Sernambetiba e o perfil de seus edifícios. Praia das Torres ?

Praia das Torres porque há torres, ou por que haverá torres? Parece apenas uma diferença de tempo de verbo, mas revela que o arquiteto foi vencido também por suas contradições pessoais e serve para introduzir a próxima questão, que é a reflexão sobre a identidade a ser construída para o bairro.

A busca por uma identidade...

A segunda questão a ser tratada, na interpenetração entre Ética e Estética, e que caminha paralelamente ao modelo urbanístico definido por

Lúcio Costa, é que desde o início a Barra busca, juntamente com este modelo, a construção de sua identidade.

Já na primeira página do Plano Piloto o arquiteto apresenta uma série de indagações que começam a constituir boas pistas para o seu discurso, quando questiona a si próprio sobre o que fazer.

Qual o destino dessa imensa área triangular que se estende das montanhas ao mar numa frente de vinte quilômetros de praias e dunas e que, conquanto próxima, a topografia preservou? Em que medida antecipar, intervir? Como proceder?¹¹⁹

As indagações do urbanista são entendidas dentro da ética e estética kantiana como a demonstração de que já trazia uma pré-determinação de ocupação da área, através da reflexão entre o sujeito e o objeto. É o que o filósofo chama de intuição atrelada ao conhecimento do espaço.

O espaço só pode ser uma intuição, visto conter em si uma multidão infinita de representações, o que seria impossível se fosse um conceito, que é apenas a representação do caráter comum de uma multidão infinita de representações possíveis.¹²⁰

O conhecimento do espaço e a sua representação constituem uma intuição pura, um quadro onde as sensações são dadas e ligadas, a partir da experiência e do conhecimento. Isto implica dizer que as intuições não são cegas, também precisam de conceito, e justamente o conceito do urbanismo racionalista utilizado por Lúcio foi determinante na intuição da identidade pretendida.

¹¹⁹ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 3.

¹²⁰ PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Trad. Raimundo Vier. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 52.

Por isso, como primeiro mote, o arquiteto aposta na expansão para a Barra como o retorno ideal da unidade urbana que a cidade havia perdido com o advento da República, dividindo-se em duas zonas principais – sul e norte – e dois pólos principais e autônomos, que seriam respectivamente Copacabana e Tijuca.

Rompe-se assim a primitiva unidade e a cidade fica dividida em duas porções desiguais: a metade sul, concentrada e densa, e a metade norte espalhada e difusa mas se adensando em determinados setores: dois pólos principais, até certo ponto autônomos, se constituem – Copacabana e Tijuca. Esta divisão que caracterizou a vida da cidade no transcurso do presente século marca-lhe a segunda fase.¹²¹

Construir uma unidade implica na construção de uma identidade. O arquiteto em seu Plano, e já buscando respostas a sua primeira indagação, exclui então estes dois modelos (Tijuca e Copacabana) da identidade pretendida. É quando aponta, pela primeira vez, que modelo deve ou não ser seguido, estabelecendo parâmetros de identidade em seu discurso.

Propõe então a criação de um novo foco metropolitano Norte-Sul na Barra da Tijuca para dar unidade ao bairro. Nas palavras de Lúcio Costa evidencia-se a construção de uma identidade a partir da negação de um modelo. Surge o “não-modelo” :

Desta constatação resulta que deverá fatalmente surgir na baixada um novo foco metropolitano Norte-Sul, beneficiado pelo espaço, pelo acesso às áreas industriais, pelas disponibilidades de mão de obra e por amplas áreas contíguas para residência e recreio, e que não será apenas um novo centro relativamente autônomo à maneira de Copacabana e Tijuca, mas, como se verá adiante, novo pólo estadual de convergência e irradiação.¹²²

¹²¹ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*, Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 5.

¹²² COSTA, op.cit. , p. 6.

O bairro de Copacabana seria ainda muito citado pelo urbanista como um modelo a ser evitado. Lúcio Costa reafirmaria como um dos princípios básicos do Plano Piloto “impedir que barreiras de cimento armado construídas de frente para o mar, como acontecera em Copacabana, bloqueiem a vista e a aeração dos quarteirões”¹²³.

O bairro de Copacabana torna-se, o modelo do que deve ser evitado enquanto forma urbana, a melhor representação dos males decorrentes do “crescimento não-planejado” de uma cidade.¹²⁴

A Barra da Tijuca não seria “copacabanizada”. Já estava claro no Plano e em seu zoneamento rigoroso, que Lúcio Costa pretendia eliminar os conflitos das cidades definidas por ele como “tradicionais”, justificando assim seu planejamento racionalista.

Mas, além do modelo anti-Copacabana, e à medida que os anos 70 avançavam, ou seja, ainda em fase de implantação do Plano, surgiam outras entrelinhas que definiam melhor a identidade pretendida pelo arquiteto.

Aparecem novas discussões e novos autores que apontam para a incorporação e existência de outros não-modelos, e não apenas rejeição à Copacabana.

O Prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoyo, revelou que a Barra da Tijuca é “o laboratório de acertos da construção civil, onde será feito o que não foi possível em Copacabana, Ipanema e Leblon, estabelecendo-se sua expansão dentro dos parâmetros que regeram o Plano Lúcio Costa”.¹²⁵

¹²³ OCUPAÇÃO da Barra: a idéia que agora se torna realidade. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, jul. 1975, p. 36.

¹²⁴ *Ibid.*, p.36.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 36.

Torna-se também curioso, sob o ponto de vista da ética, pensar que ao mesmo tempo em que propõe estes não modelos, o primeiro condomínio a ser construído na Barra recebe o nome de “Nova Ipanema” (1974) e, pouco tempo depois, um outro condomínio receberá o nome de “Novo Leblon” (1976). Os dois empreendimentos foram projetados pelos irmãos e arquitetos Edson e Edmundo Musa, inaugurando esta nova tipologia de morar .



Condomínios Nova Ipanema e Novo Leblon – Av. das Américas

Despreza-se o modelo, mas ele é referendado como fator de atração. Uma figura de linguagem, que deixa dúvidas sobre a verdade da negação ou uma estratégia de “marketing”, baseados em signos já consolidados para atrair novos moradores? Os nomes adotados pelos condomínios pioneiros, logo no início dos anos de 1970 – Novo Leblon e Nova Ipanema – revelavam a necessidade de sua associação aos espaços mais prestigiados do Rio.

A Barra da Tijuca já era um lugar muito utilizado como veraneio, mas é importante salientar que o lançamento destes dois condomínios evoca, pela primeira vez e oficialmente, a associação da Barra da Tijuca como um lugar onde seria possível o binômio férias e residência, ou seja, o ato de residir no

bairro traria os prazeres e sensações de quando se está de férias, como demonstram estas páginas do encarte publicitário do Novo Leblon.



Encarte original para lançamento do Novo Leblon, estabelecendo a associação com o bairro do Leblon como chamariz para as vendas (1976)
 Fonte: www.novobleblon.com.br



Encarte original para lançamento do Novo Leblon, estabelecendo a associação com a idéia de morar e passar férias no mesmo lugar, como chamariz para as vendas (1976)
 Fonte: www.novobleblon.com.br

Esta associação entre morar e passar férias, não ficará restrita a estes dois empreendimentos, e comporá uma identidade bastante evocada, nos lançamentos imobiliários futuros do bairro...

As referências quanto à busca de identidades não param por aí. Pouco tempo depois, ainda na mesma década, no final dos anos 70, surgem as primeiras críticas ao Plano e também novas propostas de ajuste para atender à nova realidade sócio-econômica do país.

Além da constatação de que o pequeno construtor ficou marginalizado e da necessidade de dar condições de acesso a todas as camadas da população, evitando-se o estigma de bairro elitizado, surge novamente a retomada de modelos para construção da identidade do lugar.

Uma nova discussão aponta para o perfil turístico que o bairro deve ter. Remontando ao Plano, é clara a percepção de que Lúcio Costa não colocou este tema como prioridade. Pelo contrário, era muito cauteloso, e apostava, inicialmente, no turismo interno da região.

Antes das considerações finais relacionadas com a implantação do Centro Metropolitano Norte-Sul – Leste-Oeste e do Centro Cívico, que farão desta baixada, de certo modo, a futura capital do estado, e daquelas referentes à esquematização viária, importa abordar as implicações de ordem turística que a urbanização trará. Acertadamente a CEPE 4 considera que, com os grandes hotéis já planejados para a praia da Gávea, o turismo na Barra, pelo menos nesta primeira fase de “colonização”, deverá ser principalmente interno.¹²⁶

Mas, como era comum no seu Plano, o arquiteto, no mesmo parágrafo, deixou as portas abertas para as mudanças de rumo, ao “prever os caprichos

¹²⁶ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 12

mutáveis da clientela”, referindo-se à liberdade da atividade turística, conforme continuação do parágrafo.

Seja como for, adotado o critério “nuclear” de urbanização e uma vez fixadas as áreas onde é possível construir e o respectivo gabarito, a atividade turística terá livre o campo de escolha e poderá instalar-se onde lhe aprouver para atender aos caprichos mutáveis da clientela.¹²⁷

A SUDEBAR (Superintendência do Desenvolvimento da Barra), criada em 1970 para gerenciar a implantação das diretrizes do Plano, participa desta questão turística, ao sugerir a mudança de densidade para a Av. Sernambetiba, ou seja, a mudança do perfil da orla, retomando o que não se queria no Plano.

Almir Lima Machado, arquiteto e Superintendente da SUDEBAR, sugere “que a Av. Sernambetiba se torne muito mais uma Av. Atlântica do que uma Vieira Souto”¹²⁸. Por quê ?

A resposta é simples: a Av. Vieira Souto não concede nada à população que circula pela área, a não ser a faixa de areia, enquanto a Av. Atlântica apresenta-se realmente como uma zona de vocação turística da cidade por causa do uso misto – bares, restaurantes e boates. Trata-se da orla da mais famosa praia brasileira e, por isso, a receita fundamental para a Sernambetiba que deverá ter empreendimentos turísticos.

Copacabana apresenta-se realmente como uma zona de vocação turística na cidade, favorecendo muito mais a coletividade. Isso porque o uso misto concedido na região ocasionou o aparecimento de uma quantidade enorme de bares, restaurantes, boates, pontos de lanche, pelo calçadão, permitindo que se sinta uma vida bastante intensa daqueles que não residem ali.¹²⁹

¹²⁷ COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969, p. 13.

¹²⁸ NA BARRA, o refúgio para uma nova forma de viver. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, mai. 1976, p. 24.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 25.

O modelo de Copacabana é o melhor, pois a Atlântica é mais turística que a Vieira Souto, o que é melhor para a Barra. Se antes era negada, Copacabana agora aparece como solução.

É na orla da mais famosa praia brasileira que está a receita fundamental para a de Sernambetiba, que deverá conter tantos empreendimentos turísticos quanto for capaz de suportar. E esses deverão ser incentivados e, de certa forma, dimensionados pelas próprias companhias que cuidam disso no país, tal como a Embratur e, no caso específico do Rio de Janeiro, a Riotur.¹³⁰

Como conseqüência, e para favorecer / facilitar essa mudança, é proposto o aumento do gabarito da orla, de dois pavimentos e cobertura, para 5 pavimentos e cobertura, porque a área do pavimento inferior teria 20% de apoio à praia, avenida e comércio, facilitando-se assim a ocupação da orla pelo comércio, com lotes de área mínima de 2.000 metros quadrados.

Retoma-se aqui uma questão já definida anteriormente: será esta alteração causa e efeito da busca da “boa cidade” levantada por Leon Krier , através do encurtamento de percursos, ou a cidade levantada por Jacobs, fruto de seus moradores e principais produtores e construtores de sua forma ou, ainda, o resgate da memória proposto por Rossi e Harvey ?

Vale lembrar, novamente, que em todas as entrevistas que Lúcio Costa deu, era visível o seu desapontamento sobre os rumos que deram ao Plano Piloto da Barra, considerando a sua idéia original funcionalista. Nem tudo ocorreu como desejado e projetado pelo urbanista.

O adensamento das edificações em alguns locais contrariou, em muito, as concepções originais. Mas, a mudez do arquiteto diante de um olhar teórico

¹³⁰ NA BARRA, o refúgio para uma nova forma de viver. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, mai. 1976, p. 25.

de final do século XX não deve ser considerada definitiva. A atemporalidade da cidade deve ser entendida em sua transformação, como nos informa a referência abaixo.

O design de uma cidade é, portanto, uma cidade atemporal... Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as seqüências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas... A cidade é vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis.¹³¹

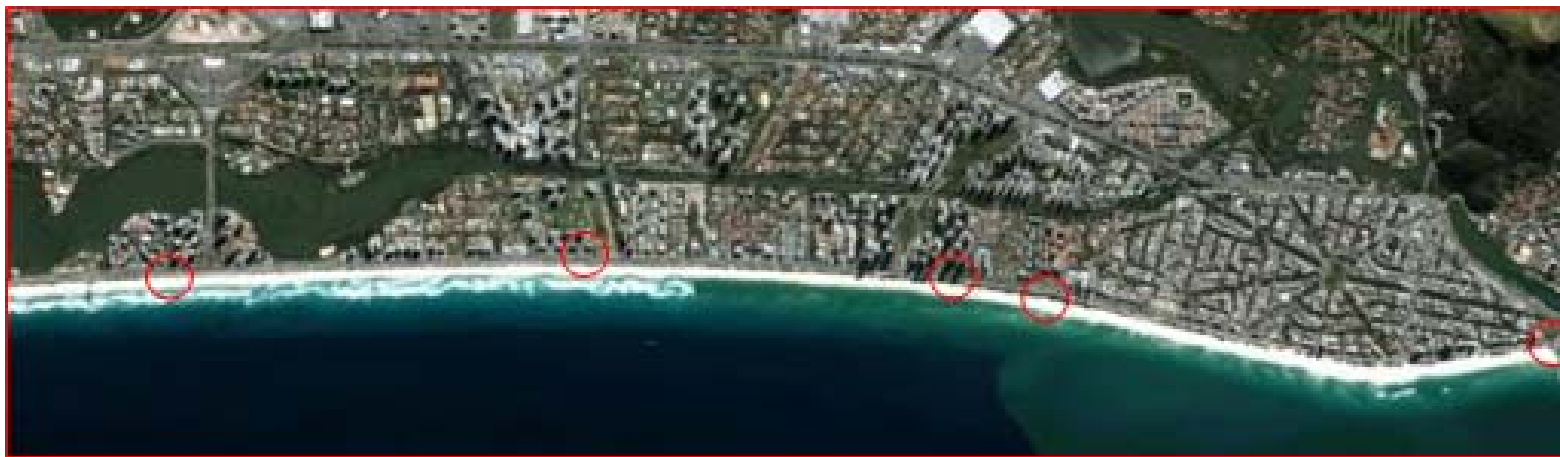
Sobre esta mudança de *design* e quanto à vocação turística do bairro, cabe hoje, dentro de um olhar contemporâneo, ressaltar o acerto da percepção de que existe uma vocação turística na Barra. Vocação, nesse caso, mais parecida com Copacabana. É crescente o número de bares e restaurantes na orla e, para surpresa de todos, com maior sobrevivência do que em outras orlas da cidade, onde não há durabilidade do comércio criado, com exceção do “Caneco 70”, (recentemente demolido), no Leblon, e do “Barril 1800”, no Arpoador.

Hoje, passados 30 anos, o perfil da av. Sernambetiba concentra diversos pólos de comércio e lazer, alguns já estabelecidos há mais de cinco anos.

A durabilidade dos bares da Barra derruba inclusive uma antiga tese de que bares na orla não fazem sucesso, porque “os cariocas não tem o hábito de comer à beira-mar”¹³² e as pessoas que freqüentam a praia quando sentam à mesa de um bar, ficam mais tempo conversando do que consumindo, o que não favorece o comércio.

¹³¹ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 1.

¹³² GUIMARÃES, Cleo. *O Globo*. Rio de Janeiro, 3 ago. 2007. Segundo Caderno, Coluna Gente Boa, p. 3.



Como exemplo para reforçar essa afirmação na Barra, entre os números 1976 e 1996 da Av. Sernambetiba, na esquina da Praça do Ó, há um conjunto que engloba bares e restaurantes, com cerca de 20 anos, e somente agora, dá os primeiros sinais de reforma e mudança de nomes:



Conjunto de bares e restaurantes , na Av. Sernambetiba.

Muito próximo dali, de dois anos para cá vêm surgindo com velocidade, ao lado do Condomínio Barramares, bares contíguos, substituindo inclusive um comércio tradicional.



Ao lado do Condomínio Barramares, surgem lanchonetes, padarias e cervejarias como o Devassa.

Um pouco mais adiante, próximo ao Condomínio AlphaBarra, há quase 10 anos sobrevive um outro pólo gastronômico, liderado pelo “Barril 8000”, que ajuda, com seus vizinhos, a prolongar a noite da Sernambetiba.



Barril 8000, na Av. Sernambetiba lidera um pólo de lazer e gastronomia no bairro

Muitas reflexões podem advir daí para se pensar a questão da identidade da Barra, entre a Ética e a Estética, que não queria em seus primeiros anos ser Copacabana, Ipanema, Leblon e, tão pouco, seguir o modelo tradicional da Tijuca.

Mas a vida imita a arte. Se não bastasse a preocupação com a densidade e o uso da orla, é curioso observar e refletir que hoje há um lugar na Barra o Bosque Marapendi, que é conhecido e citado em jornais como a “Copacabana da Barra”¹³³, pelo aglomerado de edifícios altos que comporta, às margens da ponte Lúcio Costa.

¹³³ RODRIGUES, Luciana. Era uma vez um balneário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1999. Caderno Morar Bem, p. 1.



Visão do interior do Bosque Marapendi

Será que esta comparação se justifica apenas pelo elevado gabarito daquela região? Ou podemos perceber um modo de vida daquele bairro neste pedaço da Barra?

Percebe-se, também, que a busca por modelos e identidade na Barra da Tijuca não se restringe apenas ao perfil que a orla deve ter.

São muitas e visíveis as referências que reforçam essa afirmação. A busca por identidades é uma atitude ansiosa.

O olhar pessoal não precisaria de respaldo para a produção desta pesquisa, ele é agora não só o meio e o fim da razão da obra, como a fonte primária da argumentação e algumas opiniões encontradas em publicações servem como pistas para este pensar, como a citação abaixo, que associa a forma do bairro à arquitetura da América.

A imagem da região é comumente associada à dos subúrbios norte-americanos, principalmente por seus aspectos funcionais e pela morfologia das edificações, ambos muito diversos daqueles praticados até então no Rio de Janeiro...¹³⁴

Mais recentemente, em 2000, a construção do um shopping “New York City Center”, com uma réplica da “Estátua da Liberdade” na fachada principal, provocou uma crítica acirrada contra a importação de modelos “americanos” na arquitetura da Barra, gerando matérias em jornais e diversos protestos.



Réplica da Estátua da Liberdade, como pórtico do *Shopping New York City Center* e referendada como símbolo na estampa de seu mobiliário

Os bastidores da concepção do NYCC demonstram, além do gosto estético, a manipulação de valores éticos. Quando o grupo Multiplan concebeu o shopping de entretenimento que viria a se transformar no New York City

¹³⁴ PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; CANEDO, Eliane. *Barra da Tijuca: a construção do lugar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p.16.

Center, foi feita uma pesquisa que apontou Nova York como o “grande ícone de diversão”¹³⁵ para os potenciais consumidores.

O projeto foi encomendado ao escritório americano KMD, que no prédio principal utilizou influências da arquitetura modernista carioca, segundo Paulo Baruki, arquiteto brasileiro que acompanhou o projeto. Mas todo o prédio terminou visualmente dominado pela cópia do monumento nova-iorquino – opinião da qual Baruki, porém, faz questão de discordar.

Afirmaria o arquiteto que “o New York não é só a estátua. Mas a arquitetura comercial não pode desprezar o mercado”¹³⁶. A argumentação do arquiteto baseia-se no fato de que esse olhar desfavorável irá se diluir, baseado no que está sendo feito internacionalmente em espaços de entretenimento. Defende uma arquitetura compromissada com o lúdico, onde pessoas de outras cidades param em frente ao New York City Center para fotografar a estátua.

De fato, a réplica da estátua americana conduz a uma experiência fenomenológica, através da possibilidade que o observador tem de aproximação com outro lugar que não o seu.

A historiografia da arquitetura contemporânea classifica estes espaços como “não-lugares”, qualificando-os “como espaço da supermodernidade e do anonimato, definido pela super-abundância e o excesso”¹³⁷. Nos não-lugares tem-se a sensação de ser transportado para um outro lugar, estabelecendo um contato mínimo com a sua realidade para conectar-se com outra. Lugares que

¹³⁵ BRAGA, João Ximenes. Assim não é se lhe parece. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 dez. 2000. Segundo Caderno, p. 2.

¹³⁶ BRAGA, João Ximenes. Assim não é se lhe parece. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 dez. 2000. Segundo Caderno, p. 2.

¹³⁷ MONTANER, Josep Maria. *A modernidade superada*. Arquitetura, arte e pensamento do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001, p. 45.

são anunciados, porém nunca visitados. Os centros comerciais , os parques temáticos, os aviões seriam exemplos deste não-lugar.

São espaços relacionados sempre com o transporte rápido, o consumo e lazer que se contrapõem ao conceito de lugar das culturas baseadas em uma tradição etnológica localizada no tempo e no espaço, radicadas na identidade entre cultura e lugar, na noção de permanência e unidade.¹³⁸

Esta questão também é um campo de provas para a teoria do pensador Baudrillard sobre o predomínio do simulacro no mundo contemporâneo, que refuta a visão negativa do simulacro como sendo de mau-gosto ou uma falsa aparência, onde o simulacro não esconde a realidade, pois esta não existe.

Comunicação e simulacro estão ligados por uma relação intrínseca, onde um provoca o outro, justificando-se as referências simbólicas como algo que dá verdade ao objeto, enquanto simulacro.

A comunicação provoca o simulacro, ou é este que impede o processo de comunicação. Pouco importa, para Baudrillard, a questão da origem do circuito integrado...Duplicando uma realidade inexistente, a informação dá testemunho de si mesma, despertando por parte do corpo social, a crença que a alimenta.¹³⁹

Diante disto, e lembrando a relação entre a comunicação e o simulacro, também não se pode dizer que o New York City Center seja falso. É um simulacro de New York, sim. Mas também o que é New York, a não ser um simulacro de si própria, considerando-se todas as referências simbólicas que remetem à simbologia e à comunicação?

¹³⁸ MONTANER, Josep Maria. *A modernidade superada*. Arquitetura , arte e pensamento do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001, p. 45.

¹³⁹ MELO, Hygina Bruzzi de. *A Cultura do Simulacro*. Filosofia e Modernidade em Jean Baudrillard. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 155.

Esta argumentação caberia muito bem no projeto do Barra World Shopping & Park, que reproduz a arquitetura e os principais monumentos de vários países e anunciado como o “primeiro shopping temático do mundo e inspirado no Epcot Center e nos parques da Disney”¹⁴⁰.



Barra World Center & Park
Fonte: www.barraworld.com.br

Deixando de lado os juízos de valor que possam advir dessa afirmação, não se pode perder a clareza de que existe a americanização de um grupo social brasileiro que, ao visar um lucro empresarial, impõe, pelo controle econômico, normas, slogans de status social de riqueza, de consumo e até de poder e que vêm se sobrepondo numa maioria populacional que não apresenta nem a crítica e nem a reflexão.

¹⁴⁰ www.barraworld.com/html_800/oshopping.htm, consultado no dia 10 de outubro de 2007, às 19 horas.

Não bastasse a busca por não-modelos e, posteriormente, por modelos, quando observamos os bairros Jardim Oceânico e Tijucamar, núcleos originais da Barra, com esquinas movimentadas, padarias, oficinas, agências de turismo, bares e outras ofertas de serviços nas ruas e edifícios com gabaritos de 3 a 4 pavimentos, tão enaltecidos por Lúcio Costa, percebe-se de forma clara, na origem de sua plasticidade, uma referência urbanística européia, e que poderia ter sido perpetuada. E por que não foi?



Em dois trechos do bairro: a implantação urbana no Jardim Oceânico em contraste com a alta densidade demográfica no Bosque Marapendi.
Fonte: Aurélio Nogueira

As referências são inesgotáveis, e há que se colocar um ponto final na identificação dos modelos. Mas, a Barra da Tijuca tem um dinamismo curioso e que não pode deixar de ser citado. Recentemente, alguns lançamentos têm retornado questões que apareceram no início da implantação do bairro... e, por isso, merecem um olhar apurado.

Por exemplo, a associação da Barra da Tijuca com o bairro do Leblon.

Assim como no lançamento do Novo Leblon, em 1976, repete-se, em 2006, no lançamento do edifício “Via Privilège” na “Península Green”, em 2006, a mesma relação percebida através da frase alusiva ao Leblon, onde se lê: “se a Península fosse o Leblon, o Via Privilège estaria na Delfim Moreira”, ligando a Barra novamente a um dos lugares mais prestigiados da cidade. O status da Av. Delfim Moreira, o metro quadrado mais valorizado da cidade, serve, novamente, como chamariz para o empreendimento da Barra.



Publicidade no jornal, anunciando o lançamento do edifício Via Privilège, na Península, 2006.
Fonte: Jornal O Globo.

Mas, a Península não é apenas comparada com o Leblon. No site de venda, há uma citação curiosa que a compara com a Urca, pela sua geografia ou por seu aspecto exclusivo.

Uma área privilegiada, cercada pelas águas da Lagoa da Tijuca. Um espaço único no Rio de Janeiro – fechado, exclusivo – perto das principais vias de acesso e do que há de melhor na Barra da Tijuca. A Península Green tem imensos espaços abertos, jardins, ciclovias, parques e vegetação nativa protegida. Como o bairro da Urca, sua geografia oferece total segurança e privacidade.¹⁴¹

Alia-se a isso o fato da Península ser considerada “o primeiro bairro ecológico da cidade”, por recuperar uma área degradada de 780 mil metros quadrados, refazendo seu manguezal, sua vegetação de restinga, num trabalho conhecido como ecogênese ou recuperação de um eco sistema destruído.

Trata-se de um empreendimento inédito na cidade, pois associado a isso, está sendo implantada uma infra-estrutura de saneamento básico, recolhimento de lixo e outros serviços, exclusivamente para o local. O biólogo e consultor do projeto, David Zee, ressalta a iniciativa, lembrando que o grande diferencial da Barra sempre foi a proximidade com a natureza.

A Península é um resgate dos princípios da Barra, pois esta preocupação encontra eco nas considerações lançadas por Lúcio Costa – a preocupação ambiental precedendo a urbanização.

Um outro resgate do Plano, preocupado em preservar o lúdico da região, aparece no lançamento do “Condomínio Rio 2 Park”, onde a alusão a um hábito arraigado da infância é associado à imagem do empreendimento: o hábito de soltar pipas.

E mais do que isso, um hábito muito praticado em bairros da zona norte pela exuberância de terrenos vazios, ainda preservados da especulação

¹⁴¹ www.peninsulagreen.com.br/site.asp, consultado no dia 14 de setembro de 2007, às 20: 19 horas

imobiliária. No material publicitário, a criança é lembrada como sinônimo de felicidade, e a pipa é encartada e distribuída nos sinais, junto com os folhetos.



Encarte para venda do Condomínio Rio 2, aludindo à criança que há em cada um, 2006.
Fonte: encarte publicitário distribuído nas ruas.

Coincidentemente, a Barra consolidou, neste mesmo período, o hábito de soltar pipa, à noite, nos postos sete e oito, bem próximo à área da Reserva. Este fato ganhou as mídias, porque chegou a concentrar um público nos finais de semana de até “cinco mil pessoas”¹⁴².

Neste caso, a estratégia de venda do empreendimento apenas se apropriou de um hábito ou modismo, mas que tão bem representa uma determinada cultura – a cultura de soltar pipas e, naquele momento, introduzida naquele espaço. Senso de oportunidade e a busca, mais uma vez, de uma identidade.

¹⁴² PIPAS tomam o céu da Barra à noite, mas uso de cerol ameaça espetáculo. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 20 ago. 2005, p. 17.

Pipas tomam o céu da Barra à noite, mas uso de cerol ameaça espetáculo

Subprefeitura do bairro e Guarda Municipal vão intensificar fiscalização

Simone Cândido

Mônica Imbuzeiro/20-08-2005

• O céu da Praia da Barra tornou-se território livre das pipas nos fins de semana à noite. A diversão noturna vem atraindo principalmente moradores de bairros da Zona Norte, que lotam o trecho de areia entre os postos Sete e Otto. No sábado passado, pelo menos cinco mil pessoas, grupos de jovens, casais de namorados e até famílias inteiras divertiam-se por ali soltando pipas.

A Subprefeitura da Barra vai acompanhar o evento de perto e o comandante do Policiamento de Praias da Guarda Municipal, Jorge Luís Guedes, promete intensificar a fiscalização, principalmente por causa do uso indiscriminado do cerol.

— Caso a pessoa desobedeça à ordem (de não usar cerol), ela poderá ser conduzida à delegacia — disse Guedes, afirmando que, se alguém for ferido, o dono da pipa poderá responder por lesão corporal.

A invasão aérea, comandada por uma turma que há muito cultiva o hábito de soltar pi-



SÁBADO, PRAIA da Barra: multidão se reúne para soltar pipa à noite

pas durante o dia nas ruas do subúrbio carioca, nasceu no verão passado, mas começou a crescer há uns três meses, quando grupos de amigos elegeram o posto Sete como ponto para soltar pipas.

— A história foi se espalhando e acabou naquela multidão — conta Robson Wilson, de 37 anos, morador do Méier, que nos fins de semana costuma seguir para a Barra com uma caravana de pelo menos sete car-

ros de aliciados por pipas.

Apesar do clima descontraído, o subprefeito da Barra, André Duarte, já recebeu reclamações de moradores e pretende repetir na noite do próximo sábado, dia 27, a operação com a Guarda Municipal que, na semana passada, multou mais de cem carros estacionados irregularmente na orla.

— Estive lá para checar. Não imaginava que fosse algo tão grandioso. O maior problema

de controlar este evento é que ele não é um festival e não tem um responsável. Vamos estudar uma solução para conter excessos — disse Duarte, que está preocupado ainda com a possibilidade de atropelamentos devido ao grande número de pessoas atravessando na frente de carros atrás de pipas.

Freqüentadores da praia temem acidente com cerol

O movimento das pipas na praia se inicia quando o sol começa a sumir. Por volta das 18h30m, adolescentes, casais de namorados e famílias com crianças espalham-se pela areia. Muitos levam cadeiras de praia e carregam lanche nas mochilas. Há até vendedores de pipas vindos do Méier, Madureira e Água Santa.

Há quem ache a brincadeira perigosa como o vendedor Eugênio de Oliveira, de 45 anos, morador de Jacarepaguá.

— Eles soltam pipas com cerol, com risco de ferir alguém. Não volto mais — afirmou ele, acompanhado dos filhos de 6 e 15 anos e dois sobrinhos. ■

Matéria no Jornal O Globo, que chama a atenção de um novo modismo na praia da Barra – soltar pipa à noite, 2005.

Fonte: Jornal O Globo

Coincidência?

Com esta sucessão de referências utilizadas na Barra da Tijuca, cabe a lembrança de Umberto Eco, ao afirmar que “a necessidade da imitação prevalece onde a riqueza carece de história”¹⁴³. Era como se o lugar, ainda muito novo, necessitasse associar-se aos espaços já tradicionais e consagrados no imaginário da cidade, estabelecendo com eles uma relação de intimidade ou parentesco.

O exemplo mais emblemático para corroborar este entendimento é voltar ao começo da Barra, quando da inauguração de seu primeiro e maior shopping center - o BarraShopping, em 1981.

¹⁴³ PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; CANEDO, Eliane. *Barra da Tijuca: a construção do lugar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 135.

Nele, é solicitado pelos empreendedores do investimento, um projeto arquitetônico para a praça de alimentação, com características que remetesse ao “Rio Antigo”, inclusive uma fonte em pedra sabão e referências do *Art Nouveau*.

A Barra da Tijuca, no espaço mais novo da cidade, deixa clara a intenção de buscar um passado que não tinha. A tradição de um Rio além túnel, tradicionalmente consagrado e importante no imaginário daquela nova população, diminuindo afetivamente uma distância real.

O bairro resgatava a memória cultural da cidade, e assim aproximava o seu morador de uma tradição que é parte da cidade onde vive, e não poderia ser esquecida apenas por uma mudança de endereço.



Praça de alimentação do BarraShopping : a praça Rio Antigo e a fonte em pedra sabão

A voracidade com que se percebe a busca pela identidade na Barra da Tijuca reforça a interpenetração entre a Ética e a Estética. Quantos não-modelos ou modelos já foram citados: Copacabana, Ipanema, Leblon, Tijuca,

New York, Miami, Paris, Londres, urbanismo racionalista do século XX, urbanismo europeu do século XIX....e Rio Antigo.

Às vezes, parece que o bairro é uma cidade cenográfica. Circular pelo bairro induz a muitos olhares e propicia a ciência de que poderia ser um outro lugar e a sensação de se estar num cenário de filme.

O princípio básico de um cenário realístico é contribuir para a verossimilhança de uma obra de ficção. Quando esta estética invade os espaços da vida real os limites ficam confusos. Sobretudo, na escala que tem acontecido na Barra da Tijuca.

O modelo urbano escolhido por Lúcio Costa foi o grande palco para as identidades tão diferenciadas entre si, e que no olhar deste trabalho compõem a unidade e reafirmam esta arquitetura.

Diante da constatação desta desenfreada busca por referências e a demonstração da hipótese do trabalho, cabe na conclusão constatar que a Barra da Tijuca é, de fato, uma arquitetura entre a Ética e a Estética.

5 CONCLUSÃO

Barra da Tijuca – uma arquitetura entre a ética e a estética. A pertinência desta afirmação foi verificada através da interpenetração entre os valores éticos e estéticos, tendo como sustentação teórica o pensamento de Kant. Todo o processo que norteou a expansão da Barra, da sua concepção até os dias atuais, demonstra a oscilação entre estes dois valores.

Kant inaugura uma atitude filosófica ao deslocar a idéia de valor para o domínio pessoal da consciência, estabelecendo o Criticismo, que consiste em submeter à crítica os resultados da atividade mental, conduzido pela incerteza das conclusões baseadas na fraqueza de argumentos. O filósofo usa em seu juízo crítico, o juízo reflexionante – o espelho – como metáfora para a possibilidade da crítica analisando-se a si própria. O espaço e o tempo são usados por ele como vetores para a existência destas reflexões.

Este trabalho, em seu percurso, faz uso do juízo crítico para buscar a renovação do olhar sobre o bairro, onde o objeto está submetido ao sujeito e ao que a mente pode conhecer dele. É a Barra da Tijuca refletindo-se no espelho o tempo todo, perguntando e respondendo às questões que produz e, neste processo de investigação, o bairro apresenta-se como sujeito e objeto, quando se dá a interpenetração entre os valores éticos e a estéticos.

Há um dado singular e ao mesmo tempo poético, que é perceber que no momento da definição do modelo urbano por Lúcio Costa, em seu Plano-Piloto, este modelo é o sujeito ético, e não apenas o bairro que ali nascia. Esta apreciação é motivada pela crença do arquiteto de que através de seu plano restituirá a unidade perdida da cidade.

Quando se coloca a Ética buscada por Lúcio Costa, associada à boa vontade, segundo a teorização kantiana, há de fato um sujeito ético no arquiteto que entende que está fazendo o que é bom. Exatamente neste momento, na crença de que aquela lei é universal, fica claro que o bairro e o arquiteto são um só e se, aparentemente, não se falava da ética do bairro, também não se pode diluir este *ethos*, pois são, de fato, dois sujeitos: Lúcio Costa e a Barra da Tijuca.

A constatação de que Lúcio Costa enquanto sujeito, não era livre, também é um dado. Havia o *a priori* da escolha de um modelo urbano racionalista e vinculado à escola modernista que determinava a forma daquele bairro.

Somente no momento seguinte à concepção do Plano, já em sua fase de implantação, é que a diluição entre os sujeitos fica clara. É quando surgem as contradições decorrentes de sua aplicabilidade, cuja origem está nas críticas a este modelo urbano internacional. Começam, então, os diálogos com o plano. Aí sim, o bairro emerge como sujeito e objeto, estabelecendo a marcação kantiana do pensamento moderno, livre dos apriorismos, quando a Ética e a Estética não estão subordinadas a nada, e são legisladoras de si mesmas.

Antes que se pense que este é um dado a ser discutido, que fique claro que esta percepção é de muita valia para o trabalho. A diluição dos sujeitos - arquiteto e Barra da Tijuca - possibilita a constatação de que somente aquela ética do arquiteto e aquele plano tornaram possível a Barra da Tijuca, resultante daquele espaço projetado e que permitiu o que aconteceu com o bairro. A ética de Lúcio Costa possibilitou a Barra de hoje.

Quando o arquiteto acreditou que aquela solução de grandes glebas, torres residenciais e vazios seria um entendimento universal, esbarrou em um novo tempo, onde estavam sendo forjadas novas sensibilidades culturais e novos discursos que suscitaram uma nova linguagem. Nova e diferente da planejada por ele, mas possível porque naquele espaço havia materialmente uma permissividade que levou a diferentes experimentações formais.

Um bairro tradicional não permitiria todas as injunções que surgiram desde o começo da sua implantação e persistem até hoje.

O Plano-Piloto, mesmo sofrendo alterações, direcionou o crescimento do bairro e somente aquelas áreas tão grandes permitiriam a associação de tantos modelos, imagens e tipologias. Tal qual um organismo vivo, estava aberto e sedento por transformações, e disponível para as vanguardas e o dinamismo que o bairro apontou.

É importante entender que as questões da Barra são novas e surgem de acordo com seu tempo. Não poderiam ter surgido antes, por isso a importância daquele espaço ser permissivo ao diálogo. Antes, não seria possível.

A arquitetura da Barra da Tijuca é feita de vários desejos. Primeiro, o desejo soberano do arquiteto, depois o desejo especulativo dos construtores e,

por último, o desejo de seus moradores. Mas, acima de todos, o desejo da Barra da Tijuca.

Diante desta constatação, torna-se possível apreciar e entender que, com o tempo, o bairro faz, por si, a correção do seu rumo, apresentando uma atitude espontânea, que vem alterando o seu plano piloto através de algumas inserções urbanísticas.

Desde o início, o modelo urbano modernista proposto pelo arquiteto foi antagônico ao modelo tradicional de uma cidade, apesar de novas teorias urbanas terem suscitado, àquela época, o retorno à tradição. E, por isso, tão logo se inicia a sua implantação efetiva, percebe-se a tentativa de adaptação ao modelo tradicional. Todos os caminhos conduzem a isso.

Enquanto nascia o bairro de Lúcio Costa, nascia também um bairro paralelo, que se adaptando às diretrizes do modelo modernista, buscava a simbiose com a tradição.

Num bairro, cujo protagonista era o carro, a diminuição dos percursos através da criação de esquinas, da pausa, dos quiosques, feiras e outras inserções, é a demonstração da busca pela “boa cidade” ou uma tentativa de propiciar a caminhada. Com isso, a totalidade das funções urbanas é fornecida dentro de distâncias a pé, compatíveis e agradáveis.

E assim, o bairro vai se organizando...

A busca do encontro casual, através das calçadas, toma corpo até na frieza dos condomínios, que vão mais e mais se enriquecendo de referências de sua cidade, com livrarias, cafés, quadras esportivas, clubes, adegas e tantos outros atrativos mais. Ou seja, todos estes serviços não representam a

auto-suficiência do condomínio, mas sim, a sobrevivência de seus moradores, que, vítimas daquela solidão, precisam de modelos para se identificarem.

Este modelo tradicional vai aparecer também em alguns *shoppings*, pelo menos naqueles mais emblemáticos, que trazem em seus projetos a tipologia de cidade.

O BarraShopping foi o primeiro a buscar a memória de sua cidade, com o modelo do “Rio Antigo” na praça de alimentação. O Downtown faz e refaz a cidade e suas ruas, e o New York City Center retoma, através da praça coberta, um componente urbano importante e em torno do qual representa as fachadas realizando, sob aquelas lonas, a cidade metafórica. O Barra World & Park se apresenta como um *shopping* vivo e redesenha as cidades do mundo e suas ruas, através das características e atrativos de cada uma delas.

A aproximação com a cidade tradicional e seus bairros aparece também em outras transgressões em seu traçado inicial, motivadas por uma ética especulativa, tão presente em outros bairros. Algumas lacunas no Plano e que foram levantadas no trabalho, também contribuíram para a especulação, como o caso dos gabaritos.

A Ética e a Estética estão o tempo todo se parafraseando.

À medida que o bairro cresce, aparecem modelos que servem como inspiração. São muitos e têm o traço da impermanência, porque, uma vez sedimentados, são substituídos por outros. Não seria fácil responder qual a identidade do bairro. A sua identidade é constituída pela diversidade que construiu ao longo de sua existência. Dos portugueses e franceses que um dia aportaram na região e todas as demais referências que posteriormente lá passaram. Descrevê-las seria fácil, mas a identificação de uma linha tênue

parece unir todas as vocações, que se constituem como a maior delas: a vocação para o lazer.

Quando o arquiteto deslumbrou-se com o exuberante ecossistema do lugar, que, segundo ele, deveria permanecer “intocado”, aquela região já era utilizada como lazer, veraneio ou descanso de alguns aventureiros no início do século XX. E, lembrando bem, os portugueses e seus primeiros anfitriões já a tinham reconhecido como lugar para repouso e contemplação, como bem apontam os livros, e pelo mesmo motivo – um cenário deslumbrante.

As grandes glebas projetadas por Lúcio Costa foram a solução encontrada para atender ao binômio “urbanizar e preservar” e, por isso, apesar de suas contradições temporais e formais, o seu Plano-Piloto foi o palco para o exercício desta vocação, por permitir que a natureza respirasse. A moradia e os serviços teriam ao seu dispor aquelas condições naturais e a sensação de bem estar e calma que elas provocam. Um tempo escorrendo lentamente, como acontece nas férias.

E, por esses motivos, a Barra foi se caracterizando como um lugar de veraneio que, pouco a pouco, transforma-se na moradia definitiva, sem perder, no entanto, aquelas características iniciais ... de estar em veraneio.

Não foi por acaso que a primeira página do encarte do Condomínio Novo Leblon chamava atenção para este fato, associando à idéia de que morar e passar férias eram uma realidade na Barra da Tijuca. É o reconhecimento desta vocação para o lazer, que está na gênese da implantação do Plano - Piloto.

Como num lampejo de tempo, o que se segue no processo de construção do bairro é a constatação de que aquele cenário é perfeito para a

adequação destas questões. Como num parque de diversões, vão surgindo diversas referências e recriados vários modelos que remetem a este bem estar procurado.

Entre estas referências, Copacabana, Ipanema, Leblon, Tijuca, New York, Paris, Londres, e muitas outras. Numa esquina encontramos a Estátua da Liberdade, na outra a Torre de Piza, entre elas atravessamos o Rio Antigo, para chegarmos a Miami, ou qualquer outro lugar que se imagine.

Espaço e tempo são confundidos, assim como passado e presente. São permanentes e fugidios ao mesmo tempo, tal qual a relação kantiana, onde as propriedades do espaço e do tempo são encontradas em tudo aquilo que podemos perceber e por isso, pertinentes à vivência.

Espaços fugidios que ganham permanência, porque existe a sensação de que se é transportado para um outro lugar, estabelecendo um contato mínimo com a sua realidade para conectar-se com outra. São os não-lugares citados por Montaner. Então, por que não pensar a Barra como um grande parque temático ou um *shopping center* ? O maior de todos os não-lugares ?

Lugares que são anunciados, porém nunca visitados... Nunca visitados ? Os lugares da Barra da Tijuca são muito visitados, o bairro cresce mais do que qualquer outro da cidade. Está justamente aí a sua poética e que leva à constatação de que a diversidade e estas referências usadas e reconduziram à unidade tão pretendida por Lúcio Costa para a cidade. O sonho dele não foi em vão.

O que seria o não-lugar transformou-se no lugar. A aceitação da população, se não bastassem as pesquisas, está no olhar de quem mora ou de quem frequenta. No dinamismo do dia ou da noite, nas praias cheias, nos

centros comerciais engarrafados de passantes e na sedução, ainda, de sua natureza. Também nas mídias que decantam diariamente os problemas que o crescimento desordenado vem trazendo ao meio ambiente, especialmente no que diz respeito ao saneamento.

Este é um sinal claro de que o sujeito encontra satisfação no objeto e, por isso, beleza. “O belo é aquilo que é reconhecido, sem conceito como objeto de uma satisfação necessária”, afirmou Kant.

Um lugar que vem sobrevivendo às críticas, e que não são poucas. Conectado com a atualidade, o bairro apenas responde à emergência do mundo, e à pressa de ser. As mudanças acontecem numa velocidade virtual, onde o sujeito, seu maior construtor, produz todas as mudanças que o seu tempo exige.

O juízo estético puro é independente do conceito de perfeição. O sujeito sempre encontra a razão, sem que mesmo se perceba quem a concebeu. Este é o entendimento kantiano que ajuda a entender a presença de tantos autores na construção do tecido urbano da Barra.

A unidade foi formada pela identidade diversa apresentada pelo bairro e pela construção diária da “boa cidade”, pelo paradoxo de criar percursos menores para se andar a pé, diante da impossibilidade de se anular o percurso do automóvel. Ou o paradoxo da crítica aos espigões, diante da impossibilidade de impedi-los.

Observa-se que a procura crescente pelo bairro, detectada nas pesquisas, também é um sinal da identificação do sujeito da cidade com o bairro. Mas dizer que a busca acontece por conta da sua sempre e indiscutível beleza natural ou porque é um bairro em que ainda se vê o céu ou porque há

uma falsa segurança escondida por trás das grades protetoras dos condomínios, seria lugar comum.

Existe um ineditismo que renova o tecido urbano tradicional, assim denominado por Lúcio Costa e que começa por seu Plano-Piloto e todo o questionamento que o envolveu e ainda envolve. Aquele planejamento racionalista é, no mínimo, inusitado na malha da cidade. A sua negação esconde um grande poder de atração. Conhecê-lo é preciso.

Outras inovações ou renovações são as possibilidades que o Plano ajudou a criar. Ou melhor, as invenções da Barra da Tijuca, como por exemplo, a tipologia dos condomínios fechados, que migrou para outras cidades do país, criando uma nova maneira de viver. O carro como motor do corpo, a disponibilidade dos *shoppings centers*, tantos, num só bairro, cinemas, teatros, grandes casas de espetáculos, a “boa cidade” que trouxe para as ruas o comércio. A praia com o melhor índice de balneabilidade da cidade e os inusitados recantos ainda protegidos da especulação imobiliária compõem toda a sua dinâmica.

Tudo isto é lazer, sensação de férias, mesmo quando está associado ao trabalho. Há um imaginário lúdico que permite pensar que tudo está ao alcance das mãos, sem esquecer que há uma moldura natural recorrente, em qualquer lugar desta paisagem.

A identidade que o bairro buscou e construiu através de vários modelos, também constitui poder de atração nas pessoas, que não param de chegar ao bairro. Gosta-se mais de um trecho do que de outro, mas frequenta-se o bairro todo, pelo que não há do outro da cidade.

A Barra conseguiu reunir o novo e o contemporâneo. E o homem só se recria na sua contemporaneidade, que é aqui entendida como aquilo que dialoga com a atualidade. E a Barra da Tijuca, enquanto sujeito e objeto, realiza este diálogo com quem a usufrui e com a cidade na qual está inserida. O diálogo está nas matérias de jornal, que oscilam entre elogios e críticas.

O bairro está no imaginário da cidade e em muitos outros diálogos também.

Na música de Tim Maia, “Do Leme ao Pontal”, em 1986, a cidade é uma só e unida pelo litoral.

Não há nada igual / Do Leme ao Pontal / Do Leme ao Pontal / Não há nada igual no mundo / Do leme ao Pontal... Sem contar com Calabouço, Flamengo, Botafogo / Urca, Praia Vermelha / Do Leme ao Pontal / Não há nada igual no mundo.

Em 1956, o compositor Braguinha, também cantou a Barra em “Vai com jeito”, “se alguém te convidar / Pra tomar banho em Paquetá / Pra piquenique na Barra da Tijuca / Ou pra fazer um programa no Joá / Menina vai, com jeito vai”.

O bairro está também em um trecho da poesia de Carlos Drummond de Andrade “Elegia Carioca”, quando descreve seus 40 anos de morador na cidade.

Nesta cidade vivo há 40 anos
há 40 anos vivo esta cidade
a cidade me vive há 40 anos
Estou rico de passarelas e vivências
túneis nos morros e cá dentro multiplicam-se
rumo a barras-além-da tijuca imperscrutáveis
sou todo uma engenharia em movimento
já não tenho pernas: motor
ligado pifado recalcitrante
projeto
algarismo sigla perfuração
na cidade código

Todos estes diálogos apontam para a veracidade de que o modelo urbano, proposto inicialmente, favoreceu todas as suas recriações e todas as identidades demonstradas no bairro e que, juntas, qualificam um tecido urbano único.

A Barra da Tijuca está muito bem enquadrada no pensar kantiano, que coloca o juízo crítico como legislador de si próprio, porque trouxe o questionamento contínuo, em cada passo de sua construção e assim, construiu suas próprias leis, através da interpenetração entre os valores éticos e estéticos.

Parafraseando Lúcio Costa, encerramos esta *randonnée* urbanística imaginária, como citou em seu Plano-Piloto. Se um dia imaginou os franceses desembarcando na praia de Sernambetiba, com botas e tricórnios, embrenhando-se terra adentro para conquistar a cidade, tal qual lá atrás falamos, não imaginava ele que estavam, na verdade, apenas abrindo os caminhos para todas as culturas que por lá desembarcariam, construindo, de fato, a Barra da Tijuca, uma arquitetura entre a Ética e a Estética.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

ANUÁRIO Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Portal Prefeitura Municipal, 2000.

A Auto-Estrada Lagoa/Barra.Acesso ao Rio do Futuro. Estado da Guanabara: DER/GB, 1970

ARGAN, Giulio Carlo. *El Arte Moderno*. Tradução Joaquin Espinosa Carbonell. 6. ed. Valencia: Fernando Torres, 1984. 2 v.

ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Ática, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BASTIDE, Roger. *Antropologia Aplicada*. Tradução M. L. Pereira; J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BASTIDE, Roger. *Arte e Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1945.

BERNARDES, Lysia. *Rio de Janeiro – Cidade e Região*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Carioca/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1987.

BERENSON, Bernard. *Estética e História*. Tradução Janete Meiches. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BORNHEIM, Gerd (Org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o Homem*. Tradução T. R. Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASSIRER, Ernest. *Filosofia de las formas simbólicas*. Tradução A. Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1971. 2. v.

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo*. Tradução Dafne Nascimento Rodrigues. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

COELHO, Olinio Gomes P.. *Do Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro, 1992.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna. Introdução às teorias do contemporâneo*. Tradução Adail Ubirajara Sobral ; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa : registro de uma vivência*. 2. ed. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COSTA, Lúcio. *Plano-Piloto para a Urbanização da Baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image – Secretaria de Obras Pública, 1969.

COSTA, Maria de Lourdes (Org.). *Urbanidade*. Rio de Janeiro: CREA-RJ/CEARQ, 2004. (Coleção Arquitetura e Urbanismo, n. 1).

DIAS, Solange Irene Smolarek. *A arquitetura do desejo: o discurso da nova identidade urbana de Curitiba*. Cascavel: Editora Assoeste, 2006.

DUFRENNE, Mikel. *Estética e Filosofia*. Tradução Roberto Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson. *A cidade como um jogo de cartas*. Rio de Janeiro, EdUFF, 1995.

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRIDMAN, Fanya. *Donos do Rio em nome do Rei*. Uma história fundiária da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar e Garamond, 1999.

GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GONÇALVES, Ayrton Luiz. *Barra da Tijuca, de rua em rua*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2005.

GUIA do Patrimônio Cultural: bens tombados. 2 ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1992.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética - a idéia e o ideal*. Tradução O. Vitorino. Lisboa: Guimarães, 1959.

HESSEN, Johannes. *Filosofia dos Valores*. Tradução L. C. de Moncada. 4. ed. Coimbra: Armenio Amado, 1974.

HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Tradução A Correia. 6. ed. Coimbra: Armenio Amado, 1973.

HOSKEN, Carvalho S.A. *Barra da Tijuca, Ano 2000 – Trajetória para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Holística, 1996.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Tradução Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JOLIVET, R. . *Curso de Filosofia*. Tradução E. P. de Mendonça. Rio de Janeiro: Agir, 1953.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do juízo*. Tradução Valério Rohden, Antonio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

LEITÃO, Gerônimo. *A Construção do Eldorado Urbano: o plano piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988*. Niterói: EdUFF, 1999.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis*. Uma reflexão em busca da auto-estima. 2 ed. Rio de Janeiro : Record, 2001. Coleção Metrópolis.

LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma estética*. Tradução C. N. Coutinho e L. Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LYNCH, Kevin. *A imagem da Cidade*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução R. C. Barbosa. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MARTINS, Maria Clara Amado. Barra da Tijuca – Um bairro entre a Ética e a Estética. *Cidade da Barra*. Rio de Janeiro, ano III, n. 34, p. 3, abr. 2004.

MARTINS, Maria Clara Amado. A crítica da arquitetura na discussão da ética e da estética . Barra da Tijuca, um estudo de caso. In: I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA – PROJETAR, 2003, Natal. *Caderno de Resumos*, Natal: UFRN, 2003. p. 61.

MARTINS, Maria Clara Amado. Barra da Tijuca. Uma arquitetura entre a ética e a estética. *CREA RJ em Revista*. Rio de Janeiro, n. 49, p. 16-19, fev. 2005.

MELO, Hygina Bruzzi de. *A Cultura do Simulacro*. Filosofia e Modernidade em Jean Baudrillard. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

MONTANER, José Maria. *Modernidade Superada. Arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Tradução Esther Pereira da Silva e Carlos Muñoz Gallego. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. 3. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. Tradução Maria Margherita De Luca. 1. ed. São Paulo: Globo, 2005.

ORSINI, Elizabeth. *Os Emergentes da Barra*. São Paulo: Relume Dumará, 1996.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. Tradução Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PASCAL, Georges. *O Pensamento de Kant*. Tradução Raimundo Vier. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

PIGNATARI, D. *Semiótica da Arte e da Arquitetura*. 10. ed. S. Paulo: Cultrix, 1995.

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; CANEDO, Eliane . *Barra da Tijuca : a construção do lugar*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

PISCHEL, Gina. *História Universal da Arte*. Tradução Raul de Polillo. Milão: Arnaldo Mondadori, 1966. 3 v.

PONTY, Merleau. *O visível e o invisível*. Tradução José Artur Gianotti; Armando Mora d'Oliveira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

QUINTAS, Avelino Manuel. *Introduccion a la Ética*. Roma: Edizioni Internazionali Sociali, 1960.

REZENDE, Vera, LEITÃO, Gerônimo. *O Plano Piloto para a Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá*. Intenções e realizações após três décadas. Rio de Janeiro: CREA-RJ/UFF, 2004.

ROSENFELD, Denis (Org.). *Ética e Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCRUTON, R.. *Estética da Arquitetura*. Tradução M. A. Belo. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOURIAN, E. *Chaves da Estética*. Tradução C. A. Belém. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

SOURIAN, E. *La correspondência de las artes*. Tradução M. Nelken. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

STRICKLAND, Carol. *Arquitetura comentada*. Tradução de Fidelity Translations. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

SUBIRATS, Eduardo. *Da vanguarda ao pós-moderno*. Tradução Luiz Carlos Daher e Adélia Bezerra de Menezes. São Paulo: Nobel, 1984.

TAINÉ, Hipólito. *Filosofia del Arte*. Tradução C. G. Kraak. 3. ed. Buenos Aires: El Ateneo, 1951.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Tradução João Dell'Anna. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1970.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

Zevi, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. Tradução Maria Isabel Gaspar; Gaetano Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

PERIÓDICOS

ALMEIDA, Livia de; CERQUEIRA, Sofia. Um jeito diferente de ser carioca. *Veja*, Rio de Janeiro, ano 39, 15 nov. 2006. *Veja* Rio ano 16, n. 45, p. 18-21.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6027*: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6028*: resumos. Rio de Janeiro, 1990.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520*: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BRAGA, João Ximenes. Assim não é se lhe parece. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 dez. 2000. Segundo Caderno, p. 1-2.

BOGOSSIAN, Fancis. O Rio merece um projeto urbanístico. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 jun 2007, p. A 11.

CIDADE da Música: concertos e óperas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2006. Suplemento Especial, p. 14.

CABAN, Isabela. Toxina ameaça o banho na Praia da Barra. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 10, 7 out. 2007.

CASA E JARDIM. São Paulo: Monumento S. A. , n. 52, mai. 1959.

GUIMARÃES, Cleo. *O Globo*. Rio de Janeiro, 3 ago. 2007. Segundo Caderno, Coluna Gente Boa, p. 3.

MEZZONATO, Vânia. Barra: o futuro é aqui. *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 nov. 2006. Suplemento Especial, p. 1.

MORAIS, Frederico. O brilho, a gula e a luxúria na exposição de Lygia Pape. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1976, p. 3.

NA BARRA, o refúgio para uma nova forma de viver. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, mai. 1976, p. 24-26.

O PARAÍSO dos centros comerciais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 mar. 2007. Barra, p. 18.

O RIO corre para a Barra. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, mar. 1975, p. 27.

OCUPAÇÃO da Barra: a idéia que agora se torna realidade. *Revista Ademi*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, jul. 1975, p. 36.

PALMEIRO, Tito Marques. A Estética de Kant. *Gávea*: revista semestral do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil da PUC. Rio de Janeiro, n. 8, p. 36-43, 1996.

PIPAS tomam o céu da Barra à noite, mas uso de cerol ameaça espetáculo. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 20 ago. 2005, p. 17.

Preço dos imóveis no Rio de Janeiro (R\$). *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 out. 2007. Morar Bem, p. 2.

PROGRESSO sem ordem. *CREA RJ em Revista*. Rio de Janeiro, n. 49, p. 20-21, fev. 2005.

RODRIGUES, Luciana. Era uma vez um balneário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1999. Morar Bem, p. 1.

SANTOS, Joaquim Ferreira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 jun. 2006. Segundo Caderno, p. 3.

SCHMIDT, Selma. População cai em 113 bairros do Rio até 2020. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 33, 23 mai. 2004

SOLER, Alessandro. Um shopping que cresceu junto com a Barra e virou modelo de consumo. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 35, 22 out. 2006.

SORRIA, você está na Barra! *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 nov. 2006. Suplemento Especial, p. 2.

VENTURA, Zuenir. Enfim, um prédio que lê. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 4, 25 nov. 2007.

SITES

<www.vitruvius.com.br>, consultado no dia 12 de setembro de 2007, às 23 horas

<www.barraworld.com/html_800/oshopping.htm>, consultado no dia 10 de outubro de 2007, às 19 horas.

<www.peninsulagreen.com.br>, consultada no dia 15 de setembro de 2007, às 22 horas.

<www.barracineontemetc.com.br>, consultada no dia 12 de agosto de 2007, às 13 horas.